

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

SUELI FERREIRA SCHIAVO

**COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO -
Influência da mídia eletrônica sobre
crianças de 0 a 6 anos hiperexpostas
às imagens técnicas**

**SÃO PAULO
2018**

SUELI FERREIRA SCHIAVO

**COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO -
Influência da mídia eletrônica sobre
crianças de 0 a 6 anos hiperexpostas
às imagens técnicas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, - UNIP, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

**SÃO PAULO
2018**

Schiavo, Sueli Ferreira.

Colonização do imaginário : influência da mídia eletrônica sobre crianças de 0 a 6 anos hiperexpostas às imagens técnicas / Sueli Ferreira Schiavo. - 2018.

110 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de Concentração: Contribuições da mídia para a interação entre grupos sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

1. Criança. 2. Mídia. 3. Hiperexposição. I. Contrera, Malena Segura (orientadora). II. Título.

Ficha elaborada pelo Bibliotecário Rodney Eloy CRB8-6450

SUELI FERREIRA SCHIAVO

**COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO -
Influência da mídia eletrônica sobre
crianças de 0 a 6 anos hiperexpostas
às imagens técnicas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____/____/____
Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera
Orientadora
Universidade Paulista

_____/____/____
Prof. Dr. Paolo Demuru
Universidade Paulista

_____/____/____
Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista

_____/____/____
Prof.^a Dr.^a Ines Silvia Vitorino Sampaio
Universidade Federal do Ceará

_____/____/____
Prof. Dr. Fabio Henrique Ciquini
Faculdade Cásper Líbero e Universidade Cruzeiro do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo, meus filhos e netos, à minha Orientadora, aos demais Pesquisadores *Seniors*, em formação e demais membros do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário, à CAPES que me concedeu a bolsa, às contribuições dos meus colegas nos debates em sala de aula, aos membros da Banca, à Secretaria e ao corpo docente e administrativo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, à Revisora, aos que participaram do processo de finalização e a todas as demais pessoas que me incentivaram e torceram pela sua concretização.

AGRADECIMENTOS

Uma produção acadêmica desta natureza se constitui de forma coletiva, não se trata de um trabalho individual, é obtido a partir dos esforços de muitas pessoas.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que houvesse a mudança na legislação que permitiu que fosse eliminado, do texto da legislação anterior, a limitação sobre pessoas que estivessem “há dez anos para se aposentarem”, e que estas pudessem fazer uso de bolsa de estudos pela CAPES para o *stricto sensu*.

Agradeço à minha Orientadora, Profa. Dra. Malena Segura Contrera, por ter abraçado comigo esta causa e *in memoriam* ao Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal.

“Todo mundo tem direito à igualdade
quando a diferença discrimina,
e todo mundo tem direito à diferença
quando a igualdade descaracteriza”.

Boaventura de Souza Santos

(SANTOS, 1999, p.62)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as repercussões da ausência de mediação ou monitoramento dos pais sobre o uso da mídia eletrônica pelas crianças de 0 a 6 anos, uma vez que se considera que a exposição de crianças à mídia eletrônica afeta a cognição, as emoções, os valores sociais e tem impacto representativo em caso de hiperexposição. Observa-se que, na sociedade contemporânea capitalista, a produção de conteúdos mediáticos visa prioritariamente a obtenção de resultados que promovem o consumo e que atendem especificamente a interesses privados. Este trabalho buscou fundamentar o conceito de infância nas visões de pesquisadores de diferentes disciplinas, analisando como a hiperexposição no uso da tecnologia eletrônica pode afetar o corpo (sensorial, emocional e cognitivamente), e de que forma isso pode ser entendido como possível abandono da criança. Trata-se de um estudo teórico qualitativo, que faz uma pesquisa bibliográfica e documental nas bases de dados sobre o que já foi observado por outros estudos e experimentos especializados nessa temática, com crianças urbanas, de ambos os sexos, na faixa etária referida, de diferentes núcleos familiares e condições socioeconômicas diversas. O referencial teórico se fundamentou em autores tais como Antônio Damásio, Christoph Wulf, Nicholas Carr, Norval Baitello Jr., Vilém Flusser, entre outros, dentro de uma visão da Comunicação pautada pela Teoria da Complexidade de Edgar Morin, que possui uma perspectiva conjuntural. Procura avaliar contextos para além dos fenômenos isolados, por isso uma tendência naturalmente interdisciplinar, com certo grau de paradoxalidade de fenômenos vivos, incluindo os de Comunicação Social, o que fica evidente quando se analisa o protagonismo dos pais e responsáveis no acompanhamento.

Palavras-chave: criança, mídia, hiperexposição.

ABSTRACT

This research aims to study the repercussions by the lack of mediation or monitoring by parents related to the use of electronic media by children from 0 to 6 years old, considering that the exposure of children to this type of media affects the cognition, the emotions and the social values and has representative impact in case of hyperexposure. It observes that, in contemporary capitalist society, the mediatic content production aims, primarily to get results that promote consumption and that answer to private interests. This work searched to substantiate the concept of childhood in the visions of different disciplines, analysing how hyperexposure in the use of electronic technology can affect the body (sensorial, emotional and cognitively), and in what way this can be understood possibly as child abandonment. It is a theoretical and qualitative study, that makes a bibliographic and documental research in data bases about what has been already observed by another specialized studies and experiments on this topic, with urban children, of both sexes, in the referred age range, of different family nuclei and diverse socioeconomic conditions. The theoretical reference is fundamented in authors such as António Damásio, Christoph Wulf, Nicholas Carr, Norval Baitello Jr., Vilém Flusser, and others, inside the vision of Communication based by Edgar Morin's Theory of Complexity, that has a conjunctural perspective, tries to assess contexts beyond the isolated phenomena, thus naturally interdisciplinary trend, with a degree of paradoxality of living phenomena, including Social Communication, that is evident when it is analysed parenting role or people responsible for monitoring.

Keywords: child, media, overexposure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -- Motivos que levaram crianças ao acolhimento institucional	75
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos capítulos e do Apêndice com a síntese sobre o que trata. .	22
Tabela 2 – Relação das pesquisas levantadas	109
Tabela 3– Demonstrativo do número de pesquisas levantadas e origem.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária

EBC – Empresa Brasileira de Comunicação S/A

IPEA – Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública

RSF – Repórteres sem Fronteira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO I - PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA INFÂNCIA.....	23
1.1 O que apontam alguns dos estudiosos da infância	23
2 CAPÍTULO II – SOBRE O USO DA TECNOLOGIA E DAS IMAGENS TÉCNICAS	36
2.1. Sobre o que apontaram as pesquisas selecionadas	36
2.2. Sobre a diferença entre técnica e tecnologia – a tecnologia como “progresso”	38
2.3. Imagens técnicas e os aparatos tecnológicos	45
2.4. Sobre as implicações sobre o corpo	50
2.4.1. Como a mimese e a empatia são afetadas pelo uso da tecnologia	54
2.5. Sobre o conceito de imaginário	60
3 CAPÍTULO III – O ABANDONO DO HUMANO	66
3.1. Sobre a restrição afetiva	66
3.2. Sobre as diferentes situações de abandono	70
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE	99

INTRODUÇÃO

Pela frequência em que está presente na vida das pessoas, a mídia¹ atinge processos de subjetivação na constituição do imaginário, que estão relacionados com a forma de apreensão do mundo (SODRÉ, 2015, 2002). Pesquisas nacionais e internacionais, conforme observado na construção deste estudo e constantes no Apêndice, analisam a condição de vulnerabilidade das crianças em função de estarem muitas horas diárias expostas à mídia eletrônica, sem o acompanhamento mediado por adulto, e o que isso pode representar para o seu desenvolvimento.

Entende-se que na contemporaneidade o conhecimento histórico, cultural e científico pode ser utilizado na produção e distribuição de conteúdos visando obtenção de resultados que promovem manipulação por cultura de massas, no sentido que Morin (2002) observa, e que atendam especificamente a interesses privados². Neste caso, a atenção implica que isso pode estar acima do cuidado necessário com a infância. É importante ponderar que “A 'manipulação' – não se associa necessariamente a um valor negativo [...] o problema moral é quando o beneficiário da manipulação é o manipulador” (CFP, 2008, p. 11). Rádio e televisão³ são suportes midiáticos mais frequentes de serem encontrados, porque no caso da Internet, por uma questão de evolução da tecnologia, ainda são atendidos uma porcentagem menor de lares, apesar de que há alguns pontos públicos em que pode haver condição de acesso por meio de rede *Wifi*⁴. Mas onde a mídia eletrônica está presente, é muito provável que a criança tenha algum acesso, por meio de aparatos eletrônicos, e que isso pode não estar sendo acompanhado e mediado por um adulto. Pesquisas demonstram que há desconhecimento sobre os riscos associados, uma vez que isso não representa um mero entretenimento. Desde o início deste projeto, quando esta autora comenta o objeto de estudo com outras pessoas, recebe informações ilustrativas de diferentes casos. Tratam-se de exemplos com crianças de até 6 anos

¹ Aqui estamos visando conceituar completamente mídia como meio, promotora das mediações e como ambiente comunicacional.

² “Raio X da ilegalidade: políticos donos da mídia no Brasil”. Intervozes, Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29753>>. Acesso em 10.02.2018.

³ VASCONCELLOS, Paulo. Franklin Martins: “todas as concessões são reguladas. Só rádio e televisão não”. Mídia. Carta Maior, SP, 29/03/2014. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Franklin-Martins-todas-as-concessoes-sao-reguladas-So-radio-e-televisao-nao-/12/30592>>. Acesso em 19.05.2014.

⁴ Na cidade de São Paulo, por exemplo, em abril de 2015, é informada a existência de 120 pontos de acesso por rede pública de *Wifi*. Disponível em: <<http://wifilivre.sp.gov.br/index.php>>. Acesso em 20.10.2016 (PMSP, 2015).

de idade no uso da mídia eletrônica, com relatos de familiares ou de outras pessoas, que observaram o uso por tempo muito acima do desejado pelo bom senso. Surpreende nos relatos que a pessoa tem uma crítica sobre a situação observada no sentido de uma preocupação, como se algo extrapolasse expectativas. Convida-se o leitor a refletir sobre eventual exemplo que possa existir em sua própria experiência pessoal.

No Brasil⁵, as concessões públicas de mídia são operadas na sua maioria por conglomerados privados⁶. Diferentes grupos empresariais no segmento de mídia⁷ fazem significativos investimentos, aplicam recursos em processos de desenvolvimento tecnológico, empregam profissionais de diversos campos de atuação na obtenção de resultados comerciais⁸. A questão da influência dos conteúdos veiculados pela mídia sobre as crianças não é tema em discussão na sociedade. Entretanto, a mídia ocupa várias horas do tempo diário de crianças, adolescentes e adultos, e a influência que estes recebem é fato visível. Na busca de conscientização sobre o assunto, este estudo se propõe a contribuir no sentido de apontar fundamentos e pesquisas sobre o uso da mídia eletrônica por crianças.

Pode-se encontrar no prefácio de *Antropologia da Educação*, de Christoph Wulf (2005), como a preocupação com a mídia e a relação com a infância têm presença internacional. Segundo comenta Pedro Goergen, é "surpreendente o domínio da imagem que se impõe em todos os momentos da vida e marca a criança desde os seus primeiros dias, particularmente em decorrência de sua enorme exposição aos meios de comunicação como televisão e Internet" (GOERGEN, 2005, p. 15). Estudos

⁵ "Conquistas da Constituição Federal de 1988 (que previu nos artigos 220 a 224 questões importantes relativas à comunicação) nunca foram regulamentadas. Já se previa em 1988, por exemplo, a composição de Conselhos de Comunicação Social, assunto ainda considerado tabu nas discussões" (SCHIAVO, 2013, p. 15).

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 22.05.2014.

⁶ MARINONI, Bruno. Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil. In: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, Análise N° 13/2015, nov/2015, Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, São Paulo.

⁷ "Donos da Mídia" demonstra como tais veículos se organizam, destacando o papel estruturador das redes nacionais de televisão, especialmente as cinco maiores: Globo, Band, Record, SBT e Rede TV!. Há 33 redes de TV, às quais estão ligados 1.415 veículos, geralmente através de grupos afiliados. As redes de emissoras de rádio FM e OM somam 21". Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=21942>>. Acesso em 10.02.2018.

⁸ "Brasil tem pior cenário de pluralidade da mídia em 12 países analisados pelo RSF". Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-02/brasil-tem-pior-cenario-de-pluralidade-da-midia-em-12-paises>>. Acesso em 10.02.2018.

realizados pelo IPEA (2011)⁹ apontam situações que comprometem a vida familiar urbana. Contribuem para esta condição, observada pelo IPEA (2011), fatores tais como: o modelo de sociedade em que os núcleos familiares têm composição muito distinta, situações em que ambos os pais trabalham, a frequência de pais separados que cuidam isoladamente de seus filhos, rotina familiar agitada em função de tarefas domésticas e tempo em deslocamentos. É menos frequente encontrar a grande família, com a presença de membros de diferentes gerações que convivem em um mesmo ambiente, em que os papéis sociais estão melhor distribuídos e cooperam mutuamente. Na vida urbana, o papel da mulher que acumula diferentes funções pode se apresentar de forma sobrecarregada. Estatísticas sobre a violência contra a mulher¹⁰ que se constituem de diferentes formas, assumem níveis elevados em um modelo de sociedade que apresenta situações em que se culpabiliza a vítima (VILELA, 2018; VERDÉLIO, 2016)¹¹. A culpabilização das mães, juntamente com o agravamento da dificuldade com a educação das crianças, pode estar gerando desinteresse em ter filhos por casais que possuem melhor condição econômica do que a maioria. Além disso, tem se observado a divulgação de casos de crianças recém-nascidas que são abandonadas das mais diferentes formas¹². Estas questões, que por si só tornam esse tema um desafio relevante para a sociedade, não estão isoladas, compõem um cenário que exige atenção com outras de âmbito político, econômico e cultural, conforme será delimitado para este estudo.

Com veemência, representantes de empresas de mídia descaracterizam a importância do debate¹³ sobre conteúdos. Defendem sua liberdade de impor o

⁹ “Retrato das Desigualdades - gênero e raça”. 4a. ed. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em 18.09.2017.

¹⁰ “Brasil tem quase 900 mil processos sobre violência contra a mulher em tramitação (EBC, 2017). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/brasil-tem-quase-900-mil-processos-sobre-violencia-contra-mulher-em>>. Acesso em 10.10.2017.

¹¹ “A pesquisa do Datafolha, encomendada pelo FBSP, mostra que 42% dos homens e 32% das mulheres concordam com a afirmação: “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”, enquanto 63% das mulheres e 51% dos homens discordam” (VILELA, 2018). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/machismo-leva-culpabilizacao-da-vitima-de-violencia-sexual-diz>>. Acesso em 10.02.2018.

VERDÉLIO, Andreia. Machismo leva à culpabilização da vítima de violência sexual, diz especialista. EBC - Agência Brasil de Comunicação. Direitos Humanos. Publicada em 21.09.2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/machismo-leva-culpabilizacao-da-vitima-de-violencia-sexual-diz>>. Acesso em 10.02.2018.

¹² “Recém-nascida é abandonada em caixa de papelão na Bahia” (G1, 2017). Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/rece-nascida-e-abandonada-dentro-de-caixa-de-papelao-na-bahia.ghtml>>. Acesso em 17.09.2017.

¹³ Esta autora participou a convite de debate sobre propaganda subliminar: NASSIF, Maria de Fátima, SCHIAVO, Sueli Ferreira. *Roda de conversa: publicidade dirigida à crianças e propaganda subliminar. In: 2a. Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. CFP. São Paulo, 22.09.2012.*

conhecimento que obtêm, os recursos tecnológicos de que dispõem e como isso se constitui na forma de poder social que representam. A influência que exercem sobre o comportamento de crianças desafia a condição de diálogo e soluções negociadas. A 1a. Conferência Nacional de Comunicação¹⁴, que ocorreu em 2009, em que esta autora esteve na composição da delegação do Estado de São Paulo, foi uma oportunidade de observar que é fato a dificuldade do diálogo de representantes da sociedade civil¹⁵, sempre caracterizados como telespectadores ou usuários dos serviços, com representantes dos conglomerados de mídia. Não há abertura para tratar sobre assunto relacionado ao interesse coletivo. Isso reafirma a importância da construção de argumentos de base científica contribuindo para ações políticas no sentido de promover reflexão e movimentação na busca de soluções que atendam aos diferentes grupos sociais. Isto porque se considera que o governo brasileiro segue aliado ao mercado e à lógica sob a ótica do capitalismo, assim não se pode esperar que essas instâncias espontaneamente tomem ações que possam interferir no interesse privado. Nesse sentido caberá à sociedade civil protagonizar o trabalho de conscientizar os órgãos públicos e reivindicar as adequações necessárias, conforme já vêm fazendo algumas entidades, por exemplo, o Instituto Alana¹⁶.

Conforme observado por esta autora, a partir da elaboração de pareceres técnicos solicitados por órgãos públicos ao Sistema Conselhos de Psicologia¹⁷ entre os anos de 2010 e 2017¹⁸, algumas temáticas têm ocupado e merecido o rigor de atenção da sociedade civil na atualidade. É importante destacar que os pareceres se trataram de representações movidas por entidades da sociedade civil e pessoas comuns da sociedade. Foram apontados, como alvo, os conteúdos midiáticos dentro de um modelo de produção e consumo que conta com investimentos significativos, mas de questionável alcance quanto ao atendimento da garantia de direitos e a

¹⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 1, 2009. Brasília, DF. Caderno 1ª CONFECOM. Publicação do Ministério das Comunicações. Edição Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 10.06.2010, 204 p.

¹⁵ Caracteriza-se por entidades, movimentos sociais e pessoas que se organizam para ocupar posições de representação do interesse da maioria da população. (nota desta autora).

¹⁶ Instituto Alana. Criança a alma do negócio. Disponível em: <<http://defesa.alana.org.br/post/28846064502/crianca-a-alma-do-negocio-mostra-como-no-brasil>>. Acesso em: 16.05.2014.

¹⁷ CFP. Contribuições da Psicologia para a 1ª Conferência Nacional de Comunicação. Brasília, DF: CFP, 2009. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/12/confecom.pdf>>. Acesso em 21.12.2012.

¹⁸ O Sistema Conselhos de Psicologia é formado pelo Conselho Federal – www.cfp.org.br, e os Regionais, neste caso, tratou-se do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – www.crpso.org.br.

proteção de crianças. Parece haver dificuldade em conciliar interesses econômicos de grandes conglomerados privados com o interesse público da qualidade da educação e do desenvolvimento saudável das crianças. Entre as temáticas a serem destacadas estão:

a) Casos em que o apelo publicitário está se dirigindo diretamente à criança e não ao adulto responsável pela criança. Ainda são encontrados também casos em que há referenciais de comportamento para a criança implicando crenças, valores e formas de adultização.

Por se tratarem de pessoas em desenvolvimento, crianças são vulneráveis e tendem a acreditar naquilo que veem e ouvem, principalmente no caso de conteúdo elaborado de forma incisiva, que direciona a atenção, apela para “vantagens”, destaque ou diferenciação no grupo social. No estágio em que se encontra, a criança ainda não dispõe da estrutura cognitiva e desenvolvimento emocional presente no adulto para lidar com os conteúdos apresentados na publicidade¹⁹. A adultização aqui mencionada é entendida como uma forma de indução da criança a adotar um comportamento que é próprio do adulto, o que caracteriza uma violência simbólica contra o período da infância. Expõe-se a criança às pressões sociais, porque tensiona e interfere para mudanças de comportamento. A gravidade disso é a exposição a possíveis situações que tornam mais vulneráveis tanto a criança quanto a sua família, ao promover apelo à competição, preocupação em agradar, exposição sistemática a possíveis situações de inadequação. O que precisa ser observado é que a natureza humana é gregária, e a criança busca seu lugar no mundo para interagir socialmente, encontrar uma identidade, ser aceita, criar vínculos e participar de grupos de pertencimento. A sociedade civil precisa estar atenta aos usos que podem estar sendo feitos dessa condição humana para auferir resultados quanto ao consumismo, aqui entendido como um processo que promove dependência²⁰.

Publicada no início de abril de 2014, a Resolução nº 163 do Conanda²¹,

¹⁹ A publicidade é autorregulamentada, isto é, os próprios produtores de conteúdos para publicidade é que a regulamentam. O órgão é o CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária. Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária. São Paulo: CONAR, 1980. Disponível em: <<http://www.conar.org.br/codigo/codigo.php>>. Acesso em 22.05.2014.

²⁰ Esta questão será aprofundada nos Capítulos II e III.

²¹ BRASIL. Secretaria da Direitos Humanos. CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Norma 163 de 13 de março de 2014. “Dispõe sobre a abusividade do direcionamento

Conselho Nacional dos Direitos de Crianças e Adolescentes, “Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente”. Esse é instrumento legal específico para contribuir na garantia de direitos junto com outros instrumentos legais. Isso em si não garante que será cumprido, o acompanhamento da sociedade civil é indispensável para apontar situações que se enquadram em violações²².

A diluição do *merchandising* em conteúdos de programação dificulta para a criança perceber a diferença entre o que é conteúdo do programa e o que é publicidade, principalmente quando o que se está ofertando são objetos que despertam o desejo e que nem sempre são possíveis de aquisição por famílias de diferentes condições sociais. Pelo texto de Néstor Garcia Canclini, pode-se entender como nas sociedades contemporâneas as relações de consumo constituem a sensação de pertencimento e de distinção, “se os membros de uma sociedade não compartilhassem os sentidos dos bens, se estes só fossem compreensíveis à elite ou à maioria que os utiliza, não serviria como instrumentos de diferenciação” (CANCLINI, 1996, p. 55-56).

A questão é que não se trata apenas de hábitos de consumo e sim de assimilação de valores e comportamentos embutidos nas práticas de consumo.

Norval Baitello Jr. (1998; 1999; 2003), promovendo uma análise do estudo de Harry Pross (1989; 1980; 1991), lembra que o abuso de imagens com ritualismos, sensacionalismos, relacionados com questões de diferenciação social, podem promover a estimulação ao consumo pelas crianças e levar a situações de dependência. Uma situação que possa ocorrer de dependência no consumo das imagens é semelhante ao que acontece com as pessoas que abusam do uso do álcool e de outras drogas, pois desencadeiam reações comportamentais que suscitam atenção social. É preciso refletir sobre esse modelo de sociedade que pode estar usando a mídia como uma forma de poder de sedução e de influência sobre o comportamento de crianças, “traz à tona a materialidade complexa da comunicação humana e a necessidade de uma abordagem igualmente complexa e transdisciplinar para que se possa dar conta de entender o fascinante universo dos vínculos e seus

de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente”. D.O.U. No 65, sexta-feira, 4 de abril de 2014.

²² “Entenda a resolução que define a abusividade da publicidade infantil” (CRIANÇA E CONSUMO, 2014). Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/noticias/entenda-a-resolucao-que-define-a-abusividade-da-publicidade-infantil/>>. Acesso em 03.10.2017.

sistemas” (BAITELLO JR., 2003, p. 12). Vínculos aqui entendidos como enlaçamentos da atenção, uma ligação em um processo que exerce fascínio. Boris Cyrulnik (1997) fala sobre os vínculos afetivos como um “liame sensorial” que está presente nas argumentações e nos discursos que dizem respeito à estruturação da identidade social, como será visto no Capítulo II.

b) Exploração de uso do jogo com muitas imagens e formas de relação que implicam competição, banalização da violência e a influência de uma visão adulta de comportamento.

Há conteúdos de jogos com cenas de intensa violência que se impõem à criança na programação de televisão ou em aparatos tecnológicos. Tem um sentido que ultrapassa o período daquilo que se compreende como de formação educativa da infância. Isto se configura como uma outra forma de violência simbólica. A violência simbólica que acontece na ambiência social já está posta e, conforme caracteriza Harry Pross (1989, p. 33), “encarar a desigualdade significa desmontar a violência simbólica que há sobre nós”. Importante considerar a complexidade da desigualdade²³ que implica não só o aspecto econômico, mas também étnico/racial, de gênero, entre outros. Esse tipo de fenômeno contribui para promover a intolerância e a exclusão, espelha atividade que fica muito distante do que se espera de um modelo de sociedade mais integrativo com uma visão de compartilhamento de recursos e de noções sociais. Estabelece padrões de ganha-perde, sucesso-insucesso, pertencimento e não pertencimento, não levando em consideração a complexidade das interações sociais. Tratam-se de relações que promovem baixa no nível de tolerância e aumento de estresse. Geralmente quem desenvolve e vende esses conteúdos tecnológicos não se ocupa de pesquisar sobre o que poderá ser afetado no comportamento de quem joga. Restará aos pais, responsáveis e educadores conviver e contribuir para a solução de possíveis danos à educação e saúde de crianças que fazem uso frequente desses jogos eletrônicos com muitas imagens de

²³ “Ano a ano, pesquisas reforçam que o Brasil é um país desigual. Porém, um levantamento mostra que a concentração de renda é ainda mais alarmante do que as estatísticas oficiais reportam. Dados divulgados na quarta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, em 2017, as famílias da classe A ganharam 22 vezes a renda das famílias das classes D/E. No entanto, esse abismo social tem quase o dobro do tamanho – a diferença entre os extremos da pirâmide é de cerca de 42 vezes” (PAPP, 2018).

violência.

A pergunta de pesquisa refere-se a: o que os estudos científicos têm demonstrado de influência no comportamento cognitivo, emocional, de valores sociais, na vida da criança por ficar tantas horas exposta à mídia?

O que está problematizado neste texto é como a hiperexposição à mídia atua nas crianças. A mídia eletrônica é criada dentro de um modelo cultural que privilegia a visualidade em detrimento dos demais sentidos, como explicam Christoph Wulf (2009, p. 166), Norval Baitello Jr. (2005), entre outros.

O objetivo central deste estudo teórico é investigar, por meio de revisão bibliográfica e levantamento às bases de dados, o que representa a ausência de mediação ou monitoramento dos pais ou responsáveis sobre o uso da mídia eletrônica pelas crianças de 0 a 6 anos, somada à superexposição, analisar a influência dos padrões miméticos e de identificação gerados nas crianças e o que isto significa em termos da atenção à infância; sistematizar o conhecimento já produzido sobre esse tema.

A hipótese central considera que a ausência de mediação ou monitoramento dos pais, somada à superexposição à mídia eletrônica, ocasiona nas crianças superexpostas um quadro que aponta para consequências psicoemocionais e cognitivas.

Adotou-se o Método da Complexidade de Edgar Morin, que possui uma perspectiva conjuntural, procura avaliar contextos para além dos fenômenos isolados, por isso uma tendência naturalmente interdisciplinar, com certo grau de paradoxalidade de fenômenos vivos incluindo os de Comunicação Social, o que fica evidente quando se analisa o protagonismo dos pais e responsáveis no acompanhamento. A estratégia adotada é de um estudo teórico qualitativo, por revisão bibliográfica e documental nas bases de dados sobre o que já foi observado por outros estudos e experimentos especializados nessa temática, com crianças urbanas, de ambos os sexos, na faixa etária de 0 a 6 anos incompletos, de diferentes núcleos familiares e condições socioeconômicas.

Foram consultadas as bases de dados de pesquisas disponíveis na Internet tais como: Science Direct, Ebscohost, Periódicos Capes, Fapesp, entre outras. Foram utilizadas para a seleção das pesquisas as seguintes palavras: “criança”, “exposição”, “mídia eletrônica”, em português e inglês. Dentre os resultados de busca, para os critérios e processos de seleção de textos, foram analisados os levantamentos que

expuseram pesquisas válidas relacionadas com a contextualização do objeto desta pesquisa para o sujeito delineado neste estudo - compreendendo: artigos, teses, monografias, dissertações, resenhas - que constam no Apêndice.

Para este estudo, considera-se a complexidade e a necessária interdisciplinaridade da caracterização da infância. Optou-se pela seleção do público na faixa etária de 0 a 6 anos de idade. Inicialmente, isso se fundamentou nos trabalhos de Lev Vygotsky (2001) e Jean Piaget (1999) sobre a caracterização desse período de desenvolvimento da vida das crianças²⁴. Esses autores analisam em seus estudos que se trata de um período que envolve a formação cognitiva, o desenvolvimento emocional, de modo que aquilo que afeta a criança nesse período da vida constitui importância nas condições referenciais do crescimento. Posteriormente, foram levantados também os estudos mais recentes que trazem o entendimento de uma abrangência de fatores do que caracteriza a infância. Levantou-se a visão de diferentes autores, a forma como estes pensam a infância apresentando diferentes paradigmas, por exemplo, o paradigma biológico ou psicológico, o paradigma sociológico, entre outros. No Capítulo I, reúnem-se estas diferentes visões e se problematiza sobre essa fragmentação na percepção da infância frente à situação complexa dos desafios atuais. No Capítulo II, faz-se uma análise sobre o uso da tecnologia e das imagens técnicas, as quais estão na mídia eletrônica, o corpo, o que são mimetismos, a sedação pelas imagens. No Capítulo III, analisa-se a visão contemporânea do que pode significar uma forma de abandono da criança. No Apêndice estão relacionadas pesquisas selecionadas. O entretenimento, a espetacularização e o nível de sugestões que são transmitidas em texto, som e imagem constituem para uma criança pequena, frente a um aparato eletrônico, uma forma de colonização do imaginário. Isso será ilustrado pelas pesquisas selecionadas juntamente com a fundamentação teórica desenvolvida para este estudo.

O referencial teórico a ser utilizado para a compreensão da complexidade humana que está inserida dentro da visão do Imaginário Cultural²⁵, Noosfera, conforme Edgar Morin (1994), que reconhece a existência humana para além de seu momento histórico e social, considerando a cumulatividade da cultura, o “anthropos

²⁴ VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. 2001, Fonte Digital. Disponível em: www.jahr.org. Acesso em 22.04.2014. PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

²⁵ Referência ao Seminário Imaginário: Sociosfera ou Noosfera? Com a Profa Dra. Malena Segura Contrera, de 7/3 a 11/4/2016 realizado na UNIP - câmpus Indianópolis.

fundamental”. Para a compreensão dos fenômenos da produção cultural precisam ser consideradas inclusive questões arcaicas e primitivas da existência humana. Conforme explica Contrera (2016), “Para Morin, Noosfera é onde estão os seres do espírito, dimensão imaterial e simbólica da Cultura. A Cultura é onde estão os registros, produções concretas, práticas, rituais. O que pode ser sinônimo de Noosfera é o Imaginário Cultural”. Dentro da concepção de Noosfera, ou Imaginário Cultural, mais especificamente este estudo irá se ater ao que Morin (1994) classifica como seres cosmo-bio-antropomórficos, que representam o que é mais duradouro e estrutural, os símbolos, os mitos, a religião, que são da esfera da Cultura.

Entende-se que o estudo das imagens técnicas, conforme estudado por Vilém Flusser (2002), e o das imagens simbólicas, conforme estudado por Gilbert Durand (1993), contribuem para a compreensão do que está relacionado ao campo da magia, “ainda que a imagens não possam reduzir-se à sua função mágica, o universo das imagens, desenvolvendo-se, contribui por si próprio para o desenvolvimento da magia” (MORIN, 1975, p. 108). É importante distinguir neste ponto que esses autores têm uma visão teórica que se complementa. Entende-se que as imagens visuais, auditivas ou cinestésicas são fundantes na compreensão humana do mundo e se relacionam por meio da imaginação - por exemplo, a descoberta de cavernas como as de Lascaux, Chauvet, Altamira, entre outras, em que o homem primitivo produziu imagens que hoje revelam sua visão de mundo. Na contemporaneidade, o conceito de Mediosfera, defendido por Contrera (2010), representa dentro da Noosfera uma esfera mediática como um processo inflacionário, já que ocupa um espaço crescente na vida cultural. Isso compromete o equilíbrio da ecologia das imagens (ROMANO, 2004; CONTRERA; BAITELLO JR., 2006), prejuízos e riscos se evidenciam, porque só há atenção para o que atende aos interesses da cadeia produtiva capitalista como se buscará demonstrar isso adiante. Também estarão aqui compreendidos os conceitos de: mimese, sedação e sedução pelas imagens, entre outros.

Tabela 1 – Relação dos capítulos e do Apêndice com a síntese sobre o que trata.

Capítulo	Do que trata
1 – Problematizações acerca da infância	Apresenta o levantamento de estudiosos de diferentes disciplinas e visões sobre o fenômeno da infância.
2 – Sobre o uso da tecnologia e das imagens técnicas	Analisa o uso da tecnologia na contemporaneidade e as imagens técnicas. Analisa as implicações sobre o corpo, conceituação de fenômenos relacionados ao comportamento mimético, empático, a sedação promovida pelas imagens, entre outros.
3 – O abandono do humano	O abandono da criança relacionado à ausência de mediação ou monitoração no uso da mídia eletrônica.
4 – Apêndice	Pesquisas selecionadas.

1 CAPÍTULO I - PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA INFÂNCIA

Esta parte do texto será dedicada à observação sobre a complexidade que envolve o conceito atual de infância, seja pelos diferentes olhares que as diversas disciplinas posicionam acerca desse fenômeno humano, seja pela influência sobre as crianças que é exercida pela mídia eletrônica e outros entes sociais no processo de entretenimento, educação e socialização.

1.1 O que apontam alguns dos estudiosos da infância

Sarmiento (2005) apresenta um estudo sobre o trabalho de Corsaro (1997), que também mantém diálogo com Alan Prout. Em sua visão crítica, coloca Sarmiento,

O modelo construtivista exprime-se na psicologia social de Piaget, com os desenvolvimentos ulteriores, nomeadamente na psicologia de Kohlberg, e assenta na ideia central da existência de etapas de desenvolvimento cognitivo e socio-moral que podem ser conduzidas e estimuladas pela acção dos adultos, sendo que essa condução induz à aquisição de competências sociais. Mais atenta aos contextos sociais e às fracturas e fontes de estratificação, Vygotsky (1979) enfatiza o papel das crianças na aquisição da sua cultura social de pertença, através da internalização dos valores sociais e do desenvolvimento das capacidades linguísticas. O modelo construtivista, apesar de considerar o papel das crianças na reprodução social não analisa adequadamente as crianças enquanto co-construtoras das realidades sociais. Em contrapartida, as teorias de Corsaro (1997) inclui no quadro da "reprodução interpretativa", tem como pedra de toque a tese de que as crianças participam colectivamente na sociedade e são dela sujeitos activos e não meramente passivos (SARMENTO, 2005, p. 21-22).

Sarmiento (2005) apresenta a percepção de Corsaro (1997) sobre as teorias de Piaget e Vygotsky no que se relaciona com a questão geracional da infância, entendendo que a criança desempenha papel como um ente social e que isto, na visão desses autores, não estaria contemplado nas teorias citadas. Pelo que é possível entender, há uma diferenciação entre as formas de compreensão do fenômeno da infância por meio da fundamentação pelas diferentes disciplinas, Biologia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Pedagogia, entre outras. A questão “reprodutiva e interpretativa” que Sarmiento (2005) aponta sobre as teorias de Corsaro constituem o entendimento que esses autores fazem, que diferencia o grupo social da infância como receptor e também como indutor social. Pela visão de Sarmiento e Corsaro, “crianças são simultaneamente, actores sociais e agentes culturais” (SARMENTO, 2005, p. 22). Segundo Corsaro (2002), as sociodramatizações do brincar das crianças

contribuem para que estas se apropriem ativamente das rotinas do mundo adulto por meio da forma como elas interpretam esse mundo adulto.

A socialização é vista mais como um processo reprodutivo do que linear. O processo é reprodutivo na medida em que as crianças não se limitam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhe é externa. Pelo contrário, as crianças tornam-se numa parte da cultura adulta, i. é: contribuem para a sua reprodução através das negociações com os adultos e da produção criativa de séries de culturas de pares com outras crianças [...] Este processo de apropriação criativa pode ser visto como uma reprodução interpretativa, de acordo com a noção de dualidade da estrutura de Giddens [...] Assim, a estrutura é vista quer como constringendo quer como capacitando [...] as crianças produzem colaborativamente actividades de "faz-de-conta" que estão relacionadas com experiências das suas vidas reais [...] contribuição do brincar socio-dramático para a aquisição de competências comunicacionais e conhecimento social das crianças. (CORSARO, 2002, p. 113-115)

É necessário salientar que a visão de Corsaro (2002) e de Sarmiento (2005) considera a relação da criança com seus pares, o que significa espaço para o brincar e se relacionar com outras crianças e mesmo com outros adultos. Na visão desses autores, a criança, ao negociar com o adulto, promove sua interferência, assim como, ao interpretar o mundo adulto, acrescenta sua forma de pensar. Este presente estudo considera a importância desse espaço de relacionamentos para a infância, que é o de brincar e de se relacionar com crianças de menos ou de mais idade que a própria, assim como com outros adultos. Isso se coloca contrariamente à situação em que algumas crianças ficam expostas, conforme pesquisas têm demonstrado²⁶, em função do consumo de suas famílias sobre o uso de aparatos eletrônicos e Internet. Essas crianças podem estar isoladas por horas seguidas diariamente e se relacionando a distância de forma mediada pelo aparato eletrônico, conforme é possível se constatar na contemporaneidade.

Em experimento com crianças de 4 a 5 anos, de ambiente de classe média alta e classe menos favorecida, a percepção de Corsaro (2002) indicou que o brincar com os pares proporciona um partilhamento do que é percebido pelas crianças das situações da vida cotidiana e suas complexidades de modo interpretativo e que isso é

²⁶ "De acordo com o levantamento, o brasileiro gasta por dia 5 horas e 26 minutos na internet via computador ou tablet e mais outras 3 horas e 46 minutos conectado pelo celular. Ou seja, no Brasil, as pessoas permanecem online 9 horas e 13 minutos por dia, o que coloca o País como a terceira nação mais conectada do mundo. De acordo com o estudo, o primeiro e segundo lugares ficam com Filipinas e Tailândia, respectivamente." (R7, 2015). Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/estudo-revela-que-brasileiro-passa-mais-de-nove-horas-por-dia-na-internet-23012015?>>>. Acesso em 14.08.2017.

importante, porque contribui para desenvolver competências sociais. Sob essa posição de Corsaro (2002), reforça Sarmento (2005) que

Exprime a ideia de que as crianças, na sua interação com os adultos, recebem continuamente estímulos para a integração social, sob a forma de crenças, valores, conhecimentos, disposições e pautas de conduta, que, ao invés de serem passivamente incorporados em saberes, comportamentos e atitudes, são transformados, gerando juízos, interpretações e condutas infantis que contribuem para configuração e transformação das formas sociais. Deste modo, não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos [...] e assenta na ideia central da existência de etapas de desenvolvimento cognitivo e socio-moral que podem ser conduzidas e estimuladas pela acção dos adultos, sendo que essa condução induz à aquisição de competências sociais (SARMENTO, 2005, p. 20-22).

As oportunidades de relacionamento presencial promovidas pela participação de outras crianças e adultos na vida das crianças, principalmente as que estão na faixa etária de 0 a 6 anos de idade, representa condição de estas construírem formas de se relacionar, se apropriarem de significados e de promoverem sua própria interpretação sobre a vida social urbana. Conforme entende Corsaro (2002, p. 20), “mudar talvez o inevitável, trajetórias sociais injustas das crianças [...] requer não só uma mudança das estruturas sociais [...] mas também uma apreciação da complexidade e do poder das suas competências como atores sociais”. Para Corsaro (2002, 2005), que trabalhou em pesquisa etnográfica com crianças, a criação, desenvolvida pelas crianças em oportunidades de conviver e interagir com seus pares, promove um exercício de conhecimento e desenvolve competências sociais e culturais. Essa visão também se fundamenta na teoria da enação (em ação) de Varela (1992) que entende a cognição como desenvolvida pela ação do sujeito no mundo porque, segundo Varela o conhecimento não é dado, ele se constrói pela ação, na vivência de diferentes experiências que envolve a interação com as pessoas. Esse assunto é abordado no Capítulo III.

Em entrevista, Sarmento (2015)²⁷ exemplifica,

Ou seja, desse ator coletivo que é a criança que interage com os outros e continuamente vai produzindo formas onde vai modulando, vai interpretando o mundo, e que se exprimem, por exemplo, em desenhos em que as crianças

²⁷ RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmento: Infância, Corpo e Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, set. 2015, p. 11-37. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/2182/1153>>. Acesso em 18.07.2017.

repetem motivos nos desenhos uns dos outros, como por exemplo o sol que sorri, que tem olhos e é, portanto, transformado em ser humano, as borboletas que circulam por todo lado, mesmo quando está desenhando a sala de aula. (RICHTER; BASSANI; VAZ, 2015, p. 25).

Para Sarmiento, a aquisição de conhecimento no processo de interação infantil é uma construção social, que “transgride” o que está estabelecido, pela curiosidade de buscar formas de entendimento, por exemplo, sobre o tempo, o espaço e os elementos da natureza. Analisando sobre uma Pedagogia da Infância, que seria um espaço de aprendizado para uma ação ativa e influente no coletivo, entende Sarmiento (2015) que

Construção do sujeito no âmbito do diálogo entre culturas, desse trabalho de *tradução* capaz de permitir que a autonomia se amplie e, simultaneamente, se reforce a solidariedade e a compreensão do outro. Esse é um ponto absolutamente central: só pela afirmação da autonomia com solidariedade é que poderá ter verdadeiramente lugar uma Pedagogia da Infância, na medida em que é uma autonomia construída na base da compreensão do outro como igual. (RICHTER; BASSANI; VAZ, 2015, p. 27).

Essa visão reforça a necessidade de haver oportunidades coletivas na sala de aula e em outros espaços do dia para a criança se colocar e produzir sua condição de autonomia, presencialmente, sem discriminações e pela igualdade de direitos. Segundo Sarmiento (2015), isso representa algo para além daquilo com que professores e educadores trabalham com as crianças, não apenas,

Para que “vistam-se sozinhas”, “comam com garfo e faca”, “sirvam-se sozinhas”, “escovem os dentes sozinhas” etc [...] configuração do jardim de infância como uma cidade, uma polis, com toda a sua complexidade é, de fato, o desafio que se coloca, no meu ponto de vista, à educação da infância contemporânea: uma educação de múltiplas oportunidades, de expressão, de comunicação, de desenvolvimento das competências das crianças, incentivadora da multiplicação das formas de linguagem, mas fundamentalmente em que elas se sentem detentoras do poder de influenciar a vida coletiva [...] O que está aqui em causa é exatamente a possibilidade da afirmação do poder não violento. Essa é a grande questão. Um poder que seja capaz de se organizar em função do princípio do bem comum. As crianças são capazes de perceber isso rapidamente. (RICHTER; BASSANI; VAZ, 2015, p. 28-29).

Todo esse processo que proporciona oportunidades diversas, desenvolve-se tendo na escola um lugar central de acolhimento desses protagonismos. E por isso a centralidade da escola e do modelo educacional é evidente nessa proposição educativa de Sarmiento. Mas, como pensar essa realidade em um País que vê a escola

pública naufragar em autonomia, em qualidade e dignidade, essa é a questão. A concordância com o que propõe Sarmento refere-se à importância da presença do adulto para acompanhar e monitorar essas vivências bem como à igualdade de direitos. Outra visão crítica trazida por Sarmento, aqui se insere em sair do modelo adultocêntrico, em que a criança é vista como um ser em desenvolvimento a vir a ser um adulto, para um modelo em que a criança possa encontrar espaço de existência que lhe propicie uma condição social em que a situe dentro de seu segmento geracional, e que também contribua para uma percepção intergeracional. Daí a importância de uma política de proteção à infância como ela se dá.

Para Walter Benjamin (1984, p. 73), entender a infância como um adulto em miniatura trata-se de um racionalismo. Compreende Benjamin (1984, p. 75) que “comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser enculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras [...] Todo o hábito entra na vida como brincadeira”. Observa esse autor que a repetição do brincar - como o “fazer sempre de novo”, do início e mais uma vez - é um processo natural de formação de hábitos. Benjamin (1984, p. 67) explica que, “antes do século XIX a produção de brinquedos não era função de uma única indústria”. Esse autor explica que, a partir do processo de industrialização, irá se promover um distanciamento da infância em relação à família quanto ao brincar e à brincadeira. Para Benjamin (1984, p. 68), “quanto mais a industrialização avança, mais decididamente o brinquedo subtrai-se ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais”. Benjamin (1984) observa que há a falta da simplicidade ao brinquedo industrializado pois, para esse autor, a imaginação está em transformar materiais simples em brinquedos, o que anteriormente “ligava pais e filhos” em um processo criativo. Observa Christoph Wulf (2013, p. 79) que, “segundo a concepção de Benjamin, a criança experimenta o mundo mimeticamente. Como os antigos magos do passado, ela constrói semelhanças entre si e o mundo exterior: a criança ‘lê’ o mundo e nesse processo ‘cria’ correspondências”. Wulf (2013), considera que o mundo para a criança apresenta incertezas, insegurança e a partir da exploração perceptiva, pelo uso do corpo e seus diferentes sentidos - cheirar, tocar, degustar - a criança vai formando imagens mentais para tornar esse mundo mais familiar, menos assustador e poder se recordar dele na fase adulta. Entende Wulf (2013, p. 83) que “o encontro mimético com o mundo ocorre por meio de todos os sentidos, que se desdobram de sua sensibilidade no curso de todo esse processo”. Ao se relacionar de forma mediada por aparato

eletrônico a criança não percebe, por exemplo, o humor da outra pessoa, como ele se estabelece no contato pessoal. Dessa forma Wulf (2013) entende que uma capacidade mais sensível na vida adulta estará sendo construída no período caracterizado pelos espaços de desenvolvimento sensorial na infância.

Olhando por uma visão histórica da infância, para Neil Postman (1999) na obra, *O Desaparecimento da Infância*, o conceito de infância é recente, cerca dos últimos 400 anos. Esclarece que é de 374 d.C. a promulgação da lei de proibição ao infanticídio pelos romanos. Entende esse autor que o aparecimento da infância está relacionado com o período histórico da Renascença e da Grécia Antiga. Segundo Postman (1999), os romanos acrescentaram uma compreensão sobre as questões relativas a esse período da vida humana, estabelecendo noções em termos de proteção, tais como a noção de "vergonha" que tem a ver principalmente com a preservação em relação aos segredos sexuais adultos.

Antes de haver esse conceito de cuidados com a infância como um período do desenvolvimento humano onde se está mais vulnerável, segundo Postman (1999), as crianças eram entendidas como pequenos adultos, tinham a perspectiva de poderem ser exploradas, mesmo sexualmente, não havia segredos, não contavam com proteção social simplesmente por se tratarem de seres em processo de desenvolvimento físico, mental, emocional entre outras condições naturais da infância.

Postman (1999, p. 52) esclarece que a partir da necessidade de letramento, considerando que "um povo que lê desenvolve a capacidade de conceituar num nível mais algo de abstração do que o analfabeto", as crianças que possuíam melhor condição econômica começam a receber educação para a leitura e a escrita, ou seja, não são todas, porque, explica o autor, havia diferenciação de classe social. Isso torna a infância formada por uma população desigual, porque há diferenças no tratamento devido a diferentes condições socioculturais. Dessa forma, explica Postman (1999, p. 54), "Como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados". Essa separação entre crianças e adultos será então observada por esse autor como o que dá início a uma distinção da natureza desses dois grupos. Mais itens vão sendo distinguidos entre adultos e crianças, conforme esclarece Postman (1999, p. 56), por exemplo, "no final do século dezesseis o costume exigia que a infância tivesse roupas especiais", isto é, diferenciar a roupa da criança e do adulto. Esse tipo de distinção só é assegurado a quem tem condição

econômica, de modo que afirma Postman (1999, p. 58) "A infância começou indiscutivelmente como uma idéia de classe média, em parte porque a classe média podia sustentá-la".

A educação como um modo de obter uma acomodação cultural da infância é um processo conflituoso por natureza porque, explica Postman (1999, p. 59), "requer dos jovens um alto grau de concentração e serenidade que contraria suas inclinações". Esse autor discute em sua obra que o processo para o letramento ocorre por imposição do adulto à criança e não por uma escolha. Essa visão permite compreender o processo conflituoso no ambiente escolar, conforme entende Postman (1999, p. 64), "na verdade, a tarefa do adulto era preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto". Na visão desse autor, a infância, como um conceito socialmente aceito, constitui em seus primórdios um grupo social desigual relativo à condição de acesso a recursos de formação e desenvolvimento influenciado pelas condições socioeconômicas e culturais.

Conforme observa Philippe Ariès (1986) na obra *História social da criança e da família*, em um estudo que esse historiador faz da criança nos séculos passados, no século XVII entendia-se como a primeira idade até os sete anos. "A idéia da infância estava ligada à idéia da dependência" (p. 42). Com relação à vestimenta com vestidos e diferentes tipos de golas, sobre o século XVI, esse autor analisa que "tornou-se impossível distinguir um menino de uma menina antes dos quatro ou cinco anos, e esse hábito se fixou de maneira definitiva durante cerca de dois séculos" (p. 78). Sobre o século XVIII, quanto à distinção no brincar de meninos e meninas, observa que "as bonecas não se destinavam apenas às meninas. Os meninos também brincavam com elas. Dentro dos limites da primeira infância a discriminação moderna entre meninos e meninas era menos nítida" (p. 91-92). Segundo esse autor as crianças conviviam diretamente com os adultos e isso era no sentido de aprenderem os ofícios e também do entretenimento. Considera que "hoje em dia não temos mais idéia do que a música e a dança ocupavam na vida quotidiana" (p. 101). Segundo ele, a prática de instrumentos musicais contribuía para um processo de socialização despertado muito cedo e entre todas as classes sociais. Esclarece que "jogos, brincadeiras e divertimentos, ocupavam um lugar tão importante nas sociedades antigas" (p. 104). Esse autor entende que as atividades lúdicas, que faziam parte da forma de se comportar da sociedade antiga, resultava em facilidade de relacionamento entre adultos e crianças

Alan Prout (2010), analisando criticamente o contexto mais recente sobre uma Sociologia da Infância, considera que,

[...] na Sociologia interacionista desenvolvida principalmente nos Estados Unidos nos anos 1960. Esta problematizou o conceito de socialização, que torna as crianças muito passivas. Segundo, nos anos 1990, sobretudo na Europa, houve um ressurgimento (um tanto quanto surpreendente) da sociologia estrutural, que vê a infância como um dado permanente da estrutura social. Finalmente, nos anos 1980, na Europa e nos Estados Unidos, o construtivismo social problematizou e desestabilizou todo e qualquer conceito consagrado sobre a infância, lançando-lhe um olhar relativista. Este enfatizou a especificidade histórica e temporal da infância e dirigiu o foco à sua construção através do discurso. Esse trabalho foi realizado em um cenário de grandes mudanças sociais. O contexto era o complexo de fenômenos que a teoria sociológica designa hoje por termos como pós-fordismo, modernidade tardia, sociedade em rede da pós-modernidade e sociedade de risco.[...] esses termos referem-se a fenômenos como flexibilização da produção, deslocalização e "esvaziamento" das instituições, fragmentação das fontes de identidade, enfraquecimento do Estado-Nação e de sua ação reguladora, desilusão com o conhecimento racional e a especialização, um sentimento generalizado de incerteza, risco e insegurança, novas práticas de monitoração e reflexividade, a distribuição de normas de democracia, prestação de contas e participação, expansão das redes de conhecimento pondo em circulação ideias novas e mais diversas em ritmo cada vez mais acelerado, formas plurais de vida familiar, padrões de consumo diversificados e mudanças na participação no mercado de trabalho, no emprego e na economia global. A infância estava profundamente envolvida nesses fenômenos. Por exemplo, desde meados dos anos 1970, há sinais de uma crise cultural (ou representacional) da infância. Um indicador disso são os textos semiacadêmicos e populares dessa época que anunciavam o "desaparecimento da infância". Postman é bem conhecido, mas há inúmeros outros. Não seria muito difícil desmentir esses críticos. Mas o fato é que eles ajudaram a ver que as velhas ideias sobre a infância já não eram adequadas, que estava ocorrendo então, como ocorre ainda hoje, uma modificação no caráter da infância. Inclusive em alguns aspectos, esses críticos estão corretos ao assinalar o enfraquecimento das fronteiras entre a infância e a idade adulta (PROUT, 2010, 731-732).

Entende Prout (2010), em sua análise, que a Sociologia da Infância é algo ainda recente, encontra-se buscando contextualizar a infância diante dos diferentes desafios enfrentados na atualidade e que isto representa uma situação complexa. Conforme esse autor, pelo que é possível entender, no conjunto de uma disciplina sobre o que é a infância, não fica claro que outros aspectos observados por outras disciplinas estejam contemplados nas análises dos demais autores. Prout (2010) reforça a posição aqui apresentada, de Neil Postman (1999), sobre a proximidade de tratamento da infância com a vida adulta. Segundo Prout (2010), há diferentes correntes de estudos e exemplifica,

Atualmente existem duas linhas de abordagem do problema, nenhuma delas adequada. A primeira é a que chamo de "coexistência pacífica" [...] isso significou autorizar que diferentes sociologias da infância, localizadas em diferentes polos de uma dicotomia, seguissem caminhos separados, sem se preocupar muito em explorar o território que as conecta. Isso é evidente, por exemplo no texto de Bill Corsaro, *The sociology of childhood* (1997). A segunda é a que chamo de "jogo heurístico". É mais ou menos a estratégia sugerida em *Theorising childhood*, que escrevi com Alison James e Chris Jenks. Identificamos ali diferentes abordagens da Sociologia da Infância, situando-as em um conjunto de dualismos que, a nosso ver, caracterizam as crenças e os valores da teoria sociológica: ação e estrutura; identidade e diferença; continuidade e mudança; localismo e globalismo. (PROUT, 2010, 738).

Pela visão de Prout é possível considerar que o conceito e o entendimento do que seja a infância, como um fenômeno social, está em construção. Prout (2010) diferencia sua abordagem em relação à de Corsaro (1997) e apresenta diferentes percepções e a constituição de embasamentos teóricos. Propõe Prout (2010, p. 745): “ver a infância como algo que se produz dentro de um conjunto de relações [...] Assim, no mínimo, está aberta ao caráter híbrido da infância”. Para esse autor a infância se constitui e não está constituída *a priori*.

Essa visão da criança que se constitui em suas relações, que a infância não é algo que já está dado socialmente, também é compartilhada por Buckingham (2012), ao analisar a “criança-consumidora”. Buckingham (2012, p. 47) em sua visão questiona a percepção da criança “como um ser inocente, indefeso e incapaz de resistir ao poder da mídia”. Entretanto, esse autor reconhece em seus estudos que os “mercadólogos” desenvolveram novas técnicas que, segundo Buckingham (2012, p. 55), “são em geral 'enganadoras' ou furtivas no sentido de que suas intenções persuasivas não se mostram, como, por exemplo, através de mensagens comerciais embutidas em outros conteúdos”. Nesse ponto esse autor compreende que, com uso de recursos avançados para captar a atenção e o interesse, a criança se torna vulnerável. Conforme o estudo de Lelis (2016, p. 104), “nas estratégias de marketing, os filmes e desenhos com os seus personagens são utilizados para a venda de produtos e serviços relacionados a eles, não precisando necessariamente de propaganda”. Lelis (2016) observa que, na atualidade, o conteúdo também está dissolvido em propaganda e o interesse na construção de conteúdos audiovisuais para crianças tem diferentes interesses comerciais envolvidos. Buckingham (2012) considera que há um alto investimento em captar a atenção das crianças uma vez que, apesar de representar um alto montante de capital de risco, a produção

audiovisual para crianças pode ser muito significativa em termos de retorno financeiro para os investidores, mesmo apontando que as estimativas de quanto isto realmente significa possam variar de acordo com analistas. Nesse sentido, observa Buckingham (2012) que ações de marketing para captar a atenção das crianças envolvem a participação de diferentes saberes e atores sociais e analisa que,

“Epistemologias comerciais” (COOK, 2000) inspiram-se nas ferramentas criativas e etnográficas para acessar a “voz” das crianças, técnicas essas desenvolvidas dentro de disciplinas acadêmicas como Antropologia e Estudos Culturais. Por exemplo, pesquisadores chegam a visitar as crianças repetidamente em seus lares, passando longos períodos com elas nos espaços mais privativos como quartos e banheiros.[...] os pesquisadores têm acesso a novas informações que podem ser usadas comercialmente [...] Enquanto os ativistas frequentemente se alarmam com a natureza enganadora e invasiva de tais abordagens, para os mercadólogos, essas abordagens são uma maneira de “outorgar poder” [...] Estas novas práticas indubitavelmente suscitam novas questões éticas [...] o fato de que as crianças cada vez mais são abordadas e engajadas como participantes “ativos” não significa necessariamente que elas tenham maior atuação ou poder. (BUCKINGHAM, 2012, p. 56-60).

Buckingham (2012) levanta a necessidade de análise sobre a questão ética e vai além disso sobre a necessidade de também se conhecer como esses produtos que são tão publicizados são utilizados pelas crianças em seu cotidiano, de certo modo podendo distinguir pelo uso do brinquedo, se era um consumismo ou um interesse para a brincadeira. Afirma Buckingham (2012, p. 65) que “o ponto chave aqui é que não há muito sentido em abstrair o relacionamento das crianças com a propaganda, ou seu comportamento de consumidor, do contexto social e histórico mais amplo”. Isso é importante porque, orienta a forma como se olha o comportamento consumidor de uma criança em uma família altamente consumidora frente a outra criança de uma família sem poder aquisitivo, com menor condição para o consumo. Para esse autor, há desafios sobre as crenças atuais e ele reforça que o contexto histórico e social tem influência sobre como a criança se comporta em relação ao consumo das famílias. Entende Buckingham que,

Aprender a consumir é visto aqui não como uma questão de transmissão em uma via de mão única, dos pais à criança, mas, pelo contrário, como um processo de negociação envolvendo vários agentes sociais, em que múltiplos significados entram no jogo. (BUCKINGHAM, 2012, p. 64).

Esse autor, por exemplo, se refere a como consumir determinados itens como

uma forma de pertencimento de classe social. A complexidade observada por ele se relaciona ao conjunto de interesses de diferentes atores sociais, os *media*, a escola, a religião, entre outros envolvidos na relação com a criança. Buckingham (2012) também considera a questão de que a influência exercida sobre a pessoa consumidora não necessariamente tem relação com seu empoderamento, mesmo com uma “atividade” participativa do consumidor, isso não significa uma ação de autonomia.

Sobre a forma agressiva como a publicidade tem abordado o incentivo ao consumo, o *Dicionário da Comunicação* organizado por Ciro Marcondes Filho (2014), apresenta como informação no verbete Adgnose elaborado por Wilson Roberto Vieira Ferreira,

Para disseminar esse verdadeiro simbolismo do consumo ao longo do século XX, a publicidade empregou diversos recursos de uma espécie de "engenharia espiritual": técnicas comportamentais (behaviorismo e táticas subliminares), psicológicas (motivação, gratificação, cognição, necessidades, etc.) e psicanalíticas (compulsão e dependência oral, narcisismo, voyeurismo, erotismo etc.). Mas o que há em comum nessas técnicas é que tanto o psiquismo ou quanto o subconsciente, continuem atrelados à existência física do produto. No presente, a publicidade se propõe a um novo salto qualitativo paradoxal: fazer o produto desaparecer no anúncio, transformando-o muito menos em algo a ser adquirido que a ser experimentado como evento, jornada, descoberta ou renovação. (FERREIRA, 2014).

Para Ferreira (2014), a publicidade desde o seu início busca um “aspecto mágico e fetichista”, de modo que produza um encantamento e o desejo de consumo de determinado item. Isso encontra-se plenamente sintonizado à lógica do capitalismo. O modelo capitalista, segundo Sader (2011), “busca a produção e a comercialização de riquezas orientada pelo lucro e não pela necessidade das pessoas”. O desejo de consumo de determinado item pode ser despertado pela propaganda. O consumo do item determinado não necessariamente resolve alguma carência imediata que não aquela que foi estimulada pela propaganda. Isso também se relaciona com a complexidade dos exemplos de comportamento consumista adulto que a criança observa, dessa forma ela está recebendo diferentes estímulos.

Conforme os estudiosos observados serem de nacionalidades distintas, este estudo considera o que no Brasil se caracteriza formalmente como a infância, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente,

Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (BRASIL, 1990).

Portanto, no Brasil, o grupo social criança é conceituado sem discriminações de qualquer natureza. Para este estudo, conforme já apontado, foi feito o recorte entre 0 e 6 anos de idade.

Considera-se que a imagem representacional da infância que se possa fazer na sociedade contemporânea é desenvolvida de forma apoiada em uma visão idealizada pelos responsáveis pelas cadeias produtivas de produção, principalmente a de audiovisual e transmitida pelas imagens técnicas, por meio de rede de televisão fechada e aberta e em programas acessíveis em outros aparatos eletrônicos, como celulares e tablets, como será visto no Capítulo II.

Diferentes disciplinas apresentam distintos olhares sobre o fenômeno humano do período da infância. A experiência de alguns pesquisadores aponta que a infância tem relação com a condição socioeconômica, cultural, porque difere como são tratadas as crianças. Mesmo em um país com as dimensões do Brasil, em um mesmo Estado, pode haver crianças das áreas urbanas sendo tratadas diferentemente de crianças de áreas rurais, ou na periferia das cidades, nos núcleos comunitários em relação a áreas mais centrais e com maiores recursos. O que difere é o tratamento, o cuidado, a atenção que a criança recebe dos adultos em seu núcleo familiar e comunitário. Estar mais voltado para atividades que envolvem o incentivo da propaganda e publicidade para o consumo, por exemplo, em frequentes idas a shopping centers ou estar mais voltado para diferentes oportunidades para o brincar e o lazer ao ar livre, faz com que a criança também adote comportamentos distintos em um caso ou outro. O comportamento familiar e os ambientes em que a criança está presente influenciam sua forma de ver o mundo e espelhar esse modelo observado.

Uma criança muito voltada para o uso de aparatos eletrônicos pode ser sintoma da falta de oportunidade para desenvolver atividades livres, com outras crianças e adultos. A influência exercida pelos conteúdos de mídia eletrônica tende a manter o comportamento de seu uso. O tempo que uma criança fica envolvida assistindo ou acessando conteúdos de aparelhos eletrônicos fica restrito a uma questão da

disciplina familiar adotada, uma vez que, socialmente, o tema não é debatido para orientação de pais, familiares e a comunidade em geral. Essas situações nos levam novamente a perceber a centralidade do monitoramento pelo adulto responsável pela criança.

2 CAPÍTULO II – SOBRE O USO DA TECNOLOGIA E DAS IMAGENS TÉCNICAS

Ilustrado pelos fenômenos observados em pesquisas levantadas para este estudo e que se encontram no Apêndice, este capítulo analisa como se dá o uso da tecnologia na contemporaneidade, o que são as imagens técnicas e a influência que exercem sobre o corpo. Considera a diferença entre técnica e tecnologia, e o que o abuso do uso da tecnologia pode significar sobre o período da infância.

2.1. Sobre o que apontaram as pesquisas selecionadas

A pesquisa 1 (p. 99) analisou crianças de diferentes famílias que em casa estavam expostas por cerca de duas horas de programação, tanto de ordem educacional como não educacional. Constatou que esse período de tempo tão extenso, dedicado a assistir produções na mídia eletrônica significou para essas crianças a diminuição de atividades de ensino e de leitura. Essa pesquisa observou ainda que os pais e responsáveis, que apresentavam um menor nível educacional, faziam menos críticas sobre o uso prolongado da tecnologia.

A pesquisa 2 (p. 100), que se ateve ao estudo do impacto da tecnologia com relação ao corpo, buscou analisar questões como: “mal-estar psicológico, problemas de comportamento, problemas de atenção e saúde-meio físico” (ROSEN et al., 2014). Considerou que, conforme a frequência diária, isto é, a quantidade de tempo no uso da mídia eletrônica, poder-se-ia até atribuir à criança um conceito de estar doente: “para crianças de 4 a 8 anos, os dados no terço superior da Tabela 4 indica que o uso diário da tecnologia predisse mal-estar total, problemas de atenção e problemas físicos” (ROSEN et al., 2014, p. 370). Para os autores dessa pesquisa, a frequência de comportamento diante da mídia eletrônica representa um estado de sério risco à saúde da criança que pode não estar sendo percebido.

A pesquisa 3 (p. 102) investigou de que forma pensam mães que colocam bebês para assistir desenhos animados, como avaliam esse comportamento que apresentam, se elas se preocupam em relação à influência que o conteúdo possa exercer sobre a criança. Encontrou uma correlação que diz respeito ao nível educacional da mãe, no sentido de que quanto maior o nível de escolaridade, maior a atenção que demonstra sobre a influência de conteúdos de desenhos animados. Essa questão é importante porque se compreende que há uma predisposição dos pais, isto

é, a fé na tecnologia como algo que é bom e que faz levar a aceitar que a criança possa receber qualquer tipo de influência por conteúdos da mídia eletrônica mesmo em tenra idade. Neste ponto, pode-se refletir sobre questões alternativas, como a condição social que permita a existência de locais seguros em que mães de bebês possam levar seus filhos para convivência com outras crianças, bem como a condição de tempo que a mãe tenha para essa iniciativa, assim como o incentivo comunitário para que isso seja possível.

A pesquisa 4 (p. 102) apontou que crianças incentivadas em atividades ao ar livre e orientadas a desenvolver uma produção audiovisual, no uso de aparatos eletrônicos como câmera fotográfica e de vídeo, tendem a fazer um uso criativo. Observou que diferenças socioeconômicas e culturais se refletem na visão e na exploração que elas fazem dos diferentes ambientes. É possível considerar que a criança tem essa capacidade explorativa, que isso pode ser uma forma de apreender o que observa do ambiente em que se encontra e de interagir por meio de sua percepção. Esse tipo de exploração de uso de recursos eletrônicos pode ser incentivado em qualquer cultura, demonstrou essa pesquisa.

A pesquisa 5 (p. 103) apurou que pais de crianças de até 2 anos de idade têm expectativa sobre o uso de conteúdos de audiovisuais para essa faixa etária. Foi observado que pessoas que tiveram menor oportunidade de acesso à educação formal consideram que o audiovisual traz conteúdos que acreditam que suas crianças não poderiam conhecer de outra forma. Isso denota certo grau de confiança no uso da tecnologia, mas também expõe a ausência de uma crítica sobre essa crença que envolve a seleção e o acompanhamento dos conteúdos por crianças muito pequenas.

A pesquisa 6 (p. 105) em um estudo longitudinal identificou porcentagens de crianças em que foi associado o tempo diário de exposição à mídia eletrônica com comportamentos tais como: redução de atividades físicas, consumo de refrigerantes, implicando, para os autores, um processo de sedentarismo. Estes observam que a sequência em que são ofertados itens de consumo presentes na programação competem com uma orientação e estilo de vida mais saudável para que se promova um equilíbrio adequado das atividades diárias.

A pesquisa 7 (p. 106) constatou, em uma amostra de pais de crianças menores de 6 anos de idade, que estes apresentavam uma expectativa sobre o uso da mídia eletrônica que em alguns casos permitiam o uso da mídia eletrônica no quarto de dormir - televisão, por exemplo. Foi observado pelos autores que esse tipo de uso da

tecnologia vai além de competir com o brincar. Conforme entendem os estudiosos vai competir com o tempo de sono e pode trazer prejuízos ao desenvolvimento saudável da criança devido à importância atribuída ao sono para a saúde humana.

A pesquisa 8 (p. 107) também associou a permissão de pais que autorizam crianças a terem aparelho de televisão no quarto de dormir com a potencialidade de risco que isso implica, por estímulo à diminuição do período indispensável de sono. Essa situação propicia um rebaixamento da condição física e mental para atividades adequadas para o período de vida da criança. Segundo os autores, a diminuição do período de sono pode acarretar diferentes situações e implicar prejuízo nas atividades do cotidiano da vida da criança.

A pesquisa 9 (p. 108) apontou um caso específico em que desde pequena uma determinada criança, descrita por sua família como muito voltada para o uso de aparatos tecnológicos, desenvolveu condição física de obesidade e dificuldade de outras interações presenciais com outras crianças. Segundo a autora, ficou evidenciado pelas observações de familiares dessa criança que o tempo dedicado à mídia eletrônica conflitou com a possibilidade de interagir presencialmente em outras atividades. Conforme observa o relato, isso comprometeu o tempo a ser destinado ao brincar e possivelmente contribuiu para as implicações percebíveis sobre o corpo, que envolveu menor disposição para atividades lúdicas com outras crianças e o peso corporal fora do que é recomendado para a idade.

2.2. Sobre a diferença entre técnica e tecnologia – a tecnologia como “progresso”

Segundo Martin Heidegger (2007, p. 376) “estabelecer fins e para isso arranjar e empregar os meios constitui um fazer humano”. A técnica sempre permeou o fazer humano desde os primórdios. Isto tem relação, por exemplo, com a pesquisa sobre a opinião dos pais em relação à mídia eletrônica para crianças. Segundo o que apontam os pesquisadores, o tato e a relação direta da criança com objetos que constituem o tempo do brincar está sendo substituído por tempo passivo dedicado a assistir conteúdos de DVD's produzidos por profissionais de empresas de produção audiovisual. Pela análise de Maurício Ribeiro da Silva (2012),

e da comunicação à distância – sobretudo em mídia terciária – acaba por dispensar a necessidade de comprovação por meio do tato. Ver a imagem que substitui o corpo torna-se suficiente, não mais sendo necessária a comprovação por proximidade da existência do corpo. O que se mostra, passa assim a ser percebido como verdade. (SILVA, 2012, p. 85).

De acordo com Silva (2012), o excesso de exposição a imagens pode limitar a visão de realidade, o oposto do que propõe a técnica que é um desvelar, um experienciar, utilizando os diferentes sentidos. No caso da tecnologia, conforme explica Flusser (2002), esta promove uma ocultação, apresenta funcionalidades previamente programadas que promovem o interesse. Segundo ele, a tecnologia funciona, liga e desliga, avança e apresenta uma série de recursos que fazem o usuário acreditar que tem liberdade de escolha, sem perceber, na maioria das vezes, que a escolha se limita somente ao que está previamente programado para aquele aparelho.

A tecnologia promove um fascínio pelo novo, pelo que representa uma diferenciação em relação aos demais consumidores, categoria em que são compreendidos os cidadãos usuários dos aparelhos. No caso de crianças, isso compete com o tempo destinado a explorar o mundo real, interagir e conhecer com todos os sentidos possíveis, não apenas interagir por meio dos aparelhos eletrônicos que mais exploram a visão e a audição.

Vários autores na sequência deste texto apresentam uma visão crítica sobre a associação de tecnologia com progresso. Como as pesquisas apontaram que esta é a percepção de muitos pais e responsáveis por crianças, pode-se observar pelos argumentos dos especialistas que há motivos para uma atenção a esse fato.

Conforme esclarece Gilberto Dupas (2006, p. 12), em um modelo de sociedade capitalista hegemônico, a ideia de progresso surge "como discurso dominante das elites globais". Entende esse autor que a tecnologia que se concentra em empresas multinacionais como um poder dominante, até as primeiras décadas do século XXI, não representou resultado para diminuir a situação de pessoas em extrema pobreza, as desigualdades sociais, a exclusão social, o respeito aos povos tradicionais, entre outras questões. Portanto, de acordo com o pensamento desse autor, o progresso como sentido de avanço social pode ser questionado por não atender aos diferentes grupos sociais. Ele cita, por exemplo, "um presidente dito humanista, como Truman, autorizou sozinho, a destruição atômica de Hiroshima e Nagasaki" (DUPAS, 2006, p. 12). A tecnologia não é neutra, ela é desenvolvida com o aporte de significativos

investimentos em um direcionamento para atender a determinados interesses.

Para Morris Berman (1987), até o século XVI, o mundo vivia um processo de encantamento onde, por exemplo, os deuses habitavam a terra, as águas e as cavernas. Para ele, havia um estágio de consciência do homem com o mundo, com a natureza, com os objetos, ler os sinais para se defender dos eventos naturais, mas o pensamento mecanicista altera isso, “Isaac Newton como o símbolo da ciência ocidental” (BERMAN, 1987, p. 63), assim como o desenvolvimento das religiões monoteístas (só há um Deus e está no céu), vai promovendo um distanciamento do homem em relação à natureza. Dessa forma pode-se utilizar tecnologias que podem prejudicar a terra, sujar os mares, entre outras coisas.

A elevação da tecnologia ao nível da filosofia tem a sua corporificação concreta no conceito do experimento, uma situação artificial em que os segredos da natureza, são extraídas sob coação [...] a identificação de Bacon do conhecimento com a utilidade industrial e sua ligação com o conceito do ensaio baseado na tecnologia subjaz, certamente, muito do nosso pensamento científico atual. (BERMAN, 1987, p. 14-16).

Berman (1987) atribui como um desencantamento esse modelo que promove o distanciamento do homem com a natureza, que proporciona uma forma de ocupar o tempo de modo a limitar o contato humano e com os bens naturais, assim como não promove a crítica sobre a forma de como são extraídos os recursos existentes, mesmo que isso provoque um prejuízo ao planeta.

No século XX, a tecnologia irá avançar por meio do conhecimento sobre o uso da eletricidade, desenvolvendo os recursos necessários para a existência das mídias de massa, cinema, rádio, TV, Internet, celulares, entre outros. Edgar Morin (2002) se refere a isso como mídia terciária, porque implica ter uma tecnologia que exporta, distribui o sinal e uma tecnologia que recebe o sinal por decodificação. São necessários aparelhos entre dois pontos para se ter a conexão com o desenvolvimento dessas tecnologias do século XX, a vida privada é efetivamente invadida.

A segunda industrialização que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progride no decorrer do século XX [...] penetrando o domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. Não há dúvida que já o livro, o jornal eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito industrial e comercial. [...] O termo cultura de massa, como o termo sociedade industrial ou sociedade de massa (*mass-society*) do qual ele é

equivalente cultural, privilegia excessivamente um dos núcleos da vida social [...] Uma cultura orienta, desenvolve, domestica certas virtualidades humanas, mas inibe ou proíbe outras [...] Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária, ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma) e o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (MORIN, 2002, p. 13-15).

Para Morin (2002), “a industrialização do espírito” pela cultura de massas transforma o ser humano em um coletivo, que passa a ser influenciado pela produção da indústria do audiovisual que está relacionada diretamente ao modelo de consumo capitalista, o que penetra o “domínio interior” da pessoa humana, isto é, afeta a constituição das subjetividades.

Francisco Rüdiger (2011) também compreende a necessidade de uma visão crítica sobre o desenvolvimento tecnológico, principalmente da cibercultura, como um espaço virtual em relação ao mundo real, das relações presenciais e concretas, observa que,

Segundo Slouka, as tecnologias de informação nos projetam num mundo cada vez mais fantasioso e irreal, que tende a nos privar das competências com que desenvolvemos nossa humanidade. Em primeiro lugar, a expansão do ciberespaço ameaça nos privar do sentimento de pertença a um lugar, promovendo situações abstratas, em que não sabemos ou não mais importa saber onde estamos realmente. Em segundo, permite que criemos e nos relacionemos através de identidades virtuais, que nos privam do sentido de realidade e, assim, dos sentimentos de responsabilidade em relação às nossas condutas. Em terceiro, o processo propende a substituir as associações concretas e responsáveis individualmente por comunidades abstratas e indiferenciadas, em que se impõe à consciência o primado “da noção ciberneticista de organismo global, de uma colméia humana feita de milhões de computadores interligados” (1995: 103). Enfim, o perigo do ciberespaço é promover um abandono das preocupações com a realidade física. (RÜDIGER, 2011, p. 49)

Rüdiger (2011) questiona o processo de distanciamento na relação entre as pessoas e entre estas e a realidade concreta, proporcionado pela cibercultura. O termo cibercultura foi analisado por Rüdiger (2014) no Dicionário da Comunicação, organizado por Ciro Marcondes Filho, que comenta que

A cibercultura costuma ser relacionada com as manifestações que tem lugar no mundo virtual engendrado pelas novas tecnologias de informação, mas esta não é a visão mais adequada do ponto de vista reflexivo [...] isso só pode ser examinado e entendido em sua estrutura e sentido quando não se perde de vista suas conexões objetivas com os blocos econômicos, os movimentos políticos e as formas de vida cotidianas mais amplas em que estão inseridos seus protagonistas [...] Os fenômenos coletivos tanto quanto as experiências

individuais se projetam com seus problemas e contradições no ciberespaço, e as expressões que esse, em sua especificidade, viabiliza, não apenas afetam, mas mediatizam os cenários offline. A exploração criadora do ciberespaço e o cultivo do indivíduo e suas formas de socialização por aquela intermediada, contidos na ideia de cibercultura, são, efetivamente, agenciados pelo poder econômico capitalista e, assim, apesar dos antagonismos que isso tudo não pode deixar de engendrar dentro e fora deste âmbito, suas manifestações tendem a ser prisioneiras do fetichismo da mercadoria, a assumir a forma de fantasmagorias eletrônicas destinadas ao consumo de massas: seria essa a principal premissa para uma reflexão crítica sobre a cibercultura. (RÜDIGER, 2014).

Segundo é possível compreender da posição de Rüdiger (2011; 2014), o virtual não deveria estar desvinculado das experiências da vida prática, mas é algo que pode acontecer. Perder os fundamentos da realidade, para esse autor, pode estar relacionado ao fetichismo, um processo de promover o desejo sobre determinados itens, que desperta para o consumo de massa, o que caracteriza o tipo de influência exercida por meio de publicidade, merchandising, propaganda.

Marshal Berman (1986) também analisa os desafios que o desenvolvimento da tecnologia representa, principalmente no que tange à concentração de poder que se repercute nas relações entre os diferentes grupos sociais. O poder, representado pela acumulação do capital e o controle dos meios de produção, promove desequilíbrios e ausência de diálogos e consensos. Esse autor observa que há transformações e que não necessariamente estas buscam atender a todos os interesses.

A escala de comunicações se torna mundial, o que faz emergir uma *mass media* tecnologicamente sofisticada. O capital se concentra cada vez mais nas mãos de poucos. Camponeses e artesãos independentes não podem competir com a produção de massa capitalista e são forçados a abandonar suas terras e fechar seus estabelecimentos. A produção se centraliza de maneira progressiva e se racionaliza em fábricas altamente automatizadas. (No campo acontece o mesmo: fazendas se transformam em “fábricas agrícolas” e os camponeses que não abandonam o campo se transformam em proletários campesinos). Um vasto número de migrantes pobres são despejados nas cidades, que crescem como num passe de mágica — catastroficamente — do dia para a noite. (BERMAN, 1986, p. 89).

Berman (1986) aponta o impacto sobre a vida familiar. Pais e responsáveis pela criança podem estar dedicando muitas horas ao trabalho, cansados e com menos disponibilidade para os assuntos internos e conversas familiares, pode haver uma desatenção com a orientação das crianças. Sobre isso comenta Dietmar Kamper (1998, p. 12), “o trabalho apresenta uma tendência a ser desmedido’ e ‘a vida apresenta uma tendência para se transformar em alguma coisa desamparada em algo

que carece de ajuda”. É possível perceber na visão desses autores que, dentro de um modelo capitalista hegemônico, pode-se perder a devida atenção aos cuidados da família.

Konrad Lorenz (1986), na obra *A demolição do homem*, observa que muitas pessoas já se deram conta dos perigos associados ao desenvolvimento tecnológico, mas “ainda assim há também inúmeras outras cujo pensamento ‘tecnomorfo’ as deixa convictas de que qualquer desenvolvimento traz consigo, necessariamente novos valores” (p. 18). Critica que novos valores tragam consigo, necessariamente, algo que não signifique um “ordenamento tecnocrático da sociedade”. Lorenz (1986, p. 19) exemplifica com dados de vida urbana norte-americana, reforçando que a aparência fornecida pelo uso de tecnologias, em relação a uma vida mais natural, impõe que se esperem novos valores como algo a ser pago pelo esforço social de adaptação ao uso da tecnologia, isto é, a pessoa se submete ao uso de determinado recurso tecnológico e espera dele certo retorno. Mas, segundo esse autor, para muitas pessoas é difícil compreender que nem tudo é possível ser predeterminado pelo ser humano, nem todos os fenômenos da natureza seguem uma lógica definida, assim os resultados podem não ser os esperados

Romano (2004, p. 25, tradução livre) lembra que o desenvolvimento tecnológico está associado e tem sido compreendido como velocidade, aceleração e acomodação ao novo, e que isto também se relaciona a um pensamento único. Romano (2004) cita o exemplo da Alemanha nazista que “era a sociedade tecnologicamente mais avançada de seu tempo, e também a mais inumana”.

Nicholas Carr (2011, 2012) aponta a atenção necessária sobre a questão do uso da Internet. Com o título *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros?* esse autor compreende que o uso frequente e constante de algumas facilidades tecnológicas torna o indivíduo propenso a essas conveniências, porém menos predisposto a leituras e relações mais aprofundadas. Ele observa que as pessoas passam a ter uma necessidade de mais informação, alternando um uso intensivo por diversos recursos. Para Carr (2011), esse comportamento frenético se torna uma busca incessante, um interesse que o autor entende como superficial, um processo que promove certa agitação e ansiedade. De acordo com sua visão, isso pode representar prejuízos intelectuais e físicos.

Conforme apontaram as pesquisas, as pessoas - principalmente aquelas que tiveram menor oportunidade de desenvolvimento educacional, isto é, menos espaço

para interagir e fazer reflexão sobre diferentes temas - pensam o uso da tecnologia como progresso, sem uma avaliação crítica que lhes possa permitir perceber que há outro lado nessa história. Na visão dos autores consultados, é possível observar que o pensamento dessas pessoas sobre a tecnologia está inserido em um modelo hegemônico, que envolve cadeias produtivas relacionadas com indústria, comércio, serviços e que vem se firmando desde o século XVI. Pelo que foi possível considerar, o desenvolvimento tecnológico serve principalmente ao capitalismo que tem como pressuposto o consumo de massa e a acumulação de capital. As pessoas também recebem algumas vantagens pelo desenvolvimento tecnológico, mas se forem analisadas em detalhe, as vantagens têm seu lado sombrio. Por exemplo, o avanço do uso dos celulares com Internet móvel facilitou a agilidade de contato e superou distâncias físicas, mas, por outro lado, tornou as pessoas mais dependentes, vigiadas em seu comportamento de acesso a diferentes aplicativos e subordinadas ao uso desse tipo de aparelho. Isso tem gerado certa distância nos contatos presenciais que afetam outras trocas afetivas, inclusive as familiares, podendo levar a um isolamento sensorial das crianças.

Como um exemplo relativo ao exagero do poder de sedução que é possível ser aplicado ao uso da tecnologia, pois está baseado nas intenções comerciais, de conquistas e manutenção de mercado,

[...] a Apple utiliza da *media* para elaborar um imaginário tecnológico, que por meio das narrativas da propaganda e da publicidade vislumbra a tecnologia com uma perspectiva religiosa, vampirizando imagens potencialmente sagradas/mágicas/místicas. A metáfora para entender a mistificação e o não reencantamento é imaginar uma perfeita fruta feita de plástico. Mero simulacro. Não cheira, não vive, não morre e não possui sementes e não germe. Mas ali está exuberante e aparentemente succulenta, o plástico de sua matéria é imperceptivelmente e atomicamente projetado para não parecer artificial, portanto, parece mais natural que o natural. É elaborado e pintado para ser uma fruta perfeita. E muitos acreditam que ela é. Entretanto, ela nunca foi e nunca será uma fruta – é mero plástico. (SOARES, 2017, p. 176).

Soares (2017) nos traz um exemplo relativo ao que possa levar à perda do sentido da vida, para as pessoas que se aliam à tecnologia em uma forma de culto. Essas pessoas, em determinado momento, podem não se sentir contempladas, pois o interesse empresarial está direcionado à tecnologia em si e não ao seu “usuário” que não costuma ser visto como um cidadão.

2.3. Imagens técnicas e os aparatos tecnológicos

As imagens técnicas são assim nomeadas por serem desenvolvidas com recursos de tecnologia promovendo um direcionamento do olhar para serem expostas na mídia eletrônica. Segundo Baitello Jr. no caso das imagens técnicas,

Pela atividade de reprodução busca-se obter a sedação. Trata-se de um processo em escalada, conforme afirmam Pross (1974) e Wyss (1976), criação de um "déficit emocional" que se seda temporariamente para ressurgir e novamente ser sedado. Seria portanto a sedação que se busca na atividade de reproduzir imagens? (BAITELLO JR., 2010, p. 89)

Para esses autores, estar sentado diante de um aparelho de televisão representa uma ação passiva do ponto de vista sensório-motor, o que é diferente de se estar olhando as imagens quando o corpo está em movimento, por exemplo, andando a pé ou de bicicleta. Essa passividade contribui para a influência e assimilação dos conteúdos que estão sendo veiculados pela mídia eletrônica. Conforme foi observado pelas pesquisas apresentadas, a mídia enquanto mediadora recebe um crédito das pessoas, tornando a influência ainda mais intensa. Na obra *O pensamento sentado*, Baitello Jr. (2012, p. 124) fala sobre como as imagens podem invadir a vida das pessoas, de modo que “desejamos ser como as imagens (dos corpos esculturais, dos ídolos, dos rostos perfeitos, das peles sem rugas sem cicatrizes do tempo, dos cabelos sedosos [...]) queremos ser como as imagens ideais”. Baitello Jr. (2012) explica a fragilidade da pessoa pautar sua vida pelas imagens e os possíveis distúrbios que isso possa acarretar à saúde física e mental da pessoa. Segundo Contrera (2016), nos primórdios da civilização, os xamãs eram as pessoas que tinham acesso às divindades. Eles estabeleciam pontes entre o humano e o divino, portanto, tinham um poder mediador simbólico. A mídia busca ocupar esse espaço de mediação e de reconhecimento. Contrera (2016) entende que para o usuário de recursos eletrônicos como as crianças, dos cinco meses aos seis anos de idade, os conteúdos apresentados pela mídia transmitem modelos de comportamento e formas de ser. Isso pode contribuir para reconhecimento e aceitação sobre os conteúdos apresentados. A mídia se coloca entre a experiência e a representação, entretanto, sem perceber que a mídia não é neutra e que ela desempenha um papel, as pessoas podem não fazer uma análise sobre o direcionamento da atenção que os conteúdos estão promovendo. Por exemplo, segundo Lelis (2016, p. 14-16). “para o

consumo o desenho pode se tornar ainda mais importante que a propaganda [...] o exemplo da empresa Hasbro, fabricante de brinquedos, que também desenvolve programas para a televisão em diversos países”. Assim, uma empresa que produz conteúdos dirigidos para crianças em canal fechado é também fabricante de brinquedos, podendo articular a atenção entre seus diferentes negócios. A mídia eletrônica desempenha um papel que constitui poder de influência atendendo a interesses específicos de diferentes segmentos empresariais e cadeias produtivas.

Uma outra questão se refere às desigualdades sociais²⁸, compreende-se que a mídia eletrônica, pela forma como está presente diariamente dentro dos lares, recebe uma relação de confiança dos telespectadores e usuários de serviço como aquela que apresenta, aconselha, entretém, orienta, a todos igualmente. Para Héctor Ricardo Leis, há uma dificuldade para se respeitar diferenças humanas e diversidade social na contemporaneidade.

A rigor, a operacionalização moderna da igualdade não foi resultado de uma iniciativa do Estado, mas do mercado. O cristianismo igualou os seres humanos a partir de sua natureza divina, fazendo a todos "filhos de Deus", mas ainda assim na política e na sociedade continuava reinando uma hierarquia aceita como natural. Foi quando o capitalismo fez a todos "filhos do mercado" que a igualdade se naturalizou definitivamente em todos os âmbitos, fazendo com que os seres humanos passassem a perceber as desigualdades como antinaturais. Na origem da naturalização da igualdade, entendida como verdade —evidente por si mesma, se encontra a aceitação por parte do Estado moderno da proposta econômico-cultural do mercado de converter tudo em mercadoria, deslegitimando assim as relações hierárquicas que circulavam pela sociedade fora do mercado. (LEIS, 2010, p. 14-15).

Segundo esse autor, a mídia propõe a possibilidade potencial de se consumir qualquer item por qualquer cidadão. De acordo com Leis (2010), isso mascara a desigualdade social que é historicamente estabelecida. Existem as diferenças entre os grupos sociais, que dizem respeito aos tipos de necessidades e principalmente à condição de consumo. Para Leis (2010), a propaganda torna todas as crianças que a assistem potenciais consumidoras. A capacidade de consumir ou não poder consumir determinado item pode tornar crianças suscetíveis aos apelos apresentados pela mídia. Essa observação pode significar a necessidade de o adulto fazer a mediação sobre aquilo que está sendo apresentado por meio dos aparatos eletrônicos.

²⁸ “Seis brasileiros têm a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres” (CARTA CAPITAL, 2017). Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/seis-brasileiros-tem-a-mesma-riqueza-que-os-100-milhoes-mais-pobres>>. Acesso em 31.10.2017.

A mídia tem um alcance muito extenso na vida social das crianças. Segundo Moraes,

A forma como um aluno é ensinado a pensar e sua experiência na escola é determinante para o resto da sua carreira como educando. É, ainda, o primeiro espaço de socialização da criança. Sai do círculo estritamente familiar, para formar outros círculos de amizade, socialidade e referência. [...] Conteúdos virtuais, quando acessados geram experiências psicológicas ou morais nos usuários, por isso a importância do ambiente de onde se está participando desta experiência: a escola. A princípio, o mediador (na figura do professor) pode direcionar os conteúdos e sua interpretação à moralidade tradicional ou esperada". (MORAES, 2012, p. 112-118)

O uso dos aparatos tecnológicos pela criança de forma consciente e mediada pelo adulto tem a condição de relativizar o que está sendo visto (isto é, explicar, por exemplo, que o tamanho pode não ser aquele que aparece no vídeo, que o brinquedo é fixo e não se mexe da forma como está sendo mostrado, entre outros). Dentro de critérios adequados para a idade, o entendimento da criança em relação aos conteúdos apresentados pode levar a contribuições para o processo educacional. Para este estudo, problematiza-se o fato de que não se pode restringir só à tecnologia a expectativa do desenvolvimento educacional. Entende-se que é necessário haver diversidade de recursos, a noção de limites, as interações sociais, o uso consciente da dimensão do corpo humano e de seus diferentes sentidos.

Conforme já apontado, o uso da mídia eletrônica promove uma sedação do corpo, porque a pessoa fica sentada e com a atenção direcionada pelo aparato tecnológico. Essa situação pode significar que as interações do humano com a máquina ficam mais intensificadas e ocupam o lugar de interações sociais diretas e presenciais. Flusser (2008) observa que,

A criança que brinca com computador dá as costas uns aos outros, e quando adultos não mais terá nem "consciência social", nem de família, nem de classe, nem de povo: desintegrou-se [...] a visão fenomenológica concentra seu olhar sobre as imagens, e não sobre os homens dispersados; assim, pode vislumbrar a estrutura da sociedade informática emergente. Todo engajamento político futuro deve necessariamente assumir tal tipo de visão, desviando o olhar do homem para o gadget. (FLUSSER, 2008, p. 67).

Flusser (2008) chama a atenção para o desenvolvimento de uma consciência política, observa a limitação do uso do corpo em relação à massiva utilização dos aparatos tecnológicos e aponta que sedentarizam e que propiciam ausência de

interação humana direta. O processo de individuação é muito intenso, as trocas são frequentemente mediadas pelos aparatos, a pessoa se vê limitada e cerceada pelo tipo do recurso disponível e não desenvolve crítica sobre isso. Há um questionamento desse autor sobre a influência que a tecnologia irá exercer sobre esse período da infância. Na visão de Flusser (2002), o uso de aparatos tecnológicos - pelo tempo que ocupam da pessoa, pela atenção que exigem, pelo nível de adaptação que a pessoa passa a ter com o aparelho - faz dela um “funcionário” do sistema. Essa visão crítica de Flusser (2002) se aprofunda ao considerar que quanto mais adaptado ao aparelho, mais inumano, uma vez o que a pessoa pode entender como “liberdade” é apenas o que diz respeito ao projeto programado para o aparelho.

Essa lógica se caracteriza pela intensidade de movimento e de fluxo das imagens técnicas, isto é, imagens desenvolvidas com recursos tecnológicos e com intencionalidade para direcionar o olhar surgem com a evolução da tecnologia dos aparelhos que influenciam a ação humana de transformação, buscando novas perspectivas. Comparativamente ao exemplo apresentado por Baitello Jr. (2006), há uma inversão da posição que o homem ocupa na sociedade em relação às máquinas,

Na era industrial, as máquinas passaram a ocupar o centro e o homem é que as cercava, em seu papel de trabalhador. Como o custo das máquinas era sempre muito elevado, quem as possuía detinha também os destinos daqueles que as operavam. Esta era a lógica industrial. Com o advento dos aparelhos, transforma-se a lógica industrial. A máquina fotográfica é apenas a parte menos onerosa do aparelho fotográfico: seu custo é tão baixo que cada fotógrafo pode possuir seu próprio equipamento. O valor está deslocado para o seu programa, previamente dado pelo aparelho. (BAITELLO JR., 2006, p. 5)

Baitello Jr. (2006) analisa o aspecto histórico dentro do modelo industrial em que as máquinas passam a receber uma importância muito destacada. A rápida evolução das máquinas se deve ao interesse econômico associado ao capitalismo. Hoje, os aparatos eletrônicos são sofisticados, possuem programas muito detalhados e pouco conhecidos sobre seu funcionamento. Vilém Flusser (2008), com a metáfora da pessoa no uso de aparelhos tecnológicos como funcionário, esclarece que os aparelhos são “caixas pretas” que possuem programas para serem operados. Não se está no controle sobre os aparelhos, eles funcionam. Não se precisa conhecer as finalidades, grau de liberdade ou de autonomia, nível de valores e de humanização. Esse autor entende que o poder dos conglomerados industriais que desenvolvem os

recursos tecnológicos que serão operados pelos “funcionários” limita a ação humana no mundo, porque a condição está em saber explorar os recursos do programa. A pessoa acomodada a se submeter ao uso da tecnologia não questiona a falta de autonomia e de criatividade. Como não se consegue atingir os limites dos programas do aparelho, uma vez que são muito amplos e há diferentes funcionalidades, isso passa uma falsa ideia de liberdade, mas as escolhas são feitas dentro da programação prévia já estabelecida para o aparelho.

O aparelho funciona [...] mas é justamente essa visão de fora que o funcionário nunca poderá alcançar [...] está inteiramente englobado pela situação [...] É nesse sentido que dizemos o homem "existe", isto é, "ek-siste" (supera). O funcionário não "existe" nesse sentido do termo. É por isto que relutei em chamá-lo de "homem". Para o funcionário perfeito o aparelho tem plena autonomia. [...] O funcionário "avança" e "progredir". Seu progresso varia em função do aparelho, e, na medida que avança, aumenta o seu valor no conjunto do funcionamento [...] Por essa definição ontológica mesma o funcionário exerce função, isto é: o funcionário é uma propriedade, um atributo do aparelho. O funcionário não tem propriedade, ele é propriedade. Como a propriedade nunca se confunde com a substância, o funcionário não se confunde com o aparelho. O progresso do funcionário reside justamente nisto: tornar-se progressivamente propriedade mais valiosa. O método do progresso do funcionário é adaptação ao aparelho. [...] Podemos portanto contribuir, talvez significativamente, para elaboração de uma filosofia que formule valores e aponte rumos ao progresso. (FLUSSER, 2002, p. 85)

Para Flusser (2002), existe na sociedade uma dificuldade de as pessoas em geral perceberem o quanto se está à mercê do funcionamento das máquinas. Entende que o controle sobre a programação dos conteúdos está nas mãos de poucas pessoas detentoras do poder sobre as máquinas, os programadores das histórias programadoras. As demais pessoas são “funcionários”, operadores das máquinas.

Argumenta Baitello Jr. (2005, p. 17): “os subterrâneos das imagens são muito mais amplos e profundos que sua face visível”. As imagens estimulam emoções. “Morin fala a respeito do 'enfeitiçamento da e pela imagem', que tem potencial ilusório para contribuir com a formação, como dito por Maffesoli, de uma identidade social” (CONTRERA, 2012, p. 1). Segundo esses autores, as imagens de violência e de competição ganha-perde dos jogos afetam questões emocionais e afetivas de pertencimento a grupos sociais, bem como questões mais profundas da natureza humana. Elas imprimem sentidos e significados que podem estar descontextualizados dentro do que é esperado de um comportamento social desejável, geram uma naturalização das reações afetivas.

2.4. Sobre as implicações sobre o corpo

Considera-se que, no modelo urbano e rural das cidades, há falta de espaços para crianças desenvolverem interações saudáveis com seus pares, tendo acompanhamento de adulto apoiando possíveis situações de conflito fora do ambiente escolar. A mídia responde a essa carência de ausência do uso do corpo e seus diferentes sentidos. “O apropriar-se do tempo vital é o início de todo poder dos homens sobre os homens” (PROSS, 1991, p. 8). Ao invés da possibilidade de brincar e interagir com seus pares, pelo uso da mídia isso fica resolvido de uma outra forma. Para os pais pode parecer até uma solução frente à falta de melhores condições para oferecerem a seus filhos, mas na maioria das vezes os riscos embutidos nem sempre são bem compreendidos e avaliados.

Palanga afirma que,

Durante anos a psicologia clássica sustentou o princípio de que somente as tarefas que a criança consegue resolver de forma independente podem ser tomadas como indicativo do seu nível de desenvolvimento mental. Neste raciocínio, a imitação é vista como um processo puramente mecânico e não pode, portanto, ser levado em conta quando se quer investigar a capacidade intelectual da criança. Mas, o professor e pesquisador Lev Vygotsky observou que as crianças podem imitar ações que vão muito além de suas capacidades reais ou afetivas. Numa atividade coletiva, ou sob a orientação dos adultos, elas podem aumentar suas capacidades de desempenho, pois a imitação de atos ou possibilidades cujo conteúdo vai além da capacidade real da criança cria zonas de desenvolvimento proximal. [...] O funcionamento mental mais complexo das crianças emerge graças às regulações verbais realizadas por outras pessoas”. (PALANGA, 2001, p.131).

Conforme Palanga (2001), a influência que a criança recebe associada à observação e ao que lhe é diretamente recomendado, pode ser significativo para ela. Christoph Wulf (2005, p. 114-118) lembra que os gestos estão relacionados com a expressão de sentimentos e de emoção e que “os rituais são fenômenos de mimesis social”. Isso coloca em evidência os apelos ao consumo direcionados à infância pela mídia eletrônica, composto pelas imagens em movimento, linguagem verbal e não verbal. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, refletindo sobre a sociedade moderna, “tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a 'dependência das compras' se estabelece nas crianças. [...] Numa sociedade de consumidores, *todo mundo* precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação” (BAUMAN, 2008, p. 73). Isso contribui para se depreender que o corpo passivo, por exemplo, frente à televisão, se

apresenta sedado (PROSS, 1989), recebendo informação e vulnerável à influência que é recebida. Diferentemente da criança estar ativa, relacionar-se com outras crianças, ir em busca de leitura ou outras atividades educativas mais recomendadas à sua faixa etária, ficar parada por um período de tempo em frente a um aparato eletrônico não seria algo esperado da dinâmica infantil. Segundo explica Tiburi (2013), a leitura se associa ao desenvolvimento da capacidade de pensar e ao aprendizado e uso da língua. O tempo dedicado a assistir o audiovisual compete com o tempo para a leitura.

Conforme entende Venício Lima,

Organizei um livro cujo título acabou sendo Cultura do Silêncio e Democracia no Brasil. Acabei me dando conta que o fio condutor entre o que fiz durante os últimos 40 anos é exatamente essa constatação sobre a exclusão de vozes como uma das características da história cultural e política do Brasil. Essa ideia vem de Paulo Freire, que cunhou a expressão “cultura do silêncio” e que, por sua vez, vale-se de uma constatação feita em um sermão do Padre Antônio Vieira na metade do século 17, no qual ele diz que “a maior enfermidade do Brasil é ter tido a fala tolhida”. O Paulo Freire parte dessa constatação para fazer uma proposta de dar voz a quem não tem voz. A pedagogia do oprimido propõe tornar o oprimido capaz de ter consciência do mundo e se colocar criticamente nele para exercer o autogoverno e a liberdade, por meio da expressão de seus interesses e do debate disso. Ele justifica isso dentro da perspectiva de que, do século 17 até agora - e quanto mais eu estudo o tema, mais me convenço disso - o liberalismo brasileiro nunca foi democrático, sempre excludente. Inclusive, escravista, até o final do século 19. (LIMA, 2016).

Para Lima (2016) o silêncio representa não ter voz, estar isolado. Os aparatos eletrônicos pressupõem o uso de recursos de som, texto e imagem, mas a outra pessoa não está de corpo presente, só em imagem. Portanto, fala-se para um equipamento e se pressupõe que o outro ouça e responda, mas devido à ausência do outro corpo não se utilizam os outros sentidos humanos no diálogo. O que as pesquisas estão demonstrando é que o uso indiscriminado da mídia eletrônica concorre com outras atividades nas quais a criança desenvolve melhor a condição de expressão e a própria criatividade.

Para a cineasta do filme *O começo da vida* (2016), Estela Renner, há a necessidade de a criança ser ouvida, respeitada, interagir e receber afeto, principalmente dos pais e responsáveis. Segundo Renner (2016), a importância das relações humanas e do afeto nos primeiros anos de vida das pessoas foi algo que a motivou em sua produção para inspirar outros pais. A atenção que se estabelece no cotidiano da vida familiar é significativa para o desenvolvimento saudável da criança.

O uso de aparatos tecnológicos por criança pequena em tempo prolongado propicia que esta fique desatenta quanto ao uso do próprio corpo. Campbell e Keleman (1999), atentos a essa questão de como as pessoas tratam o próprio corpo, como o respeitam, o cuidado que lhe dispensam para garantia de saúde e bem-estar, entendem que se pode levar a objetificar a experiência de vida. Para esses autores, essa relação com o corpo tem a ver com as imagens que internalizamos.

Se enxergarmos o nosso corpo como uma coisa, se o vemos somente como um processo biológico objetivo, deixamos de compreender a nossa forma interior de estar corporificado. Nosso interior somático vira exterior, objetificamos a nós mesmos. Como seres corporificados, temos um conhecimento subjetivo do divino, o eterno processo organizador protoplasmático. Estar fisicamente presente em nossa vida é estar numa terra animada. Viver como uma imagem é estar numa Terra Devastada. O corpo tornou-se vítima do seu próprio processo de produção de imagens que se descontrolou. O corpo possui um maravilhoso equipamento para organizar imagens e conceitos complexos, arrumando-os de modo a dar-lhes uma ordem pessoal. Usamos o cérebro para tornar nosso próprio corpo um objeto. Originalmente, esse processo de criação de imagens destinava-se a organizar a experiência. Agora, ele tomou o lugar da experiência corporal. [...] Quando idealizamos a imagem em lugar da experiência corporal, nós nos descobrimos vivendo na imagem. Atualmente, grande parte da sociedade se organiza de maneira que se coloca à parte da sua própria natureza. A natureza tornou-se uma fotografia, uma idéia, um símbolo, uma imagem no cérebro - e o mesmo aconteceu com o corpo. Vivemos na imagem do corpo, não no corpo. (CAMPBELL; KELEMAN, 1999, p. 42-43).

As imagens internas apontadas por Campbel e Keleman fazem parte da complexidade humana, como também se referem aos estudos realizados por Belting²⁹. As imagens internas dizem respeito ao processo perceptivo dos seres humanos, as imagens externas são as que estão fisicamente na natureza, pelos meios impressos, eletrônicos, etc. Explica Belting (2012, p. 73) que “as imagens não existem só na parede (ou na tevê) nem somente em nossas cabeças. Elas não podem ser desembaraçadas de um exercício contínuo de interação”. Entende esse autor que a imagem acontece ao ser humano porque lhe chamou a atenção, porque a imagem lhe faz algum sentido e por esse motivo é que foi percebida. Considera Belting (2005), citando Bernard Stiegler, que “nunca houve imagens físicas [images objet] sem a participação de imagens mentais’ [...] A interação entre nossos corpos e as imagens externas, de qualquer modo, inclui um terceiro parâmetro, que chamo, no sentido de

²⁹ SCHIAVO, S.F.. O custo social do consumo das imagens mediáticas em Hans Belting. Trabalho apresentado à Sessão Temática 2. Imagem, Imaginação e Imaginário do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, São Paulo, 11, 12 e 13 de nov./ 2015. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/sueli_schiavo.pdf>. Acesso em 10.02.2018.

vetor, agente” (BELTING, 2005, p. 73). Para compreensão, por exemplo, no momento em que se coloca tatuagem no corpo, ou usam-se máscaras que podem ser elaboradas de diversos materiais ou pintadas sobre a pele, o corpo opera como um *medium*, um suporte, um meio físico para as imagens.

Belting (2005, 2006) analisa a distinção do que está fisicamente disponível, visível e perceptível no ambiente externo, em relação às imagens transmitidas pelos meios eletrônicos. É interessante como esse autor considera a diferença da atenção que é dada ao usuário destinatário final das imagens dos meios eletrônicos. Para Belting, há muita atenção dos responsáveis na produção e distribuição das imagens, estes cuidam para que o entendimento das pessoas sobre o que está sendo apresentado seja padronizado. Segundo ele, na produção de imagens nas obras de arte não há essa preocupação. A imagem na obra de arte está voltada para expor o pensamento cultural de quem a criou, isso está relacionado ao “querer artístico”. A leitura de mundo que o artista faz permite à outra pessoa que vai contemplar a obra que faça a sua interpretação própria, que pode ser diferente da que fariam outras pessoas e do próprio artista.

A partir do estudo da obra de Belting, pode-se compreender que no caso das crianças, os conteúdos produzidos para a mídia eletrônica possuem uma forma de tratamento que as equipara social e culturalmente, além de direcionar a atenção para compreensão da mensagem. De acordo com o entendimento de Postman (1999), isso significa que a mídia eletrônica trata de forma igual os diferentes, como se a diferença não existisse, para atender o interesse do mercado, segundo também reforça Leis (2010). Considerando o que aponta Moraes (2012, p. 112), “a forma como um aluno é ensinado a pensar e sua experiência na escola é determinante para o resto da sua carreira como educando”, isso implica que a diferenciação na condição de formação do nível educacional de ricos e pobres, brancos e negros, na infância será significativa para o agravamento das diferenças sociais e culturais.

Para Damásio, os processos mentais se equivalem às imagens,

O termo mente, [...], abrange operações conscientes e inconscientes. Refere-se a um processo, e não a uma coisa. O que conhecemos como mente, com a ajuda da consciência, é um fluxo contínuo de padrões mentais, e muitos deles se revelam logicamente inter-relacionados. O fluxo avança no tempo, depressa ou devagar, ordenadamente ou aos saltos e, ocasionalmente, move-se ao longo não de uma mas de várias seqüências. Às vezes as seqüências são concorrentes, outras vezes convergentes e divergentes, ou mesmo sobrepostas. O termo que emprego muitas vezes como um substituto

mais sucinto para padrões mentais é imagens. Como mencionado, imagens são padrões mentais em qualquer modalidade sensorial, e não apenas na visual. Existem imagens sonoras, imagens táteis etc. (DAMÁSIO, 2000, p.425-426).

Damásio (2000), ao fazer uma relação entre as imagens e o fluxo da mente, permite um alerta sobre a importância que possa representar nos processos mentais de uma criança, o volume de conteúdos de diferentes informações que diariamente ela acessa. Isso também é observado por Baitello Jr. ao comentar sobre a forma com que suprimos carências por meio do consumo das imagens.

Uma imagem evoca a assustadora permanência daquilo que já se foi [...] O simples fato de evocar coisas ausentes, fazendo-as presentes, já confere às imagens um poder impactante [...] Há uma doçura e uma crueldade nas imagens [...] A falta é um sentimento corporal. Quando nos falta alguma coisa, é no nosso corpo o primeiro a registrar essa falta [...] Se o corpo pede corpo e não é atendido, criam-se mecanismos para que ele se contente com o que recorda o preenchimento de sua carência. E, às vezes, ele se contenta com imagens (internas ou externas), recordações, resquícios, formas de vazio [...] o corpo é algo da ordem da presença com toda a sua sensorialidade [...] o corpo é muito mais complexo que suas abstrações (suas imagens ou suas representações de qualquer ordem) [...] A enfermidade do nosso tempo é o descontrole das imagens externas ou exógenas, que não apenas coíbem sua adequada metabolização, seu processamento, sua leitura apropriada (até mesmo que possamos apreciar-lhes a estética e a beleza): impedem-nos de fazer tudo isso por sua celeridade (elas têm de ser rápidas para dar lugar a outras), por sua fugacidade (desaparecem rapidamente, deixando um vazio a ser preenchido pela próxima). Tudo isso reunido resulta em sua voracidade, os olhares de quem as vê passam a ser olhares direcionados pelas próprias imagens, olhares que perderam a vontade própria e a capacidade de decisão. (BAITELLO JR., 2012, p. 103-108).

Parece ser possível refletir sobre até que ponto não se está se propondo à criança suprir suas carências ou sentimentos de falta da presença dos pais ou da presença de outras crianças parceiras para o brincar, por meio do consumo de imagens técnicas produzidas para o entretenimento. Como alerta Baitello Jr., há uma complexidade humana que precisa ser considerada. Permite observar sobre o tempo em que a criança faz o acesso à mídia eletrônica em equivalência ao tempo em que ela tem a companhia do adulto ou de outras crianças para o brincar.

2.4.1. Como a mimese e a empatia são afetadas pelo uso da tecnologia

Christoph Wulf, que é um estudioso sobre mimese, tem apontado que esse conceito tem sido entendido socialmente em seu sentido restrito e que isso precisa

ser ampliado pela importância que tem na vida humana, como se constituem seus pressupostos e o que representa,

Mimese não só significa “imitação”, mas também “fazer-se parecido”, “trazer algo à representação”, “expressar” e “pré-encenar”, por outro lado, mimese não pode ficar restrita à arte, à poesia e à música. A capacidade mimética desempenha uma função em quase todas as áreas humanas da ação, a imaginação, do falar e do pensar”. (GEBAUER; WULF, 2004, p. 21).

Para Gebauer e Wulf (2004), mimese é uma faculdade humana que está para além da imitação. Trata-se de um tema que tem importância quando se trata das questões relacionadas à necessidade do cuidado com a criança hiperexposta à mídia eletrônica.

Aristóteles destaca que o homem nasce com a faculdade mimética. Segundo ele, ela **se revela desde a infância, e o homem se distingue do resto dos seres vivos por ser dotado em grande medida de um poder de imitação, sendo que ele adquire através da imitação seus primeiros conhecimentos.** (WULF, 2005, p. 103-104).

Explica Christoph Wulf (2008, p. 57) que o desejo mimético tem relação com o fato de a criança ter uma atenção direcionada ao ambiente e estabelecer um empenho junto ao adulto em obter aquilo que ela deseja. Segundo René Girard (2008), os desejos são aprendidos socialmente. Contrera (2002, p. 42) alerta para o fato de que “nossa natureza humana é exatamente a de sermos necessitados, atados ao nó do outro, do que dele não podemos prescindir, e que nos afeta através do seu reconhecimento”. No que tange aos rituais e gestos, entende Contrera (2005) que a repetição é uma forma humana de atualização dos rituais e que a mídia se apropria desse processo em seu modo de promover o entretenimento. Para Contrera (2005), a necessidade de afirmação dos gestos e rituais tem relação com as características da humanidade por meio dos ciclos e os ritmos da vida humana e isso pode ser uma forma também de aprisionamento.

(...) repetir é também se remeter à criação mítica periódica do mundo, conforme nos apresenta Mircea Eliade sobre o papel da repetição (e sobre o mito do eterno retorno). A mídia se apropria desse traço de sacralidade do mito que é a repetição por meio do estabelecimento das agendas, dos calendários, das periodicidades nas publicações, da grade horária previsível das programações televisivas. E essas práticas estabelecem ritmos que pautam a vida social contemporânea, possibilitando a sincronização do grupo, especialmente no que tange à esfera da informação pública, o que nos

remete diretamente às práticas jornalísticas, mas também à programação midiática que se dedica ao lazer e entretenimento. (CONTRERA, 2005, p. 120).

Contrera (2002) aponta que esse compartilhamento de informação promovido pela mídia eletrônica, que pode contribuir para a vinculação frente a interesses comuns, pode se constituir em um processo de identificação e de grupo. Os conteúdos veiculados podem se tornar um referencial para muitas pessoas, proporcionando uma forma de contágio e de sincronização inconsciente que envolve a emoção, a empatia, relacionando-se com o desejar a partir da experiência do outro. Isso pode representar também uma predisposição para o consumo.

Sobre essa questão da empatia, emoção, mimese, Frans de Waal (2010) tem desenvolvido um trabalho neurocientífico que aponta promissoras e recentes descobertas com a participação de neurônios-espelho. Essas células encontradas inicialmente em estudos realizados com macacos Rhesus na década de 1990 têm sido observadas como de grande influência no comportamento tanto próprio quanto daquele que é observado. Eysenck e Keane (2017, p. 142) consideram que as habilidades das pessoas “em imitar e compreender o movimento humano depende de um sistema de neurônios-espelho”. Conforme os estudos desses autores, áreas comuns neurológicas estão relacionadas tanto com a percepção como também se relacionam com a ação.

Franz de Waal apresenta que

Dimberg demonstrou que a empatia não depende da nossa decisão. Nós simplesmente sentimos a empatia. Depois de fixar pequenos eletrodos no rosto de seus sujeitos de forma a registrar os mínimos movimentos musculares, Dimberg apresentou a eles, numa tela de computador, fotografias de expressões faciais felizes e zangadas. Os humanos franzem o cenho em resposta a expressões faciais zangadas e erguem os cantos dos lábios em reações a expressões faciais felizes. Mas não foi essa a descoberta mais decisiva de Dimberg, pois esse tipo de imitação poderia ocorrer involuntariamente. O mais extraordinário foi que a mesma reação ocorreu quando as fotografias eram mostradas por apenas milésimos de segundos o que impedia sua percepção consciente. Perguntados sobre o que tinham visto depois dessa apresentação subliminar, os sujeitos não eram capazes de dizer coisa alguma sobre as expressões felizes ou zangadas, mas as haviam reproduzido mesmo assim. As expressões faciais exibidas numa tela não apenas fazem nossos músculos faciais se contorcer, mas também induzem nossas emoções. Aqueles que tinham sido expostos a expressões felizes declaram sentir-se melhor do que aqueles que tinham sido expostos às expressões zangadas, embora nenhum grupo tivesse a menor idéia do que tinha visto. (WAAL, 2010, p. 99-100).

Waal (2010) demonstra em suas pesquisas que a empatia está relacionada com questões de ordem biológica dos seres humanos. A empatia promove sincronização e convergência de estados de humor. Com isso está relacionada com a predisposição social. “Mas é bom lembrar que não é a imaginação que desencadeia a empatia [...] A empatia requer antes de mais nada envolvimento emocional [...] As conexões corporais vem primeiro – a racionalização vem depois” (WAAL, 2010, p. 108). Esses estudos demonstram a importância do conhecimento sobre a influência das emoções no processo social.

Na obra *La compartición social de las emociones*, Bernard Rimé (2011) faz uma revisão sobre as diferentes teorias sobre as emoções. No prefácio, Moscovici (2011) ressalta que o estudo das emoções tem importância significativa, porque as emoções não se restringem à pessoa em si e seus aspectos cognitivos, pois podem atingir os relacionamentos, a forma como a pessoa se comunica, as questões sociais afetivas, sua conduta frente aos desafios da vida diária. Para Moscovici (2011, prefácio), “as emoções não compartilhadas são uma carga, da mesma maneira que um segredo pode ser uma carga se permanece incomunicado ou incomunicável”. Essa observação de Serge Moscovici tem relação com a história de Rimé ter se interessado pelos estudos das emoções. Rimé (2011) observou que as emoções eram tratadas de forma teórica com pouca relação ao desenrolar da vida diária. Pelos estudos desse autor, o estresse e as emoções estão intimamente relacionadas e afetam diretamente o corpo. Para ele, a possibilidade de expressar e refletir sobre as emoções que lhe afetam tem relação com as questões cognitivas, do simbólico e do relacional. Rimé entende que o estudo das emoções é transversal, complexo, apresenta múltiplas facetas e há que se considerar as contribuições de diversas disciplinas. Isso tem importância para este estudo quando se estabelece que crianças pequenas expostas à mídia eletrônica são afetadas pelas imagens técnicas, com relação às emoções, à empatia e à mimese.

De acordo com o que aponta António Damásio (2000, p. 83), “estudos em meu laboratório mostraram que a emoção integra os processos de raciocínio e decisão, seja isso bom ou mau”. Segundo Damásio (2000), a emoção é um tema pouco reconhecido pela comunidade científica em relação à sua relevância para o ser humano.

Teria sido bastante razoável esperar que, tendo início o novo século, as

ciências do cérebro, em franco desenvolvimento, tivessem incluído em sua pauta a emoção e resolvido suas questões. Mas esse avanço não ocorreu. Pior ainda, o trabalho de Darwin sobre as emoções se perdeu, a hipótese de James foi injustamente criticada e sumariamente descartada e a influência de Freud desviou-se para outras áreas. Durante a maior parte do século XX, a emoção não teve espaço nos laboratórios. Dizia-se que era subjetiva demais. A emoção encontrava-se no pólo oposto ao da razão, sendo esta, de longe, a mais refinada das capacidades humanas, e presumia-se que a razão era totalmente independente da emoção. Isso deturpava perversamente o modo como os românticos viam a humanidade. Situavam a emoção no corpo e a razão no cérebro. A ciência do século XX deixou o corpo de lado, devolveu a emoção ao cérebro mas relegou-o aos estratos neurais inferiores, associados a ancestrais que ninguém venerava. No final, não só a emoção mas até mesmo seu estudo provavelmente não eram racionais (DAMÁSIO, 2000, p. 79-80).

O uso de conteúdos que exploram as emoções não pode ser considerado uma questão qualquer. Há um experimento desenvolvido por Albert Bandura (1960), documentado em vídeo na Internet³⁰ em que esse pesquisador apresentou para um grupo de crianças um vídeo em que uma pessoa esbofeteava e jogava no chão um boneco inflável. Depois, essas crianças individualmente eram estimuladas a interagir com o boneco inflável e repetiam o comportamento agressivo observado no vídeo. Foi observado nesse estudo que outras crianças que não haviam assistido ao vídeo não agiram de forma agressiva com o boneco. Damásio (2000) esclarece que as emoções não têm intermediação, atingem diretamente a pessoa. “Propus que o termo sentimento fosse reservado para a experiência mental privada de uma emoção, enquanto o termo emoção seria usado para designar o conjunto de reações, muitas delas publicamente observáveis” (DAMÁSIO, 2000, p. 86). As emoções podem não ser percebidas pela pessoa, ela pode ser afetada pela emoção e não necessariamente ter consciência disso. O sentimento utiliza o pensamento para a compreensão da emoção. Assim a emoção antecede a tudo. Em conteúdos produzidos para crianças, a emoção pode estar contribuindo para manter a atenção e o comportamento que promove certa dependência. Observa Norval Baitello Jr. (2005) que

Harry Pross (1983) credits à mídia a geração de déficits emocionais a serem cobertos pela própria mídia, em uma relação de dependência. Não é outro o fenômeno da iconofagia: corpos tridimensionais devoram imagens (bidimensionais, unidimensionais e nulodimensionais) em quantidade cada vez mais assustadora, em substituição a outras apropriações sensoriais [...] Alimentar-se de imagens significa alimentar imagens, conferindo-lhes substância emprestando-lhes os corpos. Significa entrar dentro delas e transformar-se em um personagem (entende-se aqui a origem da palavra

³⁰ BANDURA, Albert. Teoria da aprendizagem social. Documento no Youtube. 1960. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ScY1xQlyNmc>>. Acesso em 19.05.2016.

“persona” como “máscara de teatro”). Ao contrário de uma apropriação, trata-se aqui de uma expropriação de si mesmo. (BAITELLO JR., 2005, p. 96-97).

Esses autores chamam a atenção para o processo limitado e possivelmente alienante que pode ser representado pela forma como se estrutura o uso do tempo ao longo do dia de uma criança. Caso ela possa permanecer horas frente a um aparato eletrônico, é uma forma de organização do tempo que segundo os estudiosos não é saudável e pode levar a prejuízos. Trata-se da forma de produção dos sujeitos e das subjetividades, conforme Ana Bock e Maria da Graça Gonçalves (2009) afirmam:

A partir da dialética subjetividade-objetividade pode-se falar em dimensão subjetiva da realidade, na medida em que se entende que a subjetividade é individual, mas constituída socialmente, a partir de um processo objetivo, com conteúdo histórico. Por outro lado, a realidade social é construída historicamente, em um processo que se dá entre o plano subjetivo e o objetivo. A base material agrega subjetividade, a partir da ação do sujeito sobre ela, aí está sua historicidade. Por isso, não é possível falar-se da realidade sem considerar o sujeito que a constitui e ao mesmo tempo é constituído por ela. (GONÇALVES; BOCK, 2009, p.142).

Assim, o sujeito se constitui e é constituído por aquilo que ele entende ser a realidade social em que está inserido. A produção de conteúdos para a mídia eletrônica ocorre a partir do interesse e do entrelaçamento de ações de grandes conglomerados empresariais³¹. Esses conteúdos não são neutros, têm um direcionamento da atenção, buscam obter resultados comerciais de suas iniciativas, daí a necessidade de se refletir a respeito no sentido de se deixar uma criança sozinha acessando um aparato tecnológico. A criança pequena precisa de espaços para desenvolver interação humana e estabelecer vínculos. Segundo Miklos e Rocco (2018, p. 106), “para Romano, a crescente dissociação comunicativa (oligopólios midiáticos, perda do tempo presente, dromocracia) traz consequências contrárias ao vínculo [...] com o objetivo de converter o indivíduo em receptor ideal”. Para esses autores a industrialização do processo midiático torna a pessoa uma receptora de conteúdos que não contribuem para a construção de vínculos comunicacionais.

³¹ “Donos da Mídia” demonstra como tais veículos se organizam, destacando o papel estruturador das redes nacionais de televisão, especialmente as cinco maiores: Globo, Band, Record, SBT e Rede TV!. Há 33 redes de TV, às quais estão ligados 1.415 veículos, geralmente através de grupos afiliados. As redes de emissoras de rádio FM e OM somam 21”. (INTERVOZES, 2008) Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=21942>>. Acesso em 10.02.1018.

2.5. Sobre o conceito de imaginário

Segundo Gilbert Durand,

Imaginação e imaginário não podem ser entendidos como a mesma coisa. A primeira é a faculdade de perceber, distinguir e memorizar as imagens dos objetos do mundo concreto; o segundo é o modo como essa faculdade é operacionalizada, ou seja, o modo como as imagens são estruturadas. O imaginário é 'o conjunto das imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens' [...] A enorme produção obsessiva de imagens encontra-se delimitada ao campo do "distrain". (DURAND, 2002, p. 18).

Conforme entende Durand (2002, p. 36-39), foram os estudos de Freud, Jung e Rorschach (criador do teste com seu nome) que demonstraram como as imagens ultrapassam sua ampla representação e como, no psiquismo humano, podem desencadear ligações significativas e até de cunho arcaico. Para Durand (2004, p. 6), o imaginário é um “museu” de imagens cumulativas desde o mais remoto dos tempos, “‘o museu’ que denominamos o imaginário - de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas”. Esse museu de imagens possui um “trajeto do sentido (imperativos biopsíquicos/coerções externas)” (BARROS, 2013, p. 9), e segundo Barros (2013) tanto essas imagens que circulam pelos *media* podem ajudar a entender a realidade quanto encobri-la em um processo de hipostasiamento, isto é, propiciando uma ideia de realidade a algo que é fictício, neste caso, fictício entendido aqui como uma coisa negativa, não emancipadora. O imaginário é emancipador, mas os conteúdos midiáticos entendidos como algo que não promove uma atitude imaginativa. Para Miklos e Torres (2015, p. 35), o hipostasiamento contribui com “o fenômeno de aniquilamento do corpo e a imposição à velocidade e à produtividade [...]. O hipostasiamento e o tempo de consumo dos aparatos eletrônicos reafirmam a teoria de Kamper (1998) sobre o disciplinamento do corpo”. Esses autores entendem que a valorização da tecnologia e da ideia da velocidade que se associa a ela propicia um apagamento sobre o uso do corpo e seus sentidos. Isso acontece por um rebaixamento da crítica das pessoas sobre esse assunto.

Durand (2004, p. 33) aponta que “a enorme produção obsessiva de imagens encontra-se delimitada no campo do 'distrain'. Todavia a difusora de imagens - digamos 'a mídia' encontra-se onipresente em todos os níveis de representação e da psique do homem”. Isso significa que mesmo não estando olhando para uma tela da mídia eletrônica é possível ser afetado por seus conteúdos. Por exemplo, por um

produto que está “na moda”, porque é apresentado em um determinado desenho; por um comentário sobre o conteúdo de um programa que foi apresentado em um determinado canal fechado, entre outras possibilidades. A mídia tem essa ubiquidade. Os conteúdos midiáticos são desenvolvidos para promoverem o consumo, para serem lembrados, promoverem modos de ser ou fazer. Isso exige para o entendimento dessa complexidade que os estudos da Comunicação levem em consideração uma série de outras disciplinas que contribuem para que se obtenha essa compreensão por uma abrangência mais ampla.

Os Estudos da Comunicação são naturalmente interdisciplinares; trata-se de uma área do conhecimento relativamente jovem que, para se constituir, bebe continuamente nas fontes da Sociologia, da Antropologia, da Semiótica, da História, da Psicanálise etc., disciplinas estas que abastecem também os Estudos do Imaginário. No entanto, essa partilha disciplinar não representa uma pacífica zona de entendimento na qual seja possível examinar os respectivos problemas de conhecimento com as mesmas ferramentas conceituais. (BARROS, 2013, p. 2).

Barros (2013) alerta para as diferentes interpretações que o tema do imaginário possa sofrer em relação aos pressupostos em que se referenciam os estudiosos. Para este estudo isso será relevante no que Barros (2013) salienta sobre a diferenciação do que seja o imaginário e o imaginário social. Segundo ela,

Gilbert Durand (1997) procurou articular a regularidade das imagens individuais e culturais-coletivas e mostrou que elas se enxertam em um trajeto antropológico que inicia (temporalmente, não ontologicamente) no plano neuro-biológico e se estende ao plano cultural [...] A entrada no imaginário através do plano sociológico [...] embora, sem dúvida, venha trazendo importantes avanços para a compreensão de uma contemporaneidade que parece se sustentar toda sobre a comunicação em rede, ao mesmo tempo alarga e restringe a noção de imaginário. Alarga porque usa de modo abusivo o termo, sem considerar o trajeto do sentido ou considerando apenas um de seus pólos, o que, paradoxalmente, lhe restringe o campo. Corre-se, aí, o risco de se falar não mais de imagens, imaginários e símbolos, e sim de sintomas sociais, como bem ensina Durand (2003, p. 120, tradução nossa): “[...] as intimações destas situações, destes eventos e destes meios, se conectam bem o imaginal à objetividade material, esmagam frequentemente o significado e reduzem o símbolo a um mero sintema”. (BARROS, 2013, p. 6-8).

As considerações de Barros (2013) contribuem para esclarecer a importância e a complexidade do tema do imaginário. No caso de crianças pequenas, Durand (2004, p. 45) alerta para questões do desenvolvimento humano, “se a ligação simbólica ocorre a partir dos dezoito meses, a articulação simbólica somente se

manifesta por volta dos quatro ou cinco anos”. Explica Durand (2004) que os estudos epigenéticos apontam uma lentidão da formação cerebral (neotenia) e a questão do simbólico, que é o que dá sentido à experiência humana, é importante porque estabelece uma ligação com o arquétipo, isto é, as estruturas mais arcaicas. Como o cérebro humano demora para estar pronto, isso permite ao meio social exercer um papel significativo na aprendizagem social. Há um risco inerente em uma criança antes dos 6 anos de idade estar sozinha acessando conteúdos da mídia eletrônica. Este estudo também observa o que indica Vygotsky (2001): crianças pequenas ainda estão com seus recursos mentais sendo desenvolvidos, portanto, não dispõem de condições para se protegerem da influência exercida pelos *media*.

Na construção de seu Método, Morin (1994) observa a complexidade humana e aponta que tudo que parte do pensar humano, que se coloca como uma dimensão simbólica imaterial da cultura, se constitui como o que ele denomina de Noosfera (termo segundo Morin elaborado por Teilhard de Chardin). A Noosfera é um processo relacional, onde se encontram os “seres do espírito”, pois se alimenta daquilo que é pensado pelos seres humanos, como também influencia o pensamento destes. Segundo Morin (1994), a Noosfera é algo que existe *a priori*, uma vez que a cultura é cumulativa desde os períodos remotos da existência humana.

Segundo Contrera (2010), a Mediosfera é uma parte da Noosfera que cresce significativamente. Entende Contrera (2010) que a imagem simbólica é aquela que gera uma imaginação. Imagem, imaginação e imaginário fazem parte da mesma raiz. Ocorre que a imagem técnica, elaborada para direcionar a atenção e nivelar o entendimento pela mídia eletrônica, faz parte de uma extensa cadeia produtiva, uma indústria de produção massiva de imagens. Isso tem o potencial de domesticar e colonizar o imaginário. Segundo Serge Gruzinski (2003, 1994), a colonização do imaginário se dá por uma ação sistemática que envolve dominação sobre o uso do tempo e do poder instituído sobre a outra pessoa. Por exemplo, Gruzinski (2003) explica que, para se comunicarem com os indígenas no México, os missionários jesuítas utilizavam a música e as imagens como forma de introduzir novos símbolos nessa cultura. Comparativamente ao que acontece em uma situação em que a criança fica parada assistindo as imagens e ouvindo os sons, ela recebe influência pela velocidade com que essas imagens técnicas são transmitidas. As imagens técnicas apresentam o sentido de como devem ser entendidas e devido à velocidade, sem que haja tempo de reflexão sobre o que está sendo apresentado, de modo que isso limita

tanto a crítica quanto a imaginação. É possível haver nas produções midiáticas alguns conteúdos de efeitos sensoriais que podem promover influência em um nível não perceptível de forma consciente. Esses efeitos podem estar associados à velocidade com que as imagens são apresentadas, efeitos repetidos como a frequência do piscar de luzes, o jogo de cores, os sons acoplados. Há efeitos sensoriais que são tão indiretos, que estão colocados de modo a serem percebidos sem a atenção direta na ação que ocorre, mas por comporem o conjunto da imagem. Isso afeta a percepção, tem relação com as emoções, pode despertar desejos. Ferrés (1998) também relaciona as características estereotipadas e com a intenção de persuasão. Alguns desses efeitos sensoriais fazem parte de um fenômeno da percepção humana que pode acontecer abaixo do nível consciente. Esse é um dos fatores que deve chamar a atenção de pais e responsáveis pela criança pequena para limitar a quantidade de tempo diário em exposição à mídia eletrônica.

Para Contrera (2010), Mediosfera é um imaginário mediático que nasce dentro do universo da Noosfera como entendida por Morin (1994). A Mediosfera transforma a forma como se constituem as relações comunicacionais e a construção dos vínculos, pois reduz a oportunidade de tempo para se reproduzirem os rituais e as práticas culturais que agregam as pessoas. Passa-se a ter mais experiências com imagens que envolvem a visão e a audição, que são sentidos de distância, do que as que envolvem diretamente os outros sentidos, como os de proximidade e de contato, como o olfato, o tato, o paladar, a cinestesia. Isso implica menor oportunidade de trocas presenciais entre as pessoas e de convivência social e comunitária.

Na obra *Cultura de Massas do Século XX*, Morin (2002) coloca que o imaginário está estruturado pelos arquétipos. Para Jung (2000, p. 15), arquétipos são conteúdos do inconsciente coletivo, portanto, arcaicos, primordiais, “imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos”. Morin (1994, p. 110) ressalta a importância dos arquétipos, conforme Jung “os arquétipos são formas a priori ou Imagens primordiais, virtuais em todo espírito humano. Matrizes universais do inconsciente coletivo mandam e controlam nossos sonhos e mitos”. Morin (2002) explica que os mitos, na realidade social e cultural do sujeito pensante, podem se transformar em um economicismo, em produtos, reduzindo as ideias a uma realidade acessória. Segundo Morin,

O imaginário se estrutura segundo arquétipos: existem figurinos-modelo do

espírito humano que ordenam os sonhos e, particularmente, os sonhos racionalizados que são os temas míticos ou romanescos. Regras, convenções, gêneros artísticos impõem estruturas exteriores às obras, enquanto situações-tipo e personagens-tipo lhes fornecem as estruturas internas. A análise estrutural nos mostra que se pode reduzir os mitos a estruturas matemáticas. Ora, toda estrutura constante pode se conciliar com a norma industrial. A indústria cultural persegue a demonstração à sua maneira, padronizando os grandes temas romanescos, fazendo clichês dos arquétipos em estereótipos. (MORIN, 2002, p. 26).

Morin (2002, p. 26-34) entende que na mídia de massa existe um processo de individuação, que estratifica para atender a modelos, uma criação com “técnicas-padrão”, uma espécie de racionalização, “clichês dos arquétipos em estereótipos”. As produções audiovisuais fazem parte de uma indústria de entretenimento em que diferentes profissionais são pagos para executarem a sua parte, todo o interesse voltado para que haja um máximo consumo.

Canclini (1996) tem um interessante exemplo sobre como a influência que se recebe por meio dos *media* pode ser muito sutil e pouco perceptível. Trata-se do despertar desejos e interesses para fins úteis relacionados com a diferenciação entre classes sociais que atende ao modelo de consumo capitalista e se caracteriza pelo valor da escassez para o acesso.

Há uma coerência entre os lugares onde os membros de uma classe e até uma fração de classe se alimentam, estudam, habitam, passam as férias, naquilo que lêem e desfrutam, em como se informam e no que transmitem aos outros [...] A lógica que rege a apropriação dos bens enquanto objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam. (CANCLINI, 1996, p. 56).

Canclini (1996) exemplifica como as imagens podem promover o despertar de desejos e diferenciar pela escassez de recursos e não pela condição de acesso para todos. Pode ser uma forma de influência que tem um objetivo de intensificar o interesse pelo consumo no contexto do capitalismo. Pode-se observar o cuidado na produção de imagens técnicas que buscam nivelar o entendimento da maioria. Essas imagens se posicionam na valorização de um determinado item, pela repetição, por diferentes informações e pela insistência com que as mensagens são colocadas nos *media*, posicionam-se como se fossem a única expressão da verdade. Esse é um dos motivos para não se deixar, até por horas seguidas, uma criança extasiada em frente a um aparelho de televisão. As imagens são direcionadas para captar a atenção, isso

promove uma limitação do corpo que fica parado, sujeito à influência e possivelmente representa um fator de vulnerabilidade.

Conforme alguns exemplos observados em pesquisas, há situações em que crianças ficam expostas às imagens técnicas da mídia eletrônica por um período que excede uma condição saudável³². Isso significa vulnerabilidade. Pais e responsáveis com um nível de escolaridade baixa ou que não desenvolveram crítica sobre o uso excessivo de aparatos eletrônicos não têm clareza de riscos associados. Este capítulo abordou como o uso da tecnologia é incentivado em contrapartida à análise de seus riscos associados. Buscou apresentar de que forma isso se reflete no uso do corpo e seus sentidos.

A criança que passa horas diárias frente a aparatos eletrônicos está em certo grau de privação do uso de sentidos. Isso implica deixar de ter um adequado espaço de tempo para o brincar presencial com outras crianças. De certa forma, está em privação do tato, do paladar, do olfato, da propriocepção. Há potencialmente a possibilidade de estar sendo afetada nas questões emocionais, sem que os pais e responsáveis saibam do que se trata. Além disso essa criança está mais suscetível à propaganda e à publicidade, pois está sofrendo um processo de isolamento (Morin).

Para este estudo foi necessário analisar o quanto a valorização da tecnologia, associada ao “progresso”, sem a devida crítica, contribui para permitir que crianças pequenas sejam expostas por horas diárias à mídia eletrônica.

³² “A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) redigiu um documento com 50 normas para pais, pediatras, educadores, crianças e adolescentes sobre como lidar com a internet. Voltado para pais, pediatras e educadores, o documento traz regras práticas como, por exemplo, deixar que crianças de 2 a 5 anos fiquem só uma hora por dia no computador ou similares e não permitir que crianças de 0 a 10 anos usem computador ou televisão em seus próprios quartos. É a primeira vez que normas desse tipo são editadas no Brasil e especialmente adaptadas para a realidade do nosso país” (G1, 2016). Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/11/sbp-lanca-cartilha-sobre-como-criancas-devem-lidar-com-internet.html>>. Acesso em 10.02.2018.

3 CAPÍTULO III – O ABANDONO DO HUMANO

Na contemporaneidade as possíveis formas de abandono de criança pequenas são várias, por exemplo, o que traz este estudo, no uso solitário, não monitorado, de aparatos eletrônicos. Isso repercute em relação aos comportamentos sociais podendo levar à apatia e à banalidade da violência, representando um processo de dessensibilização do corpo convertido em mercadoria, coisa, reificação. No cotidiano a sociedade se aliena dessa questão, não promove o debate³³ sobre o assunto nas diferentes camadas sociais, o que torna ainda mais relevante um olhar atento para isso.

3.1. Sobre a restrição afetiva

Conforme apresentado no Capítulo II, a atenção direcionada ao aparelho eletrônico por meio das imagens técnicas pode significar uma limitação de oportunidade para receber outros contatos presenciais humanos. Isso representa uma restrição de tempo diário para as relações sociais e receber afeto - aqui entendido como a forma como a pessoa é estimulada pelo seu meio ambiente. Entende Boris Cyrulnik (2005) que a restrição de afeto implica redução da sensorialidade, porque a criança não tem a oportunidade de desenvolver todos os sentidos humanos. Para esse autor, a restrição sensorial pode comprometer a criação de vínculos, também pode levar a apresentar quadros de ansiedade, principalmente quando não há tutores de resiliência, que são as pessoas que contribuem para o desenvolvimento da saúde mental, propiciando referenciais que permitem restabelecer uma condição mais saudável. “A restrição afetiva constitui uma situação de privação sensorial grave, um traumatismo insidioso ainda mais devastador quando temos dificuldade de nos dar conta disso” (CYRULNIK, 2005, p. 11). A criança privada de contatos humanos e direcionada para o uso de aparatos eletrônicos pode ser entendida como em estado de restrição afetiva. Para Cyrulnik (2005), trata-se de um processo de isolamento sensorial que pode levar a sentimento de vazio existencial. Esse autor entende que o afeto é uma necessidade fundamental do ser humano.

³³ Na área de Comunicação, uma bela exceção tem sido os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia (GRIM), da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela Profa. Dra. Inês Vitorino.

[...] crianças que se esvaziam de sua vida devido a um vazio em torno delas reanimam-se frequentemente infligindo-se sofrimentos. A dor faz um pouco de vida voltar a elas. [...] Em compensação, quando se dispõem em torno da criança alguns tutores de resiliência afetivos e sensatos, ela retorna rapidamente seu desenvolvimento e pode até recuperar seu atraso. (CYRULNIK, 2005, p. 19).

O audiovisual estimula a visão e a audição que são os sentidos mais utilizados e que têm relação com a distância. O que se observa é que não são estimulados os sentidos de proximidade como o tato, o paladar, a propriocepção³⁴. Usando em excesso a mídia eletrônica, a criança pequena recebe estímulos sensoriais auditivos, visuais, mas o tato está relacionado ao controle remoto ou teclado do aparelho, o olfato não é estimulado, e especificamente o que fica totalmente embotado é o sentido da propriocepção. Não havendo adulto junto à criança, esta se restringe a ter seu interesse e atenção direcionados à mídia, o que limita ou restringe trocas afetivas. Nesse caso, quem dirige o processo é o aplicativo e o aparelho. A criança simplesmente se deixa capturar subordinada ao modelo e tolhida na sua expressividade.

Frente à percepção de Cyrulnik (2005) sobre a condição humana a que se pode estar exposto em privação de uso dos sentidos, este estudo trata especificamente da criança em frente da mídia eletrônica. De acordo com o que é possível entender, a pessoa pode ficar suscetível a uma intensificação de ansiedade. Conforme explica Cyrulnik (2005), pode levar a pessoa a manifestar um quadro de ansiedade que a faz sentir a necessidade de desejar que algo lhe aconteça e a retire do estado menos desejável em que se encontra.

Günther Anders (2011, p. 113) lembra que, em uma residência, a mesa de refeições servia como uma referência de espaço para reunião e organização familiar e que a televisão substituiu essa centralidade dispersando os membros da família. Afirma Anders (2011, p. 113, tradução livre) “já não estão juntos se não uns ao lado de outros, ou nem sequer isso, são meros espectadores”. Para Anders (2011), ao ter a fala limitada pela visão e audição do que é apresentado por meio de um aparelho

³⁴ Propriocepção, conforme Damásio (2000), se relaciona ao sistema sômato-sensitivo, aquilo a que se referem os sinais do corpo que são recebidos da parte do meio interno do organismo e das vísceras. Oliver Sacks (1997) analisa casos de perturbações da percepção da imagem corporal e os relaciona à propriocepção. Uma criança que se alimenta em frente a uma tela de aparato eletrônico se estiver com a propriocepção rebaixada poderá não mastigar adequadamente os alimentos que ingerir, poderá estar desatenta às quantidades consumidas, porque estará absorvida pela atenção focada na tela.

de televisão, ou de rádio, os membros de uma família se subordinaram ao modelo tecnológico estabelecido, ficam tolhidos em sua capacidade de expressão, de se colocarem livremente trocando ideias sobre suas experiências do dia e fortalecendo os vínculos no espaço presencial.

Um exemplo de como lidar com a questão dos vínculos com uma criança com sua atenção direcionada a um aparelho eletrônico, pode ser visto no filme *Nossas Noites*³⁵, do diretor Ritesh Batra (2017). No enredo, dois personagens adultos, representados pelos atores Robert Redford e Jane Fonda, acolhem por alguns dias uma criança que já tinha algum histórico familiar de dificuldade de contato com os pais. A cena em que os atores buscam estabelecer um vínculo com a criança, negociar atividades, apresenta uma disputa da atenção da criança para com o aparato eletrônico. A estratégia adotada pelos adultos foi estabelecer uma agenda de atividades ao ar livre em que a criança pode conhecer novos espaços, em parques, contatos com animais, outros adultos e crianças, assim a atenção para o aparato eletrônico praticamente desaparece na história. Neste caso, a proposta apresentada no filme de uma maneira simples em termos humanos, permitiu perceber que a criança quer receber atenção, ser amada, estimulada, obter o conhecimento daquilo que ela não teve oportunidade ainda e de forma lúdica. Isso seria algo a ser observado na vida urbana nos tempos atuais, em que as atividades diárias de crianças pequenas é um elemento a ser organizado por pais e responsáveis, que quase não dispõem de tempo livre do trabalho para se ocuparem disso.

Segundo Virginia Kastrup (2008), em uma análise dos conceitos de autopoiese³⁶ e enação³⁷, conforme Maturana, Varela e outros autores, para fins cognitivos o mundo não está dado, ele se produz e se cria a partir da relação direta que se estabelece pelo sujeito, na ação ativa que este empreende no mundo. O conhecimento não é algo predeterminado que se incorpora, ao contrário, ele se desenvolve pelas atividades e práticas sociais, ele é adquirido nas vivências e pela experiência. A competência ética, conforme Varela (1992), se desenvolve pela ação, pela interação humana no mundo, entre outras coisas, implica na sensibilidade para

³⁵ *Nossas Noites* (título original: **Our Souls at Night**). Diretor: Ritesh Batra. EUA, produzido pela Netflix, 2017.

³⁶ “todo sistema autopoietico é uma unidade feita de múltiplas interdependências, quando uma dimensão do sistema é modificada, o organismo como um todo passa por mudanças correlativas em muitas dimensões ao mesmo tempo” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 148).

³⁷ Enação (em ação) termo criado por Humberto Maturana e Francisco Varela. Está relacionado à percepção e à cognição.

com a diversidade e a interdependência humana. Entende Varela (1992) que, assim como outras competências, se aprende, não é algo que está consolidado universalmente e que se absorve. A ação ética implica nas escolhas que se faz, está relacionada ao conhecimento, ao saber-fazer. “Ela requer também a manutenção da capacidade de ser afetado pela diferença e de problematizar sempre o saber acumulado” (KASTRUP, 2008, p. 124). Essa autora trata a importância da questão dos afetos, conforme também trata Cyrulnik (1995). Aquilo que afeta a pessoa tem relação com o desenvolvimento da percepção e da sensibilidade, assim como da empatia, que não está expressa diretamente, mas tem relação com o se colocar no lugar do outro, como um grau de consciência de suas ações no mundo. Para Kastrup (2008, p. 124), “o que parece importante destacar é que a relação com as pessoas, ou seja, a relação social, envolve uma transversalidade da diferença, uma comunicação num plano de virtualidade que atravessa diferentes subjetividades”. Essa autora, em seus estudos sobre Varela e outros autores, enfatiza as relações sociais como uma possibilidade para entender as diferenças.

Conforme Franz de Waal (2010, p. 29), “o vínculo é um elemento essencial para a nossa espécie”. Para de Waal (2010, p. 234), é uma característica humana valorizar as relações familiares e com amigos. Como é possível observar, o desenvolvimento cognitivo tem relação com o desenvolvimento das relações sociais e das práticas que são adotadas. Para Kastrup (2008, p. 122), exige a participação do corpo em diferentes situações, a partir dos contextos específicos e interesses concretos. Para o presente estudo, isto significa que as interações presenciais possuem características do uso do corpo que as relações mediadas por aparatos eletrônicos não conseguem dar conta, não substituem, não são suficientes.

Conforme é possível depreender, a partir do entendimento dos autores citados, o uso do corpo e de seus diferentes sentidos em relação ao uso de aparatos eletrônicos por crianças muito pequenas pode implicar tolhimento da expressão humana por meio de um processo de mediação que impõe regras limitadoras. O que limita a ação da criança pode até promover um processo de silenciamento. Isso se constitui em algo a ser observado quanto ao desenvolvimento em termos cognitivos e de competência ética. De Waal (2010, p. 27) ilustra o caso de criadouro de bebês, por exemplo, o que ocorreu na Alemanha nazista, no período da Segunda Guerra Mundial, entre outros casos. Conforme explica de Waal (2010, p. 27-28), havia orientação dos cientistas da época para que os bebês não recebessem afeto, como ser

frequentemente carregado no colo, ser beijado, “se Watson estivesse certo elas deveriam apresentar um ótimo nível de desenvolvimento, mas a verdade é que elas não tinham a menor resistência às doenças. Em alguns orfanatos a mortalidade chegava perto de cem por cento”. Segundo de Waal (2010), John Watson que trabalhava no desenvolvimento científico da Psicologia Comportamental e publicava artigos sobre seus experimentos na década de 1920, defendia posições que envolviam o poder do condicionamento. As recomendações de Watson implicavam alguns casos em limitar a ação afetiva das mães. Os criadouros de bebês se configuraram, conforme explica de Waal, em uma produção de bebês semelhantes a zumbis. Eram mantidos com condições ambientais com lençóis brancos, berços separados, mas as relações sociais nesses espaços não implicavam desenvolver uma condição de contentamento com a vida, limitavam a condição da pessoa se sentir aceita, usar de todos os seus sentidos e de sua criatividade. A privação de afeto nesse caso demonstrou, conforme explica de Waal (2010), que o óbvio seria observado, o ser humano precisa de amor e afeto desde os primeiros momentos de vida. O uso do corpo, de todos os sentidos humanos, das interações sociais, do ambiente acolhedor e que faça sentido para a existência humana é fundamental para o desenvolvimento da cognição, da percepção, das subjetividades. Isso também foi observado por Cyrulnik (1995).

3.2. Sobre as diferentes situações de abandono

Boris Cyrulnik, que acompanhou o desenvolvimento de crianças que sofreram situação de abandono, perda de familiar ou restrição sensorial, considera que, se elas não vierem a contar com uma rotina estruturada e afetiva, isso precisará ser estabelecido para seu desenvolvimento.

[...] é nossa cultura científica que fragmenta o saber para melhor controlá-lo. Uma criança real não pode ser fragmentada, ela é um ser total no qual a melhoria corporal se associa ao progresso da linguagem e cuja inteligência se alia à afetividade [...] A criança vai conhecendo seu ambiente e o incorpora em sua memória dos primeiros meses e em sua evolução. Quando a bolha sensorial fornecida pelo ambiente familiar é bem estruturada por rotinas afetivas e comportamentais, a criança se desenvolve ao longo dessas estruturas sensoriais. Quando essas rotinas não acontecem durante os primeiros meses, a criança não pode se organizar nem desenvolver nada. Então, é necessário mais tarde dispô-las intencionalmente em torno da criança, desorganizada pela desorganização de seu ambiente, para observar uma retomada do desenvolvimento. (CYRULNIK, 2005, p. 26-27).

Conforme observa Cyrulnik (2005), há na sociedade um possível processo de fragmentação do saber. Dessa forma, pode-se pensar que isso representa também um limitador para o entendimento dos especialistas sobre o conhecimento necessário de como estruturar o ambiente da criança e a construção de seus vínculos. Isso é importante para que a criança se sinta amparada e protegida. Para Boris Cyrulnik (1995, p. 79), a pertença e os vínculos que decorrem dão sentido de existência, "[...] dá forma a nossas percepções e nos oferece os locais onde podemos desenvolver nossas competências", porque, para ele, receber o afeto é condição indispensável para uma vida saudável da criança. O fato de uma criança permanecer por horas sem o contato humano direto, apenas pelo contato mediado pela tecnologia, pode representar uma carência afetiva. É necessário que a criança perceba que recebe a atenção de um adulto, para que não se configure um estado de abandono, os pais ou responsáveis pela criança podem não ter compreensão disso. Segundo entende esse autor, os rituais da vida social, dentro de casa, na escola e em outros espaços, caracterizam para a criança uma situação de pertencimento, permitem que ela se reconheça como parte desses grupos sociais em que se insere. Em entrevista para a Sociedade Antroposófica³⁸, Cyrulnik afirmou que, pelos estudos em neurociências, a privação do afeto promove aumento de atividades "auto centradas" e necessita de condições para resiliência. Resiliência, segundo a teoria de Cyrulnik, relaciona-se à capacidade de a pessoa passar por situações que a desafiam de forma emocional, física, psicológica e conseguir retornar à condição que tinha de enfrentamento de tal situação.

A pertença cria o mundo em que podemos existir, dá forma a nossas percepções e nos oferece os locais onde podemos desenvolver nossas competências. Ela recorta no caos do real formas percebidas, jogos de figuração que nos ensinam a familiaridade, nosso primeiro tranquilizante cultural. Como estamos acostumados a perceber uma mímica que significa algo, a efetuar um gesto compreendido pelo adulto a que amamos e a escutar o enunciado de uma regra, nosso mundo toma uma forma familiar onde sabemos o que fazer, o que dizer e o que sentir. Este sentimento de pertença que estrutura a percepção do meio e das condutas a se praticar nesse meio cria, ao mesmo tempo, o sentimento de continuidade interna (ser o mesmo quando tudo muda ao redor de si) e entre gerações. (CYRULNIK, 1995, p. 79).

³⁸ Entrevista com Boris Cyrulnik. Publicado em 2016. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/sabeventos/73-evento/resiliencia/189-entrevista-com-boris-cyrulnik>>. Acesso em 01.09.2017.

Para se ter uma ideia de como é complexa a percepção do meio e do “sentimento de continuidade interna” para esse período da infância, conforme abordado por Cyrulnik (1995), pode-se analisar que os medos e a necessidade de pertença possam ter relação, por exemplo, com o conceito de duplo, como tratado por Edgard Morin (1975, p. 106), “a existência do duplo é atestada pela sombra móvel que acompanha cada pessoa, pelo desdobramento do ser no sonho e pelo desdobramento do reflexo na água”. Explica Morin (1975) que essa imagem que se reflete produz uma imagem mental como uma segunda existência, “uma zona de incerteza entre a subjetividade e a objetividade”. O duplo como o reflexo do corpo também é uma forma para o conhecimento de si próprio. Segundo Morin (1988, p. 95), esse duplo que se dissocia do corpo e tem “essa existência objectiva e igualmente subjectiva, ou melhor, transubjectiva”. De acordo com Morin (1988), trata-se de uma dialética, estar em si próprio e ao mesmo tempo, estar em outrem. Para Morin (1988, p. 95), “é entre os dois pólos – o do duplo e o da analogia cosmoantropomórfica – que se organiza a consciência de si, a qual, segundo Piaget, não resulta de uma intuição directa, mas sim de uma construção intelectual”. Analisando-se por esse caminho, reforça-se a necessidade da atenção para a formação da consciência, ao se pensar que uma criança pequena possa estar sozinha diante de conteúdos midiáticos.

Conforme os estudos de António Damásio (2000, p. 30), a consciência, “é o padrão mental unificado que reúne o objeto e o self”. Na análise que Damásio (2000) faz há a importância de se entender o papel da consciência nas questões da complexidade humana “como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme” (DAMÁSIO, 2000, p. 30). Isso leva a pensar sobre o sentido de realidade e a compreensão da relação com o outro, o que é meu e o que é do outro. Segundo Kastrup (2008, p. 121), “A subjetividade e a objetividade, o si e o mundo, não são entidades pré-existentes, mas são produzidos”. Conforme coloca essa autora, é possível compreender que pode haver para a criança pequena uma confusão sobre o que lhe diz respeito direto e o que diz respeito ao outro. Esse tipo de confusão pode prejudicar sua clareza em não assumir o que não lhe pertence. Cyrulnik (1995) reforça que até o nome é um assunto a ser considerado.

[...] O nome constitui o melhor demarcador da pertença porque representa a ideia que se faz de si próprio sob o olhar dos outros. “Me orgulho do meu nome” ou “Tenho vergonha do meu nome e tratei de melhorá-lo tornando-me

militar condecorado", esse gênero de frases prova que nossa denominação social é fortemente carregada de afetividade. [...] Não se narrar ao mesmo tempo que a seu grupo de pertença significa partir, em todos os sentidos, erguer uma identidade sem alicerces, uma anarquia. Privados de pedestal, sem origens, não nos apoiamos em nada, flutuamos ao sabor dos encontros fortuitos. Podemos então nos prestar aos discursos ventríloquos, deixar que o outro fale por nossa própria boca, quando a teoria se transforma em litania intelectual que nos une numa adoração do Mesmo... para evitar o pensar. Nosso sotaque e nossas expressões regionais endossam nossa pertença. [...] A falta de rituais de inclusão social deixa os indivíduos sem pertença, o que priva seus esforços de qualquer sentido [...] Sem pertença, encontramos nós, num mundo de coisas desprovidas de sentido, vivendo precariamente na transitoriedade do instante. (CYRULNIK, 1995, p. 79-83).

Segundo Boris Cyrulnik (2005) a restrição afetiva assim como o isolamento sensorial, pelos casos que acompanhou, podem afetar o desenvolvimento saudável de uma criança. O enfrentamento disso implica em ter disponível “tutores de resiliência”, que segundo esse autor são importantes para superar a falta de afetividade. Mas como ficam os tutores de resiliência em situação de configuração familiar do tipo que ocorre no Brasil? Por exemplo, dados de pesquisa do IBGE do ano de 2010, em “38,7% dos 57,3 milhões de domicílios registrados já eram comandados por mulheres. Segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), em mais de 42% destes lares, a mulher vive com os filhos, sem marido ou companheiro” (BRASIL, 2010)³⁹. São dados que apontam uma limitação social e econômica para o desenvolvimento de recursos como tutores de resiliência, uma vez que, conforme estudos que são divulgados⁴⁰ os salários pagos aos homens são frequentemente maiores que os das mulheres. A questão observada é que em uma sociedade que entende os adultos como produtores e consumidores os absorve nesse processo, tornando-os indisponíveis para as diferentes atribuições da vida moderna e para a educação dos filhos. A caracterização das cidades com poucos espaços de sociabilidade confina as crianças à própria casa com o pai e a mãe. Como exemplo de como as pessoas são afetadas pela condição de vida urbana, em uma entrevista ao programa Café Filosófico CPFL⁴¹, o escritor Antonio Prata, ao citar o desafio dos pais na criação dos filhos na vida diária desabafa que deixar a criança mais tempo no

³⁹ Cidadania e Justiça. Publicado em 08/05/2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/mulheres-comandam-40-dos-lares-brasileiros>>. Acesso em 10.02.2018.

⁴⁰ Brazil's Observatory of Gender Equality. Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Original publicado em 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 10.02.2018.

⁴¹ Café Filosófico CPFL. Infância e Memória. Curadora: Julieta Jerusalinsky. Entrevistado: Antonio Prata. Publicado em 11.03.2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hWIGbTQoYfo>>. Acesso em 14.03.2018.

tablet pode ser uma forma de os pais encontrarem tempo ou ter espaço para dedicação a outras atividades domésticas. De acordo com a teoria de Cyrulnik, disponibilizar tutores de resiliência contribuiria para se encontrar um sentido e condições de superação frente aos desafios da vida contemporânea.

Conforme entende Cyrulnik (1995, 2005), a criança precisa se sentir amada, reconhecida, pertencer a um contexto familiar, receber afeto como uma condição de acolhimento de sua existência específica. Isso leva a entender que estar exposta por longos períodos a aparatos eletrônicos como TV, *tablets* e celulares representa uma privação, uma limitação sensorial e social, que coloca em risco um desenvolvimento saudável, porque o aparato eletrônico não tem condição de suprir todas as necessidades presenciais de natureza emocional e afetiva. A criança pode se encontrar em condição carente sem saber do que se trata esse tipo de carência, falta-lhe alguma coisa que ela não tem consciência do que seja. Para Cyrulnik (1995), os pais e responsáveis, principalmente a mãe, são muito importantes na constituição da subjetividade da criança. Em seus estudos, esse autor observou que a criança cria metáforas, fantasia suas necessidades de carinho e afeto. Isso pode estar sendo uma forma de demonstrar seus medos e preocupações. O tutor de resiliência pode ajudar no sentido de superar essa ausência de tempo dos pais em dar atenção para a criança, como no exemplo:

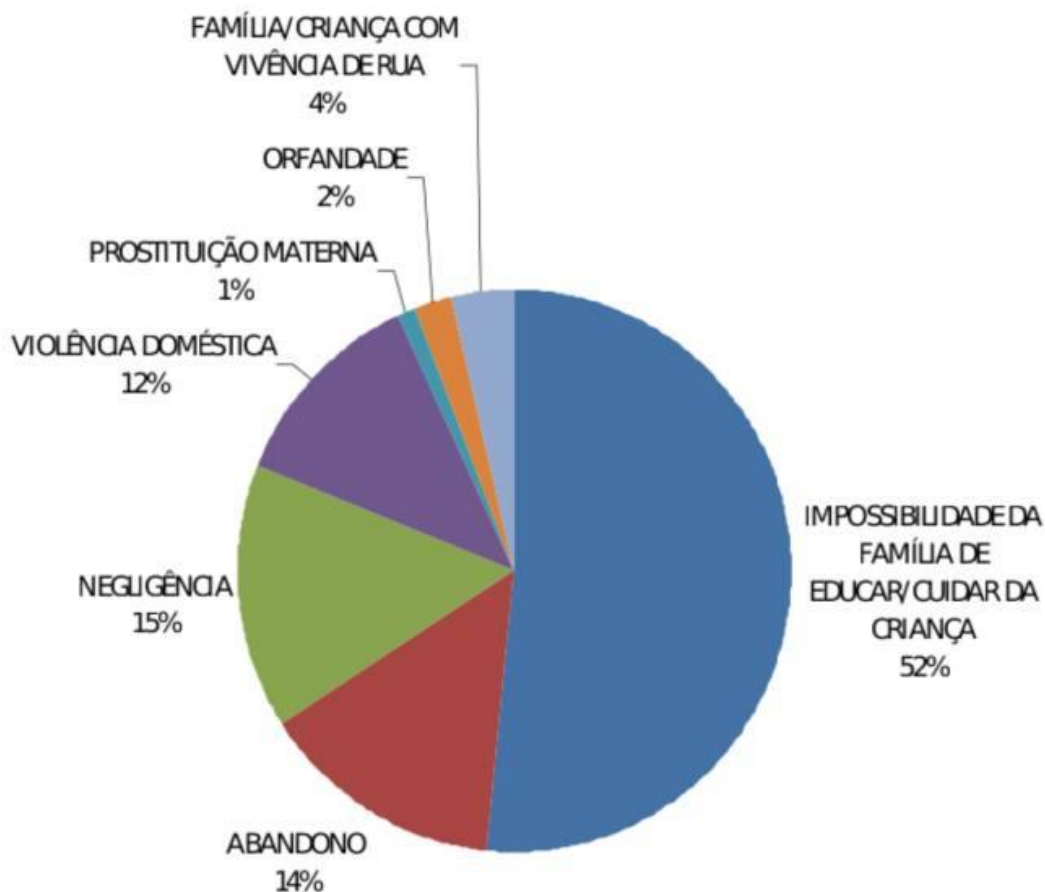
Entre as crianças enjeitadas, as que ainda têm a força de sonhar elaboram o romance familiar das crianças sem família em que a mãe assume o papel de uma fada, e o pai, o de um cavaleiro. A fantasia do tesouro escondido é frequente em seus romances: "Meus pais, antes de morrer, legaram-me um tesouro escondido que preciso procurar". As crianças criadas no confinamento afetivo de pais superprotetores, por sua vez, inventam regularmente um romance de orfandade: "Serei órfã, sozinha no mundo... livre e sofredora... a única autora de minha própria história". Uma criança não tem jamais os pais com que sonha. (CYRULNIK, 1995, p. 78).

Cyrulnik (1997, p. 91-92) defende que o ser humano é centralmente um "indivíduo poroso" que é penetrado pelos elementos sociais, "biologia do ligante". As pessoas são capturadas pelas palavras, pelas informações que a influenciam e que lhe afetam a sensorialidade e podem se deixar influenciar pela atenção capturada pela mídia eletrônica. Uma criança sem a presença de um adulto torna-se permeável, sem que pais e responsáveis possam entender o que se trata a influência que ela recebeu.

Outras formas de privação precisam ser consideradas porque, em uma

sociedade desigual pode-se acarretar diferentes situações de vida que implicam diversas condições de acolhimento de crianças. Como exemplo, a Figura 1 apresenta um gráfico de estudo sobre motivos de institucionalização de crianças, feito em nível de doutorado em Educação com 55 crianças, na faixa etária de 0 a 5 anos, 38 meninos e 17 meninas, institucionalizadas em diferentes instituições na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, no ano de 2009. Conforme conteúdos constantes dos documentos das crianças obtidos pela pesquisadora nas entidades, os motivos observados dizem respeito às necessidades de institucionalização da criança por ausência de capacidade do ambiente familiar em acolhê-la. Em um ambiente em que faltam as condições básicas de sobrevivência, a criança já se encontra em situação de grave vulnerabilidade. Este é um aspecto da desigualdade social que chama a atenção pela necessidade de políticas sociais protetivas. Neste caso do exemplo, por sorte, a própria pesquisadora conferiu que as crianças ficaram institucionalizadas apenas por certo período de tempo.

Figura 1 — Motivos que levaram crianças ao acolhimento institucional



Fonte: Abreu (2010, p. 21).

Pode-se considerar pelos dados colhidos por essa pesquisadora que os motivos de análise colocados no gráfico apontam para questões como: Impossibilidade de a família educar/cuidar da criança, Abandono, Negligência, Violência Doméstica, Prostituição materna, Orfandade, Família/criança com vivência de rua. De acordo com Abreu (2010, p. 23), “No entanto, o maior motivo da institucionalização, conforme revelou o estudo, é a impossibilidade da família de cumprir seu papel protetivo”.

A necessidade de se estar atento ao processo de proteção e cuidado com a criança é porque implica em uma complexidade de diferentes situações. As mais contemporâneas envolvem riscos mais sutis de serem observados. Por exemplo, a exploração pela mídia eletrônica da atenção da criança focada na tela do aparelho eletrônico. Pode se tratar de qualquer criança, pois independe da classe social ou histórico de vida, estar por horas sem o contato com outras pessoas implica falta de limites e de atenção das pessoas responsáveis. Há todo um interesse comercial que envolve cadeias produtivas. Nesta análise, a atenção focada torna a criança um receptor. A mídia eletrônica como um emissor que utiliza diferentes recursos de som, imagem e texto recebe consideração ao tratar com tantos cuidados as imagens técnicas. A criança com seu olhar direcionado ao que interessa ao emissor pode estar em uma situação, como explicam Baitello Jr. e Silva (2013), em um estado de vínculo hipnótico ou hipnógeno.

Vínculos hipnóticos/hipnógenos caracterizam-se não somente pela resposta literal ao comando estabelecido, mas também por esta ação basear-se em forte poder de comando do hipnotizador para com o hipnotizado. Sua natureza, entretanto, é a instituição instantânea (ação arrebatadora), a obsolescência e a efemeridade (não perduram no tempo) e a superficialidade ou gratuidade (pretendem sempre ser autossuficientes e autorreferentes, se apresentam como inócuos e inofensivos). Podemos considerar que se diferenciam por completo dos vínculos fundados em ambientes da cultura em sua dimensão histórico-antropológica. (BAITELLO JR.; SILVA; 2013. p. 6).

Segundo Baitello Jr. e Silva (2013), esse tipo de vínculo tem a caracterização como hipnótico ou hipnógeno porque se estabelece em um único sentido, do emissor para o receptor, não tem característica dialógica, tem uma natureza intencional, se caracteriza pela atenção focada, utiliza diferentes condições estrategicamente organizadas para atrair o interesse. A criança desacompanhada da presença de adulto que a auxilie a interpretar as informações que recebe, de modo a relativizar e

contextualizar o que está sendo apresentado, pode estar recebendo influência que os pais ou responsáveis não terão qualquer ideia do que seja. O mesmo também pode ser considerado, pois esta condição também se caracteriza no caso da atividade do jogo no aparelho eletrônico. “Caracteriza-se este último pela ludicidade exacerbada (cega e obediente), isto é, pela finalidade em si mesma e pela ilusão (*in ludere*), por parte do receptor, de que ao agir sobre o aparelho atua como emissor” (BAITELLO JR.; SILVA; 2013. p. 6). O jogo tem uma programação com o intuito de também manter a atenção focada. Entende-se que uma criança com diferentes oportunidades para brincar, lazer e contatos presenciais possivelmente tem escolhas que a livrem de uma atenção focada de forma a ficar, por muitas horas, suscetível às mensagens que recebe.

Na obra *Hipnose Ericksoniana*, Stephen Paul Adler (2010, p. 16-17) também caracteriza o processo hipnótico pela atenção concentrada. Segundo a teoria de Milton Erickson (1980), Adler (2010) esclarece que o estado de consciência ou de percepção com uma atenção direcionada propicia “uma marcante receptividade a ideias”. Isso se caracteriza pelo emissor receber consideração, como aquele que sabe e aconselha. As emoções também são estimuladas a partir dos conteúdos desenvolvidos. Conforme já tratado no Capítulo II, mimese, emoções, empatia, neurônios espelho, são fenômenos humanos e estão relacionados. Também é uma característica do humano os estados hipnóticos, isso acontece de forma natural durante o dia. Ocorre que essa característica humana para direcionar a atenção, focar o interesse, aconselhar, orientar pode ser usada sem que a criança tenha qualquer defesa contra isso. Por esse motivo, crianças, principalmente as menores de 6 anos de idade, precisam estar acompanhadas ou supervisionadas ao assistirem conteúdos no uso de aparatos eletrônicos.

Um exemplo de caso, no episódio “A festa”⁴² do seriado da Netflix “Grace e Frankie”, uma criança por volta dos 6 anos vai à casa dos avós maternos para ser acompanhada por eles, pois a mãe, grávida de gêmeos, ía ao médico. A forma como a criança chega na casa dos avós, com o uso de grandes fones de ouvido e um *tablet* disfarçado de brinquedo demonstra como isso é tolerado pelos adultos. Na cena em que os avós interrompem a criança de continuar com a atenção no *tablet* e se preparar para comer, orientando-a para lavar as mãos, a criança lava as mãos muito

⁴² *Grace and Frankie*. Seriado. Episódio: A Festa. Diretor: Wendey Stanzler. 2a. temp. ep. n.12. Produção Netflix. Internet. 2016.

rapidamente. Os avós então combinam de lavar as mãos juntos e com os cuidados necessários. Nesse momento da ação, a criança pronuncia um "palavrão". Em uma cena seguinte, os avós conversam com a mãe da criança que discorda que esta tenha dito tal "palavrão", porque isso não acontece em sua casa. A mãe se dirige à criança, tem que lhe retirar os fones de ouvido, esta demonstra-se descontente e comenta "a doutora brinquedos ia cuidar do ratinho", a mãe diz "tudo bem" e pergunta à criança se mencionou uma palavra feia que começa com a letra "f". A criança pergunta "foi a palavra filantropia?" e a mãe se dá por satisfeita colocando-lhe novamente os fones de ouvido. Os avós se entreolham atônitos e se afastam. Em uma cena seguinte, a mãe conversando com os avós assume não ter tempo para a criança, que ela ficou com a "boca suja" e naquele dia "passou 6 horas na frente daquele *tablet*". Apesar do tom de lamento sobre o fato, que a personagem da mãe apresenta na cena, no contexto geral da cena, parece haver compreensão de que tudo se passa como se fosse parte de situações cotidianas toleradas. Sem um projeto para a mudança no sentido de despertar outros interesses para a atenção da criança, o comportamento de olhar para uma tela se intensifica no tempo. Além disso, nesse caso exemplificado, a mãe perde uma oportunidade de estabelecer um vínculo com a criança, por exemplo, a partir do comentário que esta faz. Como na cena do filme, a criança apresenta uma objeção para não ser interrompida, se a mãe se coloca como interlocutora do discurso da criança, como a "doutora brinquedos" e explica que ela também está cuidando de sua filhinha e tem uma necessidade de conversar e trocar ideias. Esse tipo de abordagem talvez pudesse facilitar a contextualização do que seja um "palavrão", o que os avós acreditavam ter ouvido, bem como estabelecer alguns limites necessários. De certa forma há uma ambiência social na família contemporânea em que se coloca para a mãe a responsabilidade direta sobre os cuidados com a criança. Ainda o que é possível observar é que disputar a atenção da criança para o aparato eletrônico exige disponibilidade de promover diferentes interações, criatividade, vontade do adulto e isso implica um grau de complexidade.

Por meio do entendimento de muitos pesquisadores, a condição em que uma criança possa ficar exposta por horas diárias à influência de conteúdos de aparatos eletrônicos é comparável a um processo de possível estado de abandono familiar e comunitário. Cabe aos pais e responsáveis pela criança prover uma agenda diária de atividades para que a criança se oriente em função das suas necessidades.

Conforme o referencial teórico até então utilizado, a criança pequena tem

limitações no seu entendimento de mundo, é influenciável pelo seu meio social e precisa desenvolver recursos pessoais para lidar com situações cotidianas. Muito mais do que imitar, a forma como a criança percebe o ambiente, pelo uso dos sentidos e das interações sociais, permite que ela desenvolva suas competências, percepção, cognição, seu sentido de vida. A privação de atenção de adultos e da oportunidade de interagir com outras crianças faz com que a criança esteja limitada, sem que necessariamente ela tenha condição de entender ou saber lidar com as limitações desse seu cotidiano.

Pelas pesquisas realizadas foi demonstrado que crianças em estado de privação do uso dos diferentes sentidos apresentam comportamentos que denotam tais limitações e que podem estar relacionados principalmente com a intensificação da ansiedade. No caso deste estudo, o que a criança assiste no audiovisual é uma experiência incompleta, pois ela não vivenciou nesse período de forma interativa com outras crianças ou adultos. Essa carência de interação social se reflete nas necessidades de seu corpo, com o uso dos diferentes sentidos, o que se relaciona com a ansiedade.

CONCLUSÃO

Este estudo partiu da hipótese de que a ausência de mediação ou monitoramento dos pais, somada à superexposição à mídia eletrônica, ocasiona nas crianças superexpostas um quadro que aponta para consequências psicoemocionais e cognitivas.

No Capítulo I, analisou-se o conceito de infância pela visão de pesquisadores de diferentes disciplinas. Entre outros aspectos considerados, observou-se o viés biológico, sociológico, psicológico. Compreendeu-se que o conceito de infância, pelos autores consultados, trata-se de uma construção, é algo que não está dado ou previamente constituído. É superada a visão de que uma criança é um adulto em desenvolvimento; a corrente teórica mais recente considera a infância como um período que se produz por meio das relações sociais, que diz respeito às condições que a criança irá vivenciar em seu ambiente familiar e comunitário. A criança em seu desenvolvimento emocional e cognitivo precisa ter oportunidade de fazer uso de todos os sentidos humanos, receber afeto, interagir com outras crianças e adultos. Com base nisso, ficou compreensível que a vivência pessoal é fundamental na formação da criança para o desenvolvimento de sua sensibilidade e que isso será importante para a sequência de sua vida. Partindo-se desse posicionamento, entende-se que o que promove restrição ou limitação no uso dos sentidos precisa ser considerado e analisado.

O Capítulo II apresentou pesquisas (constantes do Apêndice), que analisaram diferentes situações relacionadas ao uso da mídia eletrônica por crianças pequenas e como isso é percebido por seus familiares e a comunidade. Observou-se que o senso comum faz uma relação direta do desenvolvimento da tecnologia com o progresso. Conforme a visão de diferentes pesquisadores, foi possível entender que há questões a serem consideradas, por exemplo: o que se entende por progresso, para quem esse progresso ocorre, e ainda com qual objetivo. Dessa forma, uma criança pequena isolada, sozinha, fazendo uso frequente por horas consecutivas de aparatos eletrônicos, muitas vezes incentivada pelos próprios pais, responsáveis e pela comunidade, tem uma redução no uso de alguns dos sentidos humanos, por exemplo, a propriocepção, o tato, o paladar e o olfato. Isso pode corresponder a um processo de privação sensorial e afetiva que se torna constante e cotidiana. Diferentes autores (Cyrulnik, Prout, Damásio, entre outros) compreendem a importância das relações

sociais e humanas, das experiências imaginativas, para um adequado desenvolvimento sensorial e perceptivo no período da infância. Portanto, a privação do uso de alguns dos sentidos humanos, como a propriocepção, por exemplo, e o excesso de incentivo ao uso de outros, como visão e audição, não resolve o estado de carência em que a criança se encontra, nem é suficiente para um completo desenvolvimento sensorial e afetivo que impactará o cognitivo. Também foi observado que o audiovisual promove o entretenimento e a distração por meio das imagens técnicas, direciona o olhar e padroniza o entendimento de forma massificada. Isso não substitui as experiências interativas de uso do corpo, imaginativas, criativas, lúdicas, como o brincar. Direcionado pelo que já está definido e imaginado na composição audiovisual da mídia eletrônica, a criança pequena pode passar por um processo de hipostasiamento e assim estar submetida a ser seduzida, mimetizar desejos, de modo a acreditar que o que lhe é apresentado e que se trata de algo fictício, definido por outros, possa ser o real.

O Capítulo III reforçou que o direcionamento que os *media* promovem difere da liberdade e da espontaneidade dos contatos presenciais, pois já é pré-moldado. Os conteúdos mediáticos possuem um propósito programático, são desenvolvidos com início, meio e fim. O audiovisual direciona ao que está preestabelecido e de acordo com os interesses comerciais de quem detém o poder de tomar as decisões sobre o que irá constar das imagens técnicas. Apontou para a sensibilidade da pessoa humana, de modo que esta desenvolva uma consciência social e ética, também sobre a diversidade e a interdependência humana, há que se ter diferentes vivências pessoais, não é algo que está dado para ser assimilado, se constitui a partir das sociabilidades relacionadas com a percepção de mundo, as experiências no uso dos sentidos, dos afetos, da qualidade das interações e das emoções. Trata-se de vivenciar, de se ter diferentes oportunidades de contextos, relações presenciais, respeito às diferenças. A ausência de oportunidades promovidas tanto pelos familiares como pela comunidade em geral, que propiciem as interações com outras crianças e adultos, de modo a deixar a criança sozinha por horas consecutivas no uso de aparatos eletrônicos, foi considerada neste estudo como uma forma contemporânea de abandono da criança.

Ao se analisarem fenômenos humanos e sociais há que se considerar que fazem parte de uma teia, estão enredados em um aspecto sócio-histórico, econômico e cultural. Neste estudo, ao se ater a questão da infância frente a aparatos eletrônicos,

observou-se que alguns pais e responsáveis por crianças pequenas estão alheios ou rebaixaram sua capacidade crítica sobre possíveis vulnerabilidades a que expõem seus filhos. Estudos e exemplos levantados e analisados, demonstrados no Apêndice, apontaram que o nível educacional dos pais interfere na percepção de riscos associados ao uso intensivo da mídia eletrônica por crianças pequenas. O tema vem merecendo diferentes análises e observações de especialistas, entretanto, os aspectos sombrios dos desafios associados se encontram presentes, conforme está demonstrado neste estudo.

A crescente produção audiovisual nacional e internacional apresenta resultados que incentivam diferentes investidores, conglomerados e cadeias produtivas. Conforme apontam estudiosos no assunto (p. ex. Buckingham, 2012), não há limites para se chegar ao mais íntimo dos interesses infantis para lhes captar a atenção. Não necessariamente o desenvolvimento desses negócios se associa a um interesse pela infância.

No senso comum pais e responsáveis são os mais lembrados ao se afirmar que cabe (quase que exclusivamente) a eles conter o uso intensivo e massivo de mídia eletrônica por seus filhos pequenos. No entanto, em diferentes ambientes da vida diária, a mídia eletrônica está presente, escolas, consultórios, transportes, entre outros. Os próprios pais e responsáveis são afetados pela ubiquidade da presença dos meios de comunicação de massa nos diferentes ambientes na vida cotidiana. Trata-se de um contexto social cuja crítica sobre a influência dos *media* encontra-se rebaixada. Observou-se também que questões relacionadas ao modelo de sociedade urbana, em que pais e responsáveis ou por trabalharem ou por não contarem com diferentes apoios, familiar, comunitário, estão oprimidos no tempo que dispõem para dar atenção a seus filhos pequenos. Dessa forma, a mídia ocupa os espaços, tornando as crianças vulneráveis à influência recebida.

No Brasil os *media* fazem parte de oligopólios, ou representam outros oligopólios que são os detentores do poder e do conhecimento sobre os meios de produção e distribuição do audiovisual. Estes grandes conglomerados estão constantemente se comunicando entre si e com seus funcionários e colaboradores, promovendo treinamentos, capacitações, ditando modos de ser e de se comportar. Por meio da mídia eletrônica de massa passam a atingir outras pessoas em diferentes regiões do país. O direcionamento ao consumo de massa é um dos principais motivos, pois é a base do modelo capitalista ainda presente na atualidade. Esses oligopólios

competem entre si sobre quem irá deter o poder de mando no mercado, mas a seu cargo cada um exerce influência constante.

A Constituição brasileira de 1988 compôs os artigos 220 a 224, voltados ao disciplinamento dos meios de comunicação de massa, mas o tema não evoluiu em regulamentação e prática, nem mesmo em atualização das necessidades em função do desenvolvimento da tecnologia. Há informação sobre propriedade cruzada, isto é, o mesmo grupo econômico deter o poder sobre conteúdos de televisão, jornal, rádio e Internet, uma mesma posição colocada em diferentes suportes, como se fosse uma verdade única e colocada de forma repetitiva para promover o convencimento. Informa-se sobre a influência de políticos que detêm concessões de mídia, entre outras irregularidades já apontadas. Portanto, é necessário, ainda, que haja um processo evolutivo para que o interesse público seja preponderante. A Constituição de 1988 indicou que há no país carências de reconhecimento e exercício da cidadania por diferentes grupos sociais, principalmente de ordem étnico/racial e gênero, de modo que políticas e ações protetivas precisam ser adotadas, atualizadas e mantidas. A dívida social acumulada com esses grupos menos favorecidos demonstra haver pouca atenção com a diferença, isso se reflete em todas as esferas sociais, principalmente a midiática.

Conforme fundamentou-se neste texto sobre o que apontaram outros estudos, ao se tratar todos os usuários de mídia eletrônica como potenciais consumidores, existem diferentes observações que se pode fazer sobre isso. De um lado valoriza-se o interesse por distinção para a camada social que pode consumir, por outro lado, demonstra-se total desatenção com a diversidade entre os grupos sociais. Em países com menor nível de desigualdade, isso pode até passar despercebido, mas em países com o nível de desigualdade acentuada como se apresenta nas estatísticas brasileiras isso é significativo. Pode-se considerar pouca sensibilidade dos grupos de maior poder aquisitivo, o que pode se refletir nos conteúdos de produção audiovisual e menosprezar a necessária atenção e cuidado com a infância.

Os especialistas na questão da infância têm diferentes olhares para esse período de vida humana. No entanto, a visão de uso da tecnologia como sinônimo de progresso parece ser muito acordada socialmente, necessitando haver espaços de contraponto na sociedade, conforme apontado no Capítulo II. Conselhos de Comunicação Social em nível municipal, estadual e federal, seriam um desses espaços, mas não estão estabelecidos porque, entre outros, esse capítulo da

Constituição ainda não foi regulamentado.

Mesmo especialistas tendo apontado sobre a importância das interações presenciais, principalmente no período da infância, como uma forma de desenvolvimento cognitivo e social, há carência de investimentos em políticas públicas visando a atenção social e comunitária com a infância e suas famílias. Há a necessidade de se construírem espaços públicos, áreas comunitárias em que a criança possa brincar, receber atenção, interagir com outras crianças e adultos, receber afeto e socializar suas experiências. Com a ausência de uma estrutura mínima comunitária os pais ficam sobrecarregados, especialmente quando se considera a diluição dos núcleos familiares mais numerosos. Essas crianças às vezes têm apenas a mãe, que por sua vez também pode estar hiperdemandada com os afazeres domésticos e com uma jornada de trabalho extensa⁴³. A ausência desses investimentos propicia que se utilize a mídia como uma limitada solução que atende preponderantemente a interesses privados.

O desenvolvimento das competências que reconhecem a interdependência humana (VARELA, 1992; KASTRUP, 2008) está relacionada à percepção dos afetos, ao uso dos sentidos, aos cuidados e atenção com o desenvolvimento social da criança. O uso do corpo e seus diferentes sentidos é indispensável nos processos interacionais humanos, mas com o uso frequente e massivo direcionamento da atenção para aparatos eletrônicos restringe-se a organização do tempo e as condições de desenvolvimento saudável nesse período da infância. Portanto, este estudo demonstrou que crianças precisam estar acompanhadas por adultos e ter orientação para acessarem aparatos eletrônicos em tempo restrito e com o monitoramento adulto de conteúdo, já que a criança tem sido crescentemente alvo de assédio comercial.

⁴³ No Brasil isso é especialmente grave na medida em que se tem informações levantadas pelo IPEA, tais como: “Número de lares chefiados por mulheres sobe de 23% para 40% em 20 anos” (TAIAR, 2017). Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4889492/numero-de-lares-chefiados-por-mulheres-sobe-de-23-para-40-em-20-anos>>. Acesso em 14.02.2018.

REFERÊNCIAS

ABREU, Shirley Elziane Diniz. **A criança em acolhimento institucional e o direito humano à educação infantil**: sob as teias do abandono. Tese de doutorado em Educação. 2010. UFPB, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa, 2010.

ADLER, Stephen Paul. **Hipnose Ericksoniana**: Estratégias para a Comunicação Efetiva. São Paulo: Editora Qualitymark, 2010.

ALVES, Gabriel. Trocando corrida pelo celular, crianças podem perder habilidade motoras. Folha de São Paulo. Equilíbrio e Saúde. 04/02/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2015/02/1584824-trocando-corrida-pelo-celular-criancas-podem-perder-habilidades-motoras.shtml>>. Acesso em 30.01.2016.

ANDERS, Günther. **La obsolescencia del hombre** – sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial. Valencia: Pre-Textos, 2011.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1986.

BAITELLO JR., Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 12, n. 4, 1998.

_____. Vítimas de um bombardeio de imagens. E da violência. In: **CISC** – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Entrevista ao JT em 25/07/99.

_____. A mídia como droga. In: **CISC** – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. GHREBH - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, outubro/2003, n. 04. ISSN 1679-9100.

_____. **A Era da Iconofagia** – Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **O pensamento sentado** – Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

_____. Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento. In: **Flusser Studies 03** – November 2006. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-03-november-2006>. Acesso em 25.09.2014.

BANDURA, Albert. Teoria da aprendizagem social. Documento no Youtube. 1960. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ScY1xQlyNmc>>. Acesso em 19.05.2016.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova Barros. O imaginário e a hipostasia da comunicação. **PPGCOM – ESPM**, Comunicação, Mídia e Consumo. ano 10. v. 10 n. 29, p. 13-29. set./dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação de pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. In: **GHREBH** - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, nº 08, jul/2006.

_____. Por uma antropologia da imagem. In: **Concinnitas** - Revista BUCKINGHAMdo Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. a. 6, v. 1, nº 8, jul/2005.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1986.

BERMAN, Morris. **El reencantamiento del mundo**. Santiago: Editorial Cuatro Vientos, 1987.

BRASIL. Secretaria da Direitos Humanos. CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Norma 163** de 13 de Março de 2014. “Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente”. D.O.U. No 65, sexta-feira, 4 de abril de 2014.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 22.05.2014.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 22.05.2014.

BRASIL. Cidadania e Justiça. Mulheres comandam 40% dos lares brasileiros. Internet. Publicado: 08/05/2015.

BRASIL. Brazil's Observatory of Gender Equality. Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Original publicado em 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 10.02.2018.

BUCKINGHAM, David. Repensando a criança-consumidora. **Comunicação, Mídia e Consumo São Paulo**, ano 9, vol. 9, n. 23, p. 43-72, ago'2012.

CAFÉ FILOSÓFICO CPFL. Infância e Memória. Curadora: JERUSALINSKY, Julieta. Palestrante: PRATA, Antonio. Youtube. Publicado em 11.03.2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hWIGbTQoYfo>>. Acesso em 14.03.2018.

CAMPBELL, Joseph; KELEMAN, Stanley. **Mito e Corpo**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos** – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CARR, Nicholas. “A Internet mudou a nossa percepção do tempo”. Entrevista a Joana Gorjão Henriques. **Público**. Portugal, 28/11/2012. Disponível em: <<http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/a-internet-mudou-a-nossa-percepcao-do-tempo-1573458>>. Acesso em 25.10.2013.

_____. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARTA CAPITAL. Seis brasileiros têm a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres. Da Redação, publicado 25/09/2017 10h07. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/seis-brasileiros-tem-a-mesma-riqueza->

que-os-100-milhoes-mais-pobres>. Acesso em 31.10.2017.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. **Mídia e Psicologia** – produção de subjetividade e coletividade. Brasília: CFP, 2009.

_____. **Contribuição da Psicologia para o fim da publicidade dirigida à criança** – publicação do Conselho Federal de Psicologia. Brasília-DF, 2008. Disponível em: <site.cfp.org.br/wp-content/uploads/.../cartilha_publicidade_infantil.pdf>. Acesso em 05.04.2014.

_____. **Contribuições da Psicologia para a 1ª Conferência Nacional de Comunicação**. Brasília, DF: CFP, 2009. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/12/confecom.pdf>>. Acesso em 21.12.2012.

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos de Crianças e Adolescentes. Resolução nº 163/2014. Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente. Publicada em 13.03.2014. Brasília-DF, 2014.

CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária. **Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária**. São Paulo: CONAR, 1980. Disponível em: <<http://www.conar.org.br/codigo/codigo.php>>. Acesso em 22.05.2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 1, 2009. Brasília, DF. **Caderno 1ª CONFECOM**. Publicação do Ministério das Comunicações. Edição Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 10.06.2010, 204 p.

CONTRERA, Malena Segura. Imaginário e Mídia. **GPIImagem**. Grupo de Pesquisa Imagem e Ideologia. 2012. Disponível em: <<http://gpimagem.wordpress.com/2012/07/31/imaginario-e-midia/>>. Acesso em 13.04.2013.

_____. **Mediosfera** – meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Seminário** - Imaginário: Sociosfera ou Noosfera? 7/3 a 11/4/2016. São Paulo: UNIP - campus Indianópolis, 2016.

_____. Ontem, hoje e amanhã – sobre os rituais mediáticos. Revista **FAMECOS**. Porto Alegre, no 28, dez/2005.

_____. **Mídia e Pânico** – saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Anablume, 2002.

CONTRERA, Malena Segura; BAITELLO JUNIOR, Norval. Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. **Significação** – Revista de Cultura Audiovisual. São Paulo, v. 33, n. 25, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65623>>. Acesso em 27.05.2014.

CORSARO, William Arnold. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças. **Educação, Sociedade & Cultura**, n. 17, 2002, p. 112-134.

_____. **The sociology of childhood**. Califórnia: Pine Forge, 1997.

CRIANÇA E CONSUMO. Notícias. Entenda a resolução que define a abusividade da publicidade infantil. Publicado em 17.04.2014. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/noticias/entenda-a-resolucao-que-define-a-abusividade-da-publicidade-infantil/>>. Acesso em 03.10.2017.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

_____. **Do sexto sentido** – o homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. Entrevista com Boris Cyrulnik. Sociedade Antroposófica. Publicado em 2016. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/sabeventos/73-evento/resiliencia/189-entrevista-com-boris-cyrulnik>>. Acesso em 01.09.2017.

_____. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EBC – Empresa Brasileira de Comunicação S/A. Brasil tem quase 900 mil processos sobre violência contra a mulher em tramitação. **Agência Brasil**. Direitos Humanos. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/brasil-tem-quase-900-mil-processos-sobre-violencia-contra-mulher-em>>. Acesso em 10.10.2017.

EBC – Empresa Brasileira de Comunicação S/A. Direitos Humanos. Brasil tem pior cenário de pluralidade da mídia em 12 países analisados pelo RSF. Brasília-DF. Publicado em 02.02.2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-02/brasil-tem-pior-cenario-de-pluralidade-da-midia-em-12-paises>>. Acesso em 10.02.2018.

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T.. **Manual de Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda., 2017.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. Verbete: Adgnose. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação** (Org.). São Paulo: Paulus, 2014.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas** – elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura** – agir social, rituais e jogos, produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

GIRARD, René. **O bode expiatório e Deus**. Covilhã: LusoSofia:Press, 2008.

GOERGEN, Pedro. Prefácio. In: WULF, Christoph. **Antropologia da Educação**. Prefácio de Pedro Goergen. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina e BOCK, Ana Mercês Bahia – A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In Bock, A.M.B. e Gonçalves, M.G.M. (Orgs)–**A Dimensão Subjetiva da Realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Ed.

Cortez, 2009, p.116-157.

GRACE AND FRANKIE. Episódio: A Festa. Diretor: Wendy Stanzler. 2a. temp. ep. n.12. Produção Netflix. 2016.

GRIM - Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia da Universidade Federal do Ceará. Acervo disponível em: <<http://www.grim.ufc.br/>>. Acesso em: 16.05.2014.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário** – sociedades indígenas e a cidentalização no México espanhol Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **La guerra de las imágenes**. Carretera Picacho-Ajusco: Fondo de Cultura Económica, 1994.

G1. Globo.com. SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com internet. Fantástico. Publicado em 06.11.2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/11/sbp-lanca-cartilha-sobre-como-criancas-devem-lidar-com-internet.html>>. Acesso em 10.02.2018.

G1. Globo.com. Bahia. Recém-nascida é abandonada em caixa de papelão na Bahia”. Publicado em 07.05.2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/rece-m-nascida-e-abandonada-dentro-de-caixa-de-papelao-na-bahia.ghtml>>. Acesso em 17.09.2017.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

INSTITUTO ALANA. **Criança a alma do negócio**. Disponível em: <<http://defesa.alana.org.br/post/28846064502/crianca-a-alma-do-negocio-mostra-como-no-brasil>>. Acesso em: 16.05.2014.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. Instituto lança versão atualizada do estudo ‘Donos da Mídia’. Publicada em 10.10.2008. **Observatório do direito à comunicação**. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=21942>>. Acesso em 10.02.2018.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. Raio X da ilegalidade: políticos donos da mídia no Brasil. Publicada em 01.08.2016. **Observatório do direito à comunicação**. Disponível em:

<<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29753>>. Acesso em 10.02.2018.

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Retrato das Desigualdades - gênero e raça. 4a. ed. Brasília-DF, 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em 18.09.2017.

IVRENDI, Asiye; ÖZDEMİR, Atiye Adak. Mother's evaluation of cartoons'influence on early childhood children. **Procedia** - Social and Behavior Sciences, n. 2, 201, p. 2561-2566, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

KANYAL, Mallika; COOPER, Linda. *Young children's perceptions of their school experience: a comparative study between England and India*. **Procedia** - Social and Behavioral Sciences, n. 2, 2010, p. 3605–3613.

KASTRUP, Virgínia. Simpósio 3 - estratégias de resistência e criação. Competência ética e estratégias de resistência. In: GUARESCHI, N. (Org.). **Estratégias de invenção do presente**: a psicologia social do contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 120-130.

LEIS, Héctor Ricardo. Uma viagem interdisciplinar ao lado oculto da problemática ambiental na modernidade. In: **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**. Florianópolis. UFSC. Vol. 07. Ano 2. 2010. DOI: 10.5007/1807-1384.2010v7n2p19.

LELIS, Monik Costa Florian. **Construindo o consumidor mirim**: a utilização de desenhos animados e filmes como estratégia de consumo infantil. 2016. 111 p. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Campus Indianópolis. São Paulo, 2016.

LIMA, Venício. Exclusão de vozes é característica da história política do Brasil. SOARES, João Pedro. Entrevista. **CartaCapital**. Sociedade. publicada em 24/05/2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/exclusao-de-vozes-e-caracteristica-da-historia-politica-do-brasil>>. Acesso em 24.05.2016.

LORENZ, Konrad. **A demolição do homem** – crítica à falsa religião do progresso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LUSA - Agência de Notícias de Portugal. As crianças que dormem menos de 10 horas por noite na primeira infância tem mais probabilidade de terem problemas cognitivos e de comportamento quanto entram para a escola, mesmo que normalizem os padrões de sono, revela um estudo. Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/mundo/criancas-pequenas-que-dormem-pouco-tem-mais-problemas-quando-entram-para-a-escola_n139904>. Acesso em 30.01.2016.

MARINONI, Bruno. Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil. In: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, Análise N° 13/2015, nov'2015, Intervenções – Coletivo Brasil de Comunicação Social, São Paulo, 2015.

MARTINS, Helena. Brasil tem quase 900 mil processos sobre violência contra a mulher em tramitação. **EBC** – Agência Brasil de Comunicação. Direitos Humanos. Publicada em 10.10.2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/brasil-tem-quase-900-mil-processos-sobre-violencia-contra-mulher-em>>. Acesso em 10.02.2018.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco G.. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Workshopsy – Livraria, Editora, Promotora de Eventos, 1995.

MIKLOS, Jorge; ROCCO, Agnes de Sousa Arruda. Ecologia da comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação social cidadã. **Paulus** - Revista de Comunicação da Fapcom, v.2, n. 3, São Paulo, 1o. Sem. 2018.

MIKLOS, Jorge; TORRES, Leonardo. O hipostasiamento dos aparatos eletrônicos: do corpo a alienação. **Quanta Comunicação e Cultura**, v. 01, n. 01, Resende, 2015.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **A descoberta e a vivência do virtual: experiências infantis**. Florianópolis: DIOESC, 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas do século XX** – o espírito do tempo 1 - Neurose. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2002.

_____. **El Método IV – Las ideas**. Editions du Seuil, 1994.

_____. **Enigma do Homem** - para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. **O homem e a morte**. Men Martins Codex: Publicações Europa-América, LDA, 1988.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: RIMÉ, Bernard. **La compartición social de las emociones**. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 2011.

NASSIF, Maria de Fátima, SCHIAVO, Sueli Ferreira. Roda de conversa: publicidade dirigida à crianças e propaganda subliminar. In: **2a. Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**. CFP. São Paulo, 22.09.2012.

NOSSAS NOITES (título original: *Our Souls at Night*). Diretor: Ritesh Batra. EUA, produzido pela Netflix, 2017.

PAGANI, Linda S.; FITZPATRICK, Caroline; BARNETT, Tracie A.; DUBOW, Eric. Prospective associations between early childhood television exposure and academic, psychosocial, and physical well-being by middle childhood. **Arch Pediatr Adolesc Med.**, 2010, n. 164(5), p. 425-431.

PALANGA, Izilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: A Relevância do Social**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

PAPP, Anna Carolina. Desigualdade no Brasil é o dobro da oficial. Estadão. Economia & Negócios. Publicado em 14.04.2018. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,desigualdade-no-brasil-e-o-dobro-da-oficial,70002267741>>. Acesso em 14.04.2018.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PMSP. Programa *Wifi* livre São Paulo. Disponível em: <<http://wifilivre.sp.gov.br/index.php>>. Acesso em 20.10.2016.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PROSS, Harry. Violencia simbólica y violencia física. In: **CISC – Centro Interdisciplinar de Estudos de Semiótica da Cultura**, 1991.

_____. **La violencia de los simbolos sociales**. Barcelona: Anthropos, 1989.

_____. **Estrutura simbólica del poder**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1980.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 41, p. 729-750, set/dez, 2010.

RENNER, Estela. O mundo da infância, pela diretora de “O começo da vida”. GABERLILINE, Pedro. Entrevista. **Jornal GGN**. Publicada em 22.05.2016. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/o-mundo-da-infancia-pela-diretora-de-no-comeco-da-vida>>. Acesso em 24.05.2016.

RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmento: Infância, Corpo e Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, set. 2015, p. 11-37. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/2182/1153>>. Acesso em 18.07.2017.

RIDEOUT, Victoria; HAMEL, Elizabeth. The media family: electronic media in the lives of infants, toddlers, preschoolers and their parents. **Kaiser Family Foundation**, may/2006, p. 1-35.

RIMÉ, Bernard. **La compartición social de las emociones**. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 2011.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madrid: El Viejo Topo, 2004.

ROSEN, I.D.; LIM, A.F.; FELT, J.; CHEEVER, N.A.; LARA-RUIZ, J.M.; MENDOZA, J.S.; ROKKUM, J.. Media and technology use predicts ill-being among teenagers independent of the negative health impacts of exercise and eating habits. **Computers in Human Behavior**, n. 35, 2014, p. 264-375.

R7. Estudo revela que brasileiro passa mais de nove horas por dia na internet”. Tecnologia e Ciência. Publicado em 22/02/2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/estudo-revela-que-brasileiro-passa-mais-de-nove-horas-por-dia-na-internet-23012015?>>. Acesso em 14.08.2017.

RÜDIGER, Francisco. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. **Revista Matrizes**. A. 5, N. 1 jul./dez, 2011, São Paulo, p. 45-61.

_____. Cibercultura. MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

SACKS, Oliver. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras**

histórias clínicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SADER, Emir. Capitalismo, o que é isto? **Carta Capital**, Ideias, publicado em 06/01/2011. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/capitalismo-o-que-e-isso>>. Acesso em 12.09.2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **Oficina do CES n. 135**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, jan. 1999

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005.

SCHIAVO, Sueli Ferreira Schiavo. **Carências de Conselhos Curadores e regras de programação nas concessões públicas de Mídia - Classificação Indicativa instrumento para garantia de direitos de crianças e adolescentes**. In: Documento do Sistema Conselhos de Psicologia. Brasília, 2014.

_____. Desafios à infância: vínculos comunicacionais, mídia e resiliência. In: Congresso Internacional Comunicação e Consumo - Comunicon'2014, **GT3** - Comunicação e Consumo: Infâncias, São Paulo. Anais... São Paulo: ESPM, 2014.

_____. Crianças hiperexpostas à mídia eletrônica. In: **I Encontro Binacional de Estudos do Consumo Brasil e África do Sul** - Comunicon'2014, Resumos... São Paulo: ESPM, 2014.

_____. Há uma guerra de imagens contra a infância. In: 1º Simpósio Internacional de Imagem e Inserção Social. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2013.

_____. O custo social do consumo das imagens mediáticas em Hans Belting. Trabalho apresentado à Sessão Temática 2. Imagem, Imaginação e Imaginário do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, São Paulo, 11, 12 e 13 de nov./2015.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Na órbita do imaginário**: comunicação, imagem e os espaços da vida. São José do Rio Preto: UNIP, 2012.

SILVA, Maurício Ribeiro da; BAITELLO JR., Norval. Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. **XXII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de jun./2013. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_1994.pdf>. Acesso em 10.02.2017.

SOARES, Leornado de Souza Torres. **Sobre a tecnossacralidade**: imaginário cultural e dogmatização mercadológica nas ações comunicacionais da Apple Inc.. 2017. 195 p. Dissertação de mestrado em Comunicação. Universidade Palista, campus Indianópolis. São Paulo, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. SODRÉ, Muniz. Palestra do Prof. Muniz Sodré – UERJ (27/04/2015). Audiovisual no Youtube. Rio de Janeiro: **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YziR-KuzkfM>>. Acesso em 13/06/2015.

SOUZA, M. C. de. Métodos de Síntese e Evidência: Revisão Sistemática e Metanálise. INCA, 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/mirian_metodo_de_sintese_e_evidencia.pdf>. Acesso em 23.02.2016.

TAIAR, Estevão. Número de lares chefiados por mulheres sobe de 23% para 40% em 20 anos". Disponível em: **Valor**. Brasil. Publicado em 06.03.2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4889492/numero-de-lares-chefiados-por-mulheres-sobe-de-23-para-40-em-20-anos>>. Acesso em 14.02.2018.

TIBURI, Marcia. Café de Ideias – 10-05-2013. Documento em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jzOcBDynTcA>>. Acesso em 16.05.2016.

TOMOPOULOS, Suzy; VALDEZ, Purnima T.; DREYER, Bernard P.; FIERMAN, Arthur H.; KUHN, Maggie; MENDELSON, Alan L.. Is Exposure to Media Intended for Preschool Children Associated With Less Parent-Child Shared Reading Aloud and Teaching Activities?. **Ambulatory Pediatrics**, v.7, n.1, jan/2007, p.18–24.

VARELA, Francisco J. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1992.

VASCONCELLOS, Paulo. Franklin Martins: "todas as concessões são reguladas. Só rádio e televisão não". **Mídia**. Carta Maior, SP, 29/03/2014. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Franklin-Martins-todas-as-concessoes-sao-reguladas-So-radio-e-televisao-nao-/12/30592>>. Acesso em 19.05.2014.

VERDÉLIO, Andreia. Machismo leva à culpabilização da vítima de violência sexual, diz especialista. **EBC** - Agência Brasil de Comunicação. Direitos Humanos. Publicada em 21.09.2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/machismo-leva-culpabilizacao-da-vitima-de-violencia-sexual-diz>>. Acesso em 10.02.2018.

VILELA, Pedro Rafael. Brasil tem pior cenário de pluralidade da mídia em 12 países analisados pelo RSF. **EBC** – Agência Brasil. Direitos Humanos. Disponível em

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-02/brasil-tem-pior-cenario-de-pluralidade-da-midia-em-12-paises>>. Acesso em 12.10.2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. 2001, Fonte Digital. Disponível em: www.jahr.org. Acesso em 22.04.2014.

WAAL, Frans de. **A era da empatia**: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 2010.

WARTELLA, Ellen; RICHTER, Robb. Más que una niñera - Puntos de vista de los padres sobre los medios de comunicación dirigidos a bebés. **Chasqui** - Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 117, mar/2012, p. 25-32.

WULF, Christoph. **Antropologia da Educação**. Prefácio de Pedro Goergen. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

_____. Mimetic Learning. **Designs for Learning**. V. 1, n.1, march/2008.

_____. Images of Social Life. In: HUPAUF, Bernd; WULF, Christoph (orgs). **Dynamics and Performativity of Imagination**: the images between the visible and the invisible. New York: Taylor & Francis, 2009.

_____. **Homo Pictor** – Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

APÊNDICE

Levantamento

A seguir está apresentada em uma relação do que foi obtido como retorno de busca nas bases de dados pelas palavras-chave: criança, exposição, mídia eletrônica em português e inglês⁴⁴. A organização dos dados nesta pesquisa inclui a data do acesso, título da pesquisa, resumo e uma síntese, data da publicação, país e período em que foi realizada e a base de dados científicas que forneceu os dados coletados. Cada item levantado corresponderá para responder ao problema central desta pesquisa. Os estudos levantados foram organizados de acordo com a categorização que fez parte do que foi percebido dentro do processo de levantamento e análise dos dados obtidos. Apesar de extenso, optou-se por colocar o resumo elaborado pelos autores para conhecimento.

1) Is Exposure to Media Intended for Preschool Children Associated With Less Parent-Child Shared?⁴⁵. Pesquisa publicada em 2006, País do estudo: EUA (NY). Fonte: ScienceDirect.

Esse estudo analisou crianças de 77 famílias que estavam expostas em média a 128 minutos de programação de conteúdo educacional e não educacional. “Encontrou uma associação entre o aumento da exposição [...] e diminuição de atividades de ensino e de leitura em casa [...] a exposição na mídia pode afetar negativamente o desenvolvimento” (TOMOPOULOS et al., 2007), (tradução livre). Logo, observa-se que, dentro do ambiente doméstico, o tempo de exposição à mídia concorre de forma desestimulante com o tempo para atividades de ensino e leitura. Os pesquisadores também apontam que pais com menor nível educacional tendem a prestigiar mais o uso da tecnologia pelos seus filhos. Segue resumo dos autores⁴⁶:

⁴⁴ child, exposure, electronic media.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1530156706002437>>. Acesso em: 07.11.2014

⁴⁶ “**Objective:** To determine whether electronic media exposure is associated with decreased parental reading and teaching activities in the homes of preschool children. **Methods:** A convenience sample presenting for well-child care to an urban hospital pediatric clinic was enrolled. Inclusion criteria were: child’s age 3 to 5 years and not yet in kindergarten. Electronic media exposure (TV, movies/video, computer/video games) was assessed with a 24-hour recall diary and characterized on the basis of industry ratings. Reading aloud and teaching activities were assessed with the StimQ-Preschool READ and PIDA (Parental Involvement in Developmental Advance) subscales, respectively. **Results:** A total

Objetivo: determinar se a exposição à mídia eletrônica está associada com diminuição de atividades de leitura e de ensino dos pais nas casas de crianças pré-escolares. Método: amostra de conveniência apresentada dos matriculados em clínica de pediatria e puericultura do hospital urbano. Os critérios de inclusão foram: idade da criança 3 a 5 anos e ainda não estar no jardim de infância. Exposição à mídia eletrônica (TV, cinema/vídeo, computador/videogames) foi avaliada com um lembração diária de 24 horas e caracterizada com base em avaliações da indústria. Ler em voz alta e atividades de ensino foram avaliadas com o *StimQ-Preschool READ and PIDA (Parental Involvement in Developmental Advance)* subescalas, respectivamente. Resultados: Foi acessado um total de 77 famílias. As crianças foram expostas a um período significativo (SD) 200.8 (128.9) minutos por dia em média, incluindo 78.2 (63.7) minutos de jovem educacional orientada para a criança, 62.0 (65.6) de não jovem educacional orientada para a criança, 14.8 (41.4) minutos de idade escolar/*teen-oriented*, e 29.2 (56.6) minutos de mídia orientada para adulto, bem como 16.6 (47.5) minutos de mídia sem um tipo conhecido. Um total de 79.2% visto 2 ou mais horas por dia. Exposição não jovem educacional orientada para a criança foi associada com menor leitura (coeficiente de correlação semiparcial [SR] = -0.24, P = .02) e ensino (SR = -0.27, P = .01). Conclusões: Esse estudo encontrou uma associação entre aumento de exposição à mídia não jovem educacional orientada para a criança com o decréscimo de ensino e leitura de atividades em casa. Essa associação representa um mecanismo pelo qual a exposição à mídia poderia desenvolver um efeito adverso (TOMOPOULOS et al., 2007) (tradução livre).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à análise da aplicabilidade da teoria dos neurônios espelho.

2) Media and technology use predicts ill-being among children, preteens and teenagers independent of the negative health impacts of exercise and eating habits⁴⁷. Pesquisa publicada em 2014. País do estudo: EUA (CA). Fonte: ScienceDirect.

Essa pesquisa analisa que há por parte da Academia Americana de Pediatria uma recomendação de que crianças menores de 2 anos de idade têm tempo limitado de exposição à mídia eletrônica, mas lembra que não há recomendação similar no

of 77 families were assessed. Children were exposed to a mean (SD) of 200.8 (128.9) minutes per day of media, including 78.2 (63.7) minutes of educational young child-oriented, 62.0 (65.6) minutes of noneducational young child-oriented, 14.8 (41.4) minutes of school age/teen-oriented, and 29.2 (56.6) minutes of adult-oriented media, as well as to 16.6 (47.5) minutes of media of unknown type. A total of 79.2% watched 2 or more hours per day. Noneducational young child-oriented exposure was associated with fewer reading (semipartial correlation coefficient [SR] = -0.24, P = .02) and teaching (SR = -0.27, P = .01) activities; similar relationships were not found for other media categories. Children exposed to 2 or more hours of total electronic media per day had 1.6 (95% confidence interval, 0.4–2.9) fewer days per week of reading than children exposed to less than 2 hours (SR = -0.27, P = .01). **Conclusions:** This study found an association between increased exposure to noneducational young child-oriented media and decreased teaching and reading activities in the home. This association represents a mechanism by which media exposure could adversely affect development”.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S074756321400048X>>. Acesso em 07.11.2014.

caso de pré-adolescentes e adolescentes, que dispõem diariamente de muito tempo no uso de mídia eletrônica. O estudo indicou que os hábitos alimentares da criança associados com a reduzida atividade física e aumento do tempo de uso da tecnologia têm relação com a obesidade, problemas com a atenção e prejuízos à saúde. Segue resumo dos autores:⁴⁸

A Academia Americana de Pediatria recomenda nenhum momento tela para crianças menores de 2 anos de idade e tempo de tela limitado para todas as crianças. No entanto, nenhuma dessas orientações foram propostas para pré-adolescentes e adolescentes. Além disso, a pesquisa mostra que as crianças, pré-adolescentes e adolescentes estão usando enormes quantidades de mídia e aqueles com mais tempo de tela tem sido demonstrado que têm aumento da obesidade, atividade física reduzida e diminuição da saúde. Este estudo examinou o impacto da tecnologia em quatro áreas de problemas de mal-estar psicológico, problemas de comportamento, problemas de atenção e meio físico crianças (4-8), pré-adolescentes (9-12) e adolescentes (13-18) tendo 1.030 pais completado uma pesquisa online, anônimo sobre a seu próprio comportamentos e o de seus filhos. Medidas incluíram o uso diário de tecnologia, consumo diário de alimentos, exercício diário, e saúde. Hipótese 1, a qual postula que uma alimentação não saudável prevê prejuízos mal-estar, foi parcialmente apoiado, especialmente para crianças e pré-adolescentes. Hipótese 2, que postulava que reduzindo a atividade física poderia prever diminuição dos níveis de saúde, foi parcialmente apoiada por pré-adolescentes e apoiada por adolescentes. Hipótese 3, que o aumento do uso diário de tecnologia poderia prever mal-estar após fatoração de hábitos alimentares e atividade física, foi apoiada. Para as crianças e pré-adolescentes, o consumo total de mídia previu estar doente, enquanto para pré-adolescentes tecnologia específica utilizada, incluindo jogos de vídeo e de comunicação eletrônica, previu mal-estar. Para os adolescentes, quase todo tipo de atividade tecnológica previu problemas de saúde. implicações práticas foram discutidas em termos de definição de limites e fronteiras no uso da tecnologia e estímulo à alimentação saudável e atividade física em casa e na escola (ROSEN et al., 2014), (tradução livre).

⁴⁸ “The American Academy of Pediatrics recommends no screen time for children under the age of 2 and limited screen time for all children. However, no such guidelines have been proposed for preteens and teenagers. Further, research shows that children, preteens, and teenagers are using massive amounts of media and those with more screen time have been shown to have increased obesity, reduced physical activity, and decreased health. This study examined the impact of technology on four areas of ill-being—psychological issues, behavior problems, attention problems and physical health—among children (aged 4–8), preteens (9–12), and teenagers (13–18) by having 1030 parents complete an online, anonymous survey about their own and their child’s behaviors. Measures included daily technology use, daily food consumption, daily exercise, and health. [Hypothesis 1](#), which posited that unhealthy eating would predict impaired ill-being, was partially supported, particularly for children and preteens. [Hypothesis 2](#), which posited that reduced physical activity would predict diminished health levels, was partially supported for preteens and supported for teenagers. [Hypothesis 3](#), that increased daily technology use would predict ill-being after factoring out eating habits and physical activity, was supported. For children and preteens, total media consumption predicted illbeing while for preteens specific technology uses, including video gaming and electronic communication, predicted ill-being. For teenagers, nearly every type of technological activity predicted poor health. Practical implications were discussed in terms of setting limits and boundaries on technology use and encouraging healthy eating and physical activity at home and at school” (ROSEN et al., 2014).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à análise do lugar do corpo na sociedade mediática.

3) Mothers' evaluation of cartoons' influence on early childhood children⁴⁹. Pesquisa publicada em 2010. País de estudo: Turquia. Fonte: ScienceDirect.

Esse estudo buscou investigar “os pensamentos das mães sobre a influência dos desenhos animados em seus filhos”. Atingiu cerca de 117 retornos de 223 questionários iniciais e chegou à conclusão que, estatisticamente observado, pais com nível educacional mais elevado se preocupam com a influência dos “desenhos animados” sobre as crianças. Considerou questões como o acesso à televisão como entretenimento, informação ou necessidade. Segue resumo dos autores⁵⁰:

O objetivo deste estudo é investigar os pensamentos das mães sobre a influência dos desenhos animados em seus filhos pequenos. Duzentas e vinte e três mães de crianças pré-escolares e de jardim da infância preencheram e devolveram um formulário de informação demográfica e questionário "Avaliação das mães sobre Desenhos Animados". ANOVA's foram computadas para examinar os efeitos das características demográficas e variáveis relacionadas à televisão e os pensamentos das mães sobre desenhos animados. Mães e nível educacional, idade das crianças, duração de pai-filho de ver televisão diariamente e sua percepção sobre o que a televisão afeta em seus pensamentos sobre desenhos animados e a 'influência' sobre as crianças (IVRENDI, ÖZDEMİR, 2010) (tradução livre).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à análise relativa ao monitoramento dos adultos para o uso da mídia.

4) Young children's perceptions of their school experience: a comparative study between England and India⁵¹. Pesquisa publicada em 2010. País de estudo: Reino Unido. Fonte: ScienceDirect.

Esse estudo faz uma análise comparativa de crianças de dois países com significativas diferenças culturais, Inglaterra e Índia. Aponta que condições

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042810004131>>. Acesso em 07.11.2014.

⁵⁰ “The purpose of this study is to investigate mothers' thoughts about the influence of cartoons on their young children. Two hundred twenty three mothers of preschoolers and kindergarteners completed and returned a demographic information form and “Mothers' Evaluation of Cartoons” questionnaire. ANOVAs were computed to examine the effects of demographic characteristics and television related variables on mothers' thoughts about cartoons. Mothers' educational level, children's age, parent-child length of daily television watching and their perception of television affected their thoughts about cartoons' influence on children” (IVRENDI, ÖZDEMİR, 2010).

⁵¹ Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042810006002>>. Acesso em 07.11.2014.

socioculturais e econômicas distintas podem interferir na forma como a criança reconhece o espaço escolar e as oportunidades de atividades externas. Utiliza diferentes técnicas na metodologia e entre elas o uso de aparatos tecnológicos pelas crianças pequenas, para a composição de vídeos, fotos, com iniciativas que envolvem a criatividade, interesse pela atividade integrativa tanto inserida quanto externa ao ambiente escolar. Segue resumo dos autores:⁵²

A pesquisa visa explorar as percepções da experiência escolar de crianças pequenas usando três diferentes perspectivas teóricas (mas interrelacionadas): a interacionista e as perspectivas sistêmica e sociocultural. Doze crianças de cinco-seis anos de idade da escola primária no sudeste da Inglaterra de um estado financiado e quinze crianças cinco-seis anos de idade de uma escola do câmpus universitário no norte da Índia formaram a amostra do estudo. Foram utilizados três métodos diferentes de coleta de dados qualitativos: (a) desenhos de crianças (b) entrevistas infantis emparelhadas e (c) a evidência fotográfica / vídeo de diferentes áreas da classe / definição, tomada / filmada pelos próprios filhos. Achados da Inglaterra e Índia, ambos, revelaram resultados semelhantes que as crianças gostavam de ir à escola e gostavam de fazer uma série de atividades com professor(es) e amigos. Eles no entanto, queriam passar mais tempo fora. Suas percepções sobre por que eles frequentam a escola variou de razões impostas pelo adulto para aquilo que poderia ser um benefício para si mesmos. A principal diferença entre os dois grupos foi em suas percepções do espaço exterior e a utilização de instalações escolares. Estas diferenças podem ser atribuídas ao estado sociocultural e situação econômica diferente das definições nos respectivos países. Estas diferenças são entendidas e discutidas em relação a diferentes perspectivas teóricas, como mencionado anteriormente. (KANYAL; COOPER, 2010) (tradução livre).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à estética, ao uso do corpo e ao imaginário pelo viés cultural.

5) Más que una niñera: puntos de vista de los padres sobre los medios de comunicación dirigidos a bebés⁵³. Pesquisa publicada em 2012. Publicado em

⁵² "The research aimed at exploring young children's perceptions of their school experience using three different (but interrelated) theoretical perspectives: the interactionist, systemic and socio-cultural perspectives. Twelve five-six year old children from a state funded primary school in south-east England and fifteen five-six year old children from a university campus school in north India formed the sample for the study. Three different methods for collecting qualitative data were used: (a) children's drawings (b) children's paired interviews and (c) photographic/video evidence of different areas of the class/setting, taken/videoed by children themselves. Findings from England and India, both, revealed similar results that children liked coming to school and enjoyed doing a range of activities with their teacher(s) and friends. They however, wanted to spend more time outside. Their perceptions of why they attend school ranged from adult-imposed reasons to those which might be of benefit to themselves. The main difference between the two groups was in their perceptions of the outside space and the use of school facilities. These differences could be attributed to the different socio-cultural and economic state of the settings in respective countries. These differences are understood and discussed in relation to different theoretical perspectives, as mentioned earlier". (KANYAL; COOPER, 2010).

⁵³ Disponível em: <<http://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/5364#.VHTkSFEu4rk>>. Acesso em 13.10.2014.

2012. País de estudo: EUA (CA). Fonte: Revista Latinoamericana de Comunicación – Chasqui.

Esse estudo observou que pais com menor nível educacional acreditam que seus bebês possam ter aproveitamento cognitivo com o uso da mídia eletrônica. Entendem esses pais que o acesso aos DVDs direcionados para bebês tem um valor de oportunidade para o desenvolvimento. Conforme os pesquisadores, há “poucos estudos independentes sobre as atitudes dos pais frente aos meios de comunicação infantil” (WARTELLA; RICHTER, 2012, p. 26), (tradução livre). Segue resumo dos autores:⁵⁴

Crianças menores de dois anos veem meios visuais a maior parte do tempo, apesar das recomendações da Academia Americana de Pediatria (MP, da Academia Americana de Pediatria) que crianças dessa idade não deve se expor a estes meios comunicação. DVD's infantis implícita e explicitamente são comercializados como educacionais, destacando as áreas de conteúdo tais como formas, números, leitura, cores, línguas estrangeiras, música e ciência. Os vídeos do bebê são populares, apesar da pouca evidência de pesquisa dela sobre a sua eficácia de ensino. Setenta e três pais de crianças menores de dois anos foram pesquisados sobre a importância da educação para os media uso educacional e não destinado a bebês. Os resultados mostram que os pais geralmente esperam muito da produção audiovisual orientada para os bebês. Além disso, as famílias de baixa renda e os pais menos escolarizados, são mais propensos a ver essa produção audiovisual positivamente por ser considerada como um recurso cognitivo que não pode ser obtido de outra forma (WARTELLA; RICHTER, 2012) (tradução livre).

Segundo os dados da pesquisa, “mais de 80% dos pais consideraram 'muito' ou 'algo importante' para aprender as cores, as formas, as habilidades de leitura” (WARTELLA; RICHTER, 2012, p. 28), (tradução livre), isso mesmo quando alertados pelos pesquisadores que a visão espacial de uma peça sem o uso do tato não seria desenvolvida, pois é necessário o exercício físico, o contato. Consideraram os pesquisadores que os pais, 9 entre 10 (89,2%) “têm expectativas muito altas [...]

⁵⁴ “Los niños menores de dos años ven medios de comunicación visuales durante gran parte del tiempo, a pesar de las recomendaciones de la Academia Estadounidense de Pediatría (MP, American Academy of Pediatrics) de que los niños de dicha edad no se deben exponer a estos medios de comunicación. Los DVDs infantiles se comercializan implícita y explícitamente como educativos, resaltando áreas de contenido tales como formas, números, habilidades de lectura, colores, idioma extranjero, música y ciencia. Los videos para bebés son populares, a pesar de la escasa evidencia investigativa sobre su eficacia didáctica. Setenta y tres padres de niños menores de dos años fueron encuestados sobre la importancia de los medios de comunicación de uso educativo y no educativo dirigidos a bebés. Los resultados demuestran que los padres generalmente esperan mucho de la producción audiovisual orientada hacia los bebés. Además, las familias con un ingreso económico bajo y los padres con menos educación, tienen una mayor tendencia a ver positivamente dicha producción audiovisual debido a que la consideran como un recurso cognitivo que no se puede obtener de otro modo” (WARTELLA; RICHTER, 2012).

desses tipos de DVD's" (WARTELLA; RICHTER, 2012, p. 28), (tradução livre). Entre as diversas questões analisadas pelos pesquisadores, a situação socioeconômica e o nível educacional dos pais são fatores que têm relação com a perspectiva de uso da mídia dirigida à bebês.

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à fé na tecnologia, uso do corpo e estética.

6) Prospective Associations Between Early Childhood Television Exposure and Academic, Psychosocial, and Physical Well-being by Middle Childhood⁵⁵. Pesquisa publicada em 2010. País de estudo: Canadá. Fonte: JAMA Pediatrics (Journal).

Esse estudo prospectivo longitudinal com 1.314 crianças buscou fazer uma relação entre o uso do tempo com a mídia televisiva e implicação disso ao longo do tempo sobre a massa corporal das crianças aos 10 anos de idade, associando o risco envolvido com o sedentarismo. Segue resumo dos autores:⁵⁶

Objetivo: Estimar a influência da exposição à televisão na primeira infância sobre as características da quarta série acadêmica, psicossociais e estilo de vida. Desenho do estudo longitudinal prospectivo. Definido o Instituto de Estatística de Quebec, Quebec, Canadá. Os participantes um total de 1.314 (de 2120) crianças. Principal exposição dados relatados pelos pais sobre horas semanais de exposição na televisão aos 29 e 53 meses de idade. Foi realizada uma série de regressões mínimos quadrados ordinários com crianças acadêmicos, psicossociais, e características de estilo de vida das crianças são regredidos linearmente ao início da exposição à televisão dos

⁵⁵ Disponível em: <<http://archpedi.jamanetwork.com/article.aspx?articleid=383160>>. Acesso em 10.11.2014.

⁵⁶ **Objective** To estimate the influence of early childhood television exposure on fourth-grade academic, psychosocial, and lifestyle characteristics. Design Prospective longitudinal study. Setting Institut de la Statistique du Québec, Québec, Canada. Participants A total of 1314 (of 2120) children. Main Exposure Parent-reported data on weekly hours of television exposure at 29 and 53 months of age. We conducted a series of ordinary least-squares regressions in which children's academic, psychosocial, and lifestyle characteristics are linearly regressed on early and preschool television exposure. Outcome Measures Parent and teacher reports of academic, psychosocial, and health behaviors and body mass index measurements (calculated as weight in kilograms divided by height in meters squared) at 10 years of age. **Results** Adjusting for preexisting individual and family factors, every additional hour of television exposure at 29 months corresponded to 7% and 6% unit decreases in classroom engagement (95% confidence interval [CI], -0.02 to -0.004) and math achievement (95% CI, -0.03 to 0.01), respectively; 10% unit increases in victimization by classmates (95% CI, 0.01 to 0.05); 13% unit decreases in time spent doing weekend physical activity (95% CI, 0.81 to 2.25); 9% unit decreases in activities involving physical effort (95% CI, -0.04 to 0.00); higher consumption scores for soft drinks and snacks by 9% and 10% (95% CI, 0.00 to 0.04 and 95% CI, 0.00 to 0.02), respectively; and 5% unit increases in body mass index (95% CI, 0.01 to 0.05). Preschool increments in exposure also made a unique contribution to developmental risk. **Conclusions** The long-term risks associated with higher levels of early exposure may chart developmental pathways toward unhealthy dispositions in adolescence. A population-level understanding of such risks remains essential for promoting child development". (PAGANI et al., 2010).

pré-escolares. Medidas de resultado relatos de pais e relatos acadêmicos de professores, psicossociais e comportamentos de saúde medições de índice de massa corporal (calculado como peso em quilogramas dividido pela altura em metros ao quadrado) aos 10 anos de idade.

Resultados: Ajustando para fatores preexistente individuais e familiares, a cada hora adicional de exposição na televisão em 29 meses correspondem a 7% e unidade 6% diminui no engajamento de sala de aula (95% intervalo de confiança [IC], -0,02 para -0,004) e da realização de matemática (95% CI, -0,03 a 0,01), respectivamente; 10% de aumento de unidades em vitimização por colegas (IC 95%, 0,01-0,05); unidade de 13% diminui o tempo gasto para fazer atividade física fim de semana (95% CI, 0,81-2,25); 9% de unidades diminui em atividades que envolvem esforço físico (IC 95%, -0,04 para 0,00); pontuação maior consumo de refrigerantes e lanches por 9% e 10% (95% CI, 0,00-0,04 e 95% CI, 0,00-0,02), respectivamente; e aumentos de unidade de 5% no índice de massa corporal (IC 95%, 0,01-0,05). incrementos pré-escolares na exposição também fez uma contribuição única para o risco de desenvolvimento.

Conclusões: Os riscos de longo prazo associados com níveis mais elevados de exposição precoce podem traçar vias de desenvolvimento em relação a disposições não saudáveis em adolescentes. Uma compreensão de nível de população de tais riscos continua a ser essencial para a promoção do desenvolvimento da criança" (PAGANI et al., 2010) (tradução livre).

Segundo a pesquisadora, de acordo com a percepção dos professores, o abuso do tempo em assistir televisão diminui a atenção orientada para a tarefa bem como a autonomia de orientação para a aprendizagem, entre outras observações.

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à sedação do corpo pelas imagens técnicas.

7) The media family: Electronic media in the lives of infants, toddlers, preschoolers and their parents⁵⁷. Pesquisa publicada em 2006. País de estudo: EUA (NJ). Fonte: The Henri J. Kaiser Family Foundation.

Esse estudo abrangeu 1.051 pais de crianças de 6 meses a 6 anos de idade quanto ao uso da tecnologia com enfoque na condição de oferta e controle sobre o acesso à mídia. Observou que em um dia normal 83% das crianças analisadas tiveram acesso a algum tipo de mídia eletrônica por mais de uma hora de duração. Segue resumo dos autores:⁵⁸

⁵⁷ Disponível em: <kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/.../7500...>. Acesso em 10.11.2014.

⁵⁸ "Many parents of young children are quite enthusiastic about the role media plays in their lives and the impact it has on their kids. [...] The study concerns children ages 6 months to 6 years old. It focuses primarily on the role of electronic screen media in young people's lives, including television, videos or DVDs, computers, and videogames [...] In the public debate about children and media, people on all sides of the issue often end up pointing to the role of parents in monitoring their children's media use, encouraging them to push the "off" button. [...] And a third of children 6 years and under have been allowed to have a TV in their bedroom — mostly to avoid conflicts with parents' or other family members' viewing — and again, those children spend more time watching TV" (RIDEOUT; HAMEL, 2006).

Muitos pais de crianças pequenas são bastante entusiasmados com o papel que a mídia desempenha em suas vidas e o impacto que tem sobre os seus filhos. [...] O estudo diz respeito a crianças com idades entre 6 meses a 6 anos de idade. Ele se concentra principalmente sobre o papel da tela da mídia eletrônica na vida dos jovens, incluindo televisão, vídeos ou DVDs, computadores e videogames [...] no debate público sobre crianças e mídia, as pessoas em todos os lados da questão, muitas vezes acabam apontando para o papel dos pais no acompanhamento uso da mídia de seus filhos, incentivando-os a apertar o botão de "off". [...] E um terço das crianças de 6 anos ou menos foram autorizadas a ter uma TV em seu quarto - principalmente para evitar conflitos com os pais ou outros membros da família de visualização - e, novamente, as crianças passam mais tempo assistindo TV (RIDEOUT; HAMEL, 2006) (tradução livre).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à fé na tecnologia, monitoramento dos pais e sedação do corpo pelas imagens técnicas.

8) Crianças pequenas que dormem pouco têm mais problemas quando entram para a escola⁵⁹. Pesquisa publicada em 2007. País de estudo: Canadá. Fonte: Revista Ciência Hoje.

Esse estudo analisou a questão do sono como um fator importante no desenvolvimento saudável da criança e se contrapõe, por conflitar, por exemplo, no caso de pais que permitem o uso de aparelho de televisão, ou outra mídia eletrônica no quarto da criança. Segue resumo do autor:

O estudo conclui que a falta de sono noturno, especialmente na primeira infância, pode afectar o desempenho cognitivo da criança na escola mesmo que esses padrões de sono se normalizem mais tarde e realça a necessidade de uma criança dormir pelo menos dez horas por noite, especialmente até aos três anos e meio de idade. Jacques Montplaisir acompanhou a evolução anual dos padrões de sono dos cinco meses aos seis anos de idade de 1.492 crianças. Um questionário preenchido pelas mães permitia conhecer a Hiperactividade e Impulsividade (HI), a falta de atenção e horas de sono por dia em cada um daqueles anos de cada criança, que foram sujeitas ainda a vários testes às competências linguísticas, visuais, espaciais e motoras. Foram identificados no estudo quatro grupos, relativamente ao tempo de duração do sono [...] Aconselha ainda medidas de relaxamento antes de dormir, que sejam evitados os alimentos ou as bebidas com cafeína e outros estimulantes. O quarto deve estar sossegado, escuro e não muito quente e a criança não deve adormecer com fome, mas também não deve comer uma grande refeição antes da hora de deitar. (LUZA, 2007).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à análise da

59 Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TFWT2t-5IAJ:www.cienciahoje.pt/index.php%3Foid%3D23071%26op%3Dall+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=us&client=ubuntu>>. Acesso em 23.06.2015.

captação do imaginário a serviço de práticas de consumo.

9) Trocando corrida pelo celular, crianças podem perder habilidade motoras⁶⁰. Pesquisa publicada em 2015. País de estudo: Brasil. Fonte: Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo em 04/02/2015.

Esse estudo analisou entre outros casos, a condição em particular de uma criança que, ligada no uso de aparatos tecnológicos desde pequena, chega aos 11 anos de idade apresentando um quadro de obesidade, “com 1,50m de altura, Heloisa já tinha superado os 80 kg” (ALVES, 2015). Foi considerado que essa criança apresentou limitação quanto ao contato presencial com amigos e colegas, destacando-se pelas “amizades virtuais” (Idem, 2015). Segue resumo do autor:

Menos pega-pega na rua e mais videogames. Resultado: as crianças que cresceram com uma tela na mão podem ter habilidades motoras menores, e a sua dificuldade para correr ou subir em árvores preocupa pais e especialistas. [...] As explicações dos pais para a decadência das brincadeiras físicas misturam a violência urbana - os pais ficam mais tranquilos mantendo os filhos dentro de casa - com o próprio gosto das crianças por aparelhos tecnológicos. [...] Em termos médicos, o ideal é que as crianças façam 60 minutos diários de atividades físicas, diz a endocrinopediatra Denise Ludovico, da Associação de Diabetes Juvenil” (ALVES, 2015).

Essa pesquisa foi selecionada por corresponder neste estudo à análise da questão da fé na tecnologia e a sedação do corpo pelas imagens técnicas.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2015/02/1584824-trocando-corrida-pelo-celular-criancas-podem-perder-habilidades-motoras.shtml>>. Acesso em 04.02.2015.

Tabela 2 – Relação das pesquisas levantadas

Do que tratam as pesquisas de campo e o que envolvem

Número / pesquisa	Pessoas envolvidas	Categorias observadas
1. “encontrou uma associação entre o aumento da exposição [...] e diminuição de atividades de ensino e de leitura em casa [...] a exposição na mídia pode afetar negativamente o desenvolvimento” (TOMOPOULOS et al., 2007), (tradução livre).	77 famílias com crianças de 3 a 5 anos de idade, que estavam expostas em média a 128 minutos diários de programação educacional e não educacional.	aplicabilidade da teoria dos neurônios espelho.
2. o estudo constatou que pré-adolescentes e adolescentes dispõem diariamente de muito tempo no uso de mídia eletrônica e que existe a possibilidade de relação com o aumento da obesidade, atividade física reduzida, e prejuízos à saúde (ROSEN et al., 2014).	1.030 pais de crianças (4-8), pré-adolescentes (9-12) e adolescentes (13-18).	lugar do corpo na sociedade mediática.
3. buscou investigar “os pensamentos das mães sobre a influência dos desenhos animados em seus filhos”. (IVRENDI; ÖZDEMİR, 2010).	117 mães.	monitoramento dos adultos para o uso da mídia.
4. aponta que condições sócio-culturais e econômicas distintas podem interferir na forma como a criança reconhece o espaço escolar e as oportunidades de atividades externas. Analisa o uso de aparatos tecnológicos pelas crianças pequenas, como vídeos, fotos, com iniciativas que envolvem a criatividade, interesse pela atividade integrativa tanto inserida quanto externa ao ambiente.	12 crianças de cinco-seis anos de idade da escola primária no sudeste da Inglaterra de um estado financiado e 15 crianças cinco-seis anos de idade de uma escola do campus universitário no norte da Índia.	estética, o uso do corpo e o imaginário pelo viés cultural.
5. analisa que pais com menor nível educacional acreditam que seus bebês possam ter aproveitamento cognitivo com o uso da mídia eletrônica.	73 pais de crianças menores de dois anos foram pesquisados.	fé na tecnologia, uso do corpo e estética.
6. estudo prospectivo longitudinal buscou fazer uma relação entre o uso do tempo com a mídia televisiva e implicação disso ao longo do tempo sobre a massa corporal das crianças, associando o risco envolvido com o sedentarismo.	1.314 crianças de 29 e 53 meses de idade até os 10 anos.	sedação do corpo pelas imagens técnicas.
7. analisa o uso da tecnologia por crianças pequenas com enfoque nos pais, na oferta e controle sobre o	1.051 pais de crianças de 6 meses a 6 anos de idade.	fé na tecnologia, monitoramento dos pais e sedação do

acesso à mídia.

corpo pelas imagens técnicas.

8. analisou o sono como um fator importante no desenvolvimento saudável da criança que se contrapõe, por exemplo, ao caso de pais que permitem o uso de aparelho de televisão, ou outra mídia eletrônica no quarto da criança.

Mães de 1.492 crianças de cinco meses a seis anos de idade.

captação do imaginário à serviço de práticas de consumo.

9. a condição de uma criança que é muito ligada no uso de aparatos tecnológicos desde pequena e que chega aos 11 anos de idade apresentando um quadro de obesidade.

1 criança de uma família em particular.

fé na tecnologia e a sedação do corpo pelas imagens técnicas.

As categorias e subcategorias (p. 25) elencadas para este estudo têm sua frequência identifica nas pesquisas conforme a síntese abaixo.

Tabela 3– Demonstrativo do número de pesquisas levantadas e origem.

Total de Pesquisas e Estudos (9)	
País de origem	Quantidade/nº
EUA	1, 2, 5, 7
Turquia	3
Reino Unido	4
Canadá	6 e 8
Brasil	9
Total	9 pesquisas